

FUNDIÇÃO DA CALHETA

PROPOSTA DE UM LUGAR PARA O ENCONTRO NA CIDADE
A importância do espaço lúdico para um sentimento de pertença

Faculdade de Arquitectura da Universidade do Porto
Dissertação de Mestrado Integrado em Arquitectura
Docente Orientador Arquitecto Nuno Alberto Leite Rodrigues Grande
Joana Albuquerque e Sousa
Porto 2018

AGRADECIMENTOS

Agradeço ao Arquitecto Nuno Grande,
Aos meus pais e à minha irmã,
À minha família,
E aos meus amigos.

This is an exercise where we try to deepen the importance of ludic space in the city. It is divided into two moments: the first where we perceive the relationship between Man and Play, Space and Ludic, the City and Celebration; and the second, where, after understanding these relations, we make a proposal of a ludic space in the city of Ponta Delgada, intervening in the lot of the Calheta Foundry.

ABSTRACT/RESUMO

Este é um exercício onde procuramos aprofundar a importância do espaço lúdico na cidade. Divide-se em dois momentos: o primeiro onde percebemos a relação entre o Homem e o Jogo, o Espaço e o Lúdico, a Cidade e a Festa; e o segundo, onde, após compreender estas relações, fazemos uma proposta de um espaço lúdico na cidade de Ponta Delgada, intervindo no lote de uma antiga fábrica de fundição na Calheta.



01



02

ÍNDICE

INTRODUÇÃO	13
I. O ESPAÇO LÚDICO COMO ESPAÇO DE ENCONTRO	
1. O Jogo e o Homem	19
2. O Lúdico e o Espaço	33
3. A Festa e a Cidade	51
4. O caso do SESC Pompeia em São Paulo	69
II. O LUGAR DA CALHETA E A PROPOSTA PARA A FUNDIÇÃO	
1. Estrutura	87
2. Continuidade	107
3. Quotidiano	127
4. Proposta	141
CONSIDERAÇÕES FINAIS	213
BIBLIOGRAFIA	217
ÍNDICE DE IMAGENS	223

INTRODUÇÃO

O presente exercício é motivado pela vontade de aprofundar e compreender o conceito lúdico em momentos e espaços da cidade, procurando potencia-lo de uma forma prática, através do projecto urbano.

Este desejo inicial surgiu após o regresso do intercâmbio universitário em Valparaíso. A relação entre as duas culturas, do país de destino e do país de origem - o Chile e Portugal, mais concretamente a ilha de São Miguel - fez com que se levatassem questões sobre uma indetidade relacionada com a vivência do quotidiano e da cidade.

O Chile, com o fim recente da ditadura, em 1990, encontra-se, hoje, numa fase de transição, onde ainda são notórias as marcas da opressão. Com a implementação das medidas liberais dos Chicago Boys, durante o regime, com foco principalmente em questões económicas, muitas questões da vivência dos cidadãos foram deixadas de parte, entre estas o ordenamento das cidades. Os centros urbanos foram concebidos principalmente para a circulação automóvel, como por exemplo Valparaíso em que a relação directa com o mar é sacrificada; e os espaços públicos de estar, como praças e parques, foram encerrados com grades, tendo horário de utilização, castrando a apropriação dos cidadãos. Esta falta de espaços concretos para a utilização colectiva pública, incita a utilizações improvisadas e às vezes marginais perante a lei local. A rua, primeiramente concebida para os carros, é vivida intensamente, com os seus prós e contras, em constantes manifestações das necessidades e vontades da população, de forma explícita com protestos organizados, ou de forma implícita com usos extemporâneos, muitas vezes por falta de recursos.

Ao regressar a São Miguel, com um novo olhar sobre a cidade, indentificámos, também, uma deficiência nos espaços públicos e para além disso um recato na sua utilização, talvez por haver mais recursos e por questões culturais. De repente sentimos, em São Miguel, a falta de alguma da espontaneidade e valorização da força popular, que vimos presentes no quotidiano sul americano. É neste encontro e confronto que re-descobrimos a cultura portuguesa e principalmente a cultura Açoriana.

A espontaneidade e vitalidade que se sente nas ruas da América do Sul é-nos sedutora e estimulante, apesar dos problemas sociais a ela adjacentes; o que nos fez questionar de que forma se pode incentivar esta vivacidade de uma forma recreativa e não problemática.

A esta reflexão inicial, junta-se a vontade de trabalhar sobre algo prático, que nos envolvesse com a nossa comunidade de origem. Participar de alguma forma ao projectar e sugerir uma outra realidade, através da nossa formação. A arquitectura como instrumento para apresentar um projecto político, social e cultural.

Surge, então, a proposta para a Fundação da Calheta. Depois de analisar várias hipóteses, tornou-se evidente a pertinência deste lote. Trata-se de um terreno expectante numa zona esquecida de Ponta Delgada que, apesar de degradada, encontra-se

num ponto de articulação com um enorme potencial dinamizador na cidade.

A dissertação assume um carácter teórico-prático, dividindo-se em dois momentos. O primeiro teórico, para encontrar a ideia central estruturadora das decisões de projecto. E o segundo prático, na concretização do projecto, que procura aproximar as ideias exploradas à realidade, através da proposta de um lugar para o encontro, na cidade de Ponta Delgada.

Na primeira parte, analisamos o “encontro” como acontecimento que contribui para a cultura e para a identidade da comunidade. O “encontro” como um acontecimento lúdico. E o lúdico como acto recreativo, através de estímulos ao participar num outro quotidiano, no fundo o encontro com o outro e com o meio envolvente.

Para compreender melhor estas relações foi necessário o recurso a estudos de outros autores, cujo trabalho fosse motivado pelas mesmas ânsias que nós. Dos vários autores com os quais nos cruzámos, seleccionamos três, de forma a construir uma aproximação ao problema, do ponto de vista de três áreas diferentes, com três escalas distintas: da antropologia, que trata a escala do Homem, com Johan Huizinga; da arquitectura, que trata a escala do espaço, com Aldo van Eyck, e da sociologia, que, entre outras, trata a escala da cidade, com Henri Lefebvre. Dedicámos assim os três primeiros capítulos a cada um dos autores.

A relação entre os três autores, os três pontos de vista e a transversalidade dos temas nas três escalas vai-se densificando. Contudo houve a necessidade de um quarto capítulo que, através de um caso de estudo, demonstrasse a praticidade das ideias defendidas. Neste capítulo introduzimos a arquitecta Lina Bo Bardi, que com o projecto do SESC Pompeia, em São Paulo, resume todas as ideias tecidas nos capítulos anteriores.

Uma vez conscientes dos conceitos de “lúdico” e de “encontro” na organização do espaço, estávamos prontos para o segundo momento do exercício: a intervenção na Fundação da Calheta.

A segunda parte divide-se novamente em quatro capítulos. Os três primeiros correspondem à análise do lugar da Calheta, através das ferramentas adquiridas em cada um dos três primeiros capítulos da primeira parte. Sendo que o quarto capítulo, corresponde mais uma vez ao momento prático de comprovação, onde apresentamos o projecto proposto.



03 Farándula: Cerimónia de recepção aos caloiros da ead PUCV, Valparaíso, 2018.



04 Actividades e jogos da Farándula

I. O ESPAÇO LÚDICO COMO ESPAÇO DE ENCONTRO

1. O JOGO E O HOMEM

“O jogo é, em suma, uma manifestação explícita, quase obscena, de um corpo vivo. Um corpo vivo que joga diz aos outros – tenho tanta energia (isto é: estou tão vivo) que até a posso desperdiçar.”¹

Ao deambular pela cidade, a alegria das ruas e das praças quando se enchem de gente, numa celebração colectiva, é-nos transmitida uma sensação de vivacidade e espontaneidade. Ao procurar compreender melhor esta sensação, foi no “lúdico” que encontramos um conceito que a pudesse definir. A palavra “lúdico” tem origem no latim², resultando da palavra “ludicrum”, que significa “jogo”. Assim sendo, para aprofundar o conceito de “lúdico”, decidimos aprofundar o conceito de “jogo”.

O tema do “jogo”, a prática de actividades sem uma função específica ou objectivo concreto, como fonte de vida e meio criativo, torna-se um foco da prática artística no início do século XX, principalmente no seio dos movimentos dadaísta e surrealista, defendendo a necessidade de espontaneidade e vitalidade humana no quotidiano, como resposta ao espírito tecnicista e à organização mecânica que a indústria introduziu. A necessidade do lúdico no meio social, surge assim como resposta à austeridade do contexto histórico político.

Na iminência da II Guerra Mundial, com a presença do nazismo, o historiador e crítico de arte Johan Huizinga (1872-1945) introduz o conceito de “Homem lúdico”, no livro *Homo Ludens. A study of the play-element in culture* (1938). Neste, o “jogo”³ é defendido como algo sério, elementar ao ser humano, que está na génese da evolução da civilização.⁴ Através da sua estrutura a sociedade expressa a sua interpretação do mundo, contribuindo para o desenvolvimento individual e colectivo.

No livro são enunciadas três características fundamentais para a definição de “jogo”, sendo através da análise destas que começamos a delinear uma aproximação à ideia de espaço lúdico e mais tarde à identificação deste na cidade.

A primeira característica enunciada, é o carácter voluntário do jogo. Este nunca é imposto por uma necessidade física ou por uma obrigação moral, fazendo com que

1 Gonçalo M. TAVARES, *Atlas do Corpo e da Imaginação*, Editorial Caminho, 2013, P.282-284

2 **lúdico** adj. relativo a jogos ou divertimentos; RECREATIVO (do lat. ludicru-, “que diverte; recreativo”). Dicionário da Língua Portuguesa 2011. Porto: Porto Editora, 2010.

ludicrum, n., o jogo; espectáculo; passatempo.

Dicionário latim-português/ português-latim. Porto: Porto Editora, 2010

3 No livro o conceito de “jogo” é tido no sentido mais profundo da palavra, sendo traduzido da palavra “play”, e não da palavra “game”.

4 Segundo Johan Huizinga considerar toda a actividade humana um “jogo” seria uma conclusão metafísica demasiado simplista. A civilização não surgiu do jogo através de um processo evolutivo, no sentido em que algo que era jogo originalmente deixou de o ser passando a ser considerado cultura. Assim como também não seria correcto considerar o jogo mais uma manifestação cultural entre outras. A cultura surge e desenvolve-se na forma de jogo. Johan HUIZINGA, *Homo ludens: a study of the play-element in culture*, Londres: Paladin, 1971, Prólogo?



05 Fotografia de Sérgio Larrain, Filhas de pescadores, Horcone, 1957.

o sujeito que joga ganhe autonomia sobre as suas decisões, tendo uma sensação de liberdade.⁵ Ou seja, no jogo é reconhecida a percepção subjectiva do indivíduo, permitindo-se diferentes formas de apropriação, aceitando a livre vontade do sujeito. Como explica Josep Maria Montaner (1954 -), o reconhecimento da percepção individual e aceitação da subjectividade do sujeito, são noções que se foram desenvolvendo através de distintos autores, ao longo do séc. XIX e meados do séc. XX, e que influenciaram a noção de “espaço”. Com os estudos do filósofo Immanuel Kant (1724 – 1804), introduz-se a valorização da imaginação e da percepção individual, refutando o empirismo positivista.⁶ A arte deixa de ser avaliada segundo um conceito de beleza clássico, demasiado estático para a complexidade da realidade. Desta forma, a concepção de espaço muda substancialmente, deixando de ser um conceito homogêneo e imutável, ligado às três coordenadas perpendiculares de largura, comprimento e profundidade, passando a estar ligado à experiência do indivíduo, e reconhecendo-se a subjectividade da sua percepção e análise.

A experiência individual do sujeito torna-se um factor determinante, surgindo assim a segunda característica fundamental: a finalidade primária do jogo é a própria experiência de jogar. Geralmente os jogadores são motivados pela qualidade da experiência que o jogo oferece, não pela expectativa de alguma utilidade futura. Todos os benefícios funcionais que derivam do jogo são consequência da qualidade dessa experiência, tornando-se este, assim, um complemento da vida, ao ter uma finalidade em si mesmo.

No início do séc. XX, o escultor Adolf Hildebrand (1847 – 1921), retomando a teoria de Immanuel Kant, defende que a obra de arte depende do ponto de vista do receptor e da sua experiência espacial, ou seja o espaço está sempre relacionado com o movimento do sujeito.⁷ Introduce-se assim o factor tempo e, com ele, a noção de relatividade temporal, iniciando-se a valorização da experiência sensorial da obra de arte. A teoria de Adolf Hildebrand desenvolve-se com o historiador Alois Riegl (1858 – 1905), para quem as obras de arte não eram resultado apenas dos materiais, condições técnicas e geográficas, mas também de uma vontade de manifestar uma visão do mundo através de símbolos, imagens e experiências espaciais, atribuindo um significado à obra de arte, desenvolvendo o conceito de arquétipo⁸. Através da experiência sensorial e da percepção e imaginação do sujeito, a obra de arte ganha um significado culturalmente transversal. Transportando essa ideia para o espaço, encontramos a distinção entre espaço e lugar. O espaço, com características objectivas que o definem (métricas, morfológicas e materiais),

5 O autor esclarece que o conceito de liberdade deve ser tido em causa no seu sentido mais amplo, sem entrar no campo da filosofia e em determinismos. Johan HUIZINGA, *Homo ludens: a study of the play-element in culture*, Londres: Paladin, 1971

6 Enquanto no empirismo o conhecimento é adquirido através da experiência sensorial, não existindo conhecimentos a priori, para Kant o conhecimento também é adquirido através dos sentidos, contudo reconhece que o dado empírico não é absoluto, pois a percepção do sujeito é limitada, havendo conhecimentos a priori. Ou seja, os factos adquiridos através da experiência são relativos, não existem factos absolutos.
Sylvain AUROUX, Yvonne Weil, *Dicionário de Filosofia. Temas e Autores.* / Trad. Miguel Serras Pereira. Porto: Edições ASA, 1997

7 Josep Maria MONTANER, *Arquitectura y crítica*, Gustav Gili: Barcelona, 2015. P.27

8 **arquétipo** n.m., **1** modelo; protótipo; paradigma **2** FILOSOFIA (Platão) tipo ideal e supremo de que as coisas concretas são cópias **3** LITERATURA manuscrito de que derivam outros textos **4** pl. PSICOLOGIA (Jung) imagens e símbolos ancestrais que formam, no seu conjunto, o inconsciente colectivo de um povo e se revelam nos contos, lendas populares e tradições (Do gr. *arkhétupon*, “modelo; tipo primitivo”, pelo lat. *arch typu*, “id.”)
Dicionário da Língua Portuguesa 2011. Porto: Porto Editora, 2010.

ao ser experienciado ganha um significado subjectivo, que está relacionado com a percepção de quem o experienciava. Deixa de ser apenas um espaço e passa a ser um lugar no mapa do sujeito. Assim sendo, qualquer espaço, independentemente de ser mais ou menos favorável ao acolhimento de significado, é propício a tornar-se lugar.⁹ Quanto mais rica for a experiência do espaço, mais significados este poderá ganhar, permitindo que haja mais relações, através das quais as pessoas se identificam e se inserem num extenso contexto: “*place is the appreciation of space.*”¹⁰

“(...) *Just as a skeleton is not a person – a human being – unless it has one alive in and around it, so a building is not a building, a place not a place, until it has people in and around it experiencing its positive meaning-potential. They, not the construction, form or materials are the body of space. If space allows people to be alive in it, it will ‘become’ place.*”¹¹

As teorias de Adolf Hildebrand e Alois Riegl, que abordam a relatividade temporal e a subjectividade da experiência espacial, vão influenciar Erwin Panofsky (1892-1968), para quem “*não há estruturas visuais objectivas, nem percepções universais, se não particulares construções realizadas por cada cultura em função da sua visão do mundo.*”¹² No seu trabalho, iniciou-se uma teoria da arte em busca da genesis das formas no seu contexto histórico de criação. Houve um retorno à realidade concreta, em oposição a construções mentais e abstractas¹³, emancipando uma nova consciência fenomenológica¹⁴. A obra de arte deixa de ser analisada como objecto isolado e passa a ser inserida num contexto.

A valorização do contexto e do significado gerado através dele, leva-nos à terceira característica do jogo: a estrutura. É através da estrutura, das regras que definem o espaço-tempo do jogo, que se gera o contexto para os jogadores. São esses limites pré-acordados que determinam o que é válido na esfera temporária do jogo. Uma vez quebrados, a esfera temporária deixa de fazer sentido, a distinção entre o real e o ilusório¹⁵ já não é clara, e o jogo acaba. Desta forma, o espaço-tempo do jogo distingue-se do espaço-tempo do quotidiano e ganha um significado próprio, tornando-se um complemento da vida, não só pela sua essência, a própria experiência de jogar, mas pelo significado que gera, através da estrutura que lhe foi atribuída.

“(...) *In play there is something “at play” which transcends the immediate needs of life and imparts meaning to the action. All play means something.*”¹⁶

9 Sara CAMPONEZ, *Casa | Dispositivo Malévolo | Movimento*, Dissertação de Mestrado orientada pelo Professor Doutor Manuel Augusto Soares Mendes, Faculdade de Arquitectura da Universidade do Porto, Ano lectivo de 2015/ 2016, P.29

10 Aldo VAN EYCK in Francis STRAUVEN, *Aldo Van Eyck: the shape of relativity* / Francis Strauven. - Amsterdam: Architectura & Natura, 1998. P. 418 – procurar referência original no livro do Van Eyck.

11 Aldo VAN EYCK, *The Child, The City And The Artist – An essay on architecture*, Sun, s.l., 1962, p. 67.

12 Josep Maria MONTANER, *Arquitectura y crítica*, Gustav Gili: Barcelona, 2015. P.32

13 Christian NORBERG-SCHULZ, *Genius Loci. Towards a phenomenology of architecture.*, Rizzoli, New York, P.8

14 **fenomenologia** n.f. FILOSOFIA estudo ontológico dos fenómenos, destinado a determinar as suas estruturas, a sua génese e a sua essência

15 “(...) illusion - a pregnant word which means literally “in-play” (from *ilusio*, *illudere* or *inludere*).”, Johan HUIZINGA, *Homo ludens: a study of the play-element in culture*, Londres: Paladin, 1971, P.11

16 Johan HUIZINGA, *Homo ludens: a study of the play-element in culture*, Londres: Paladin, 1971, P.1

A estrutura do jogo é uma criação guardada pela memória, que ao ser repetida em determinadas alturas do quotidiano, ganha uma forma fixa, tornando-se um ritual, e o significado que esta gera ao ser transmitido entre gerações cria uma tradição. Embora o jogo seja o elemento primário, o significado de um acto sagrado vai penetrando--o gradualmente, transformando-o num fenómeno cultural.¹⁷ Assim sendo, o ritual, tal como o jogo, possui um espaço-tempo próprio, à parte do quotidiano, transportando os seus participantes para outra realidade. É a ilusão, a sensação colectiva de alienação da realidade, numa situação excepcional, e a partilhar algo importante, rejeitando as normas do quotidiano, que faz com que a experiência transcenda o indivíduo, tornando-se uma experiência colectiva, uma manifestação social, ganhando um significado comum a todos os que nela participam, gerando um sentimento de pertença.¹⁸ Depois de terminado, a sua influência continua no quotidiano de forma benéfica, dando à comunidade uma sensação de segurança e prosperidade, até à próxima temporada em que se realiza de novo.¹⁹

“It (play) adorns life, amplifies it and is to that extent a necessity both for individual – as a life function – and for society by reason of the meaning it contains, its significance, its expressive value, its spiritual and social associations, in short, as culture function.”²⁰

Através da instituição de regras e limites, o jogo ganha um carácter moral, ético²¹ e estético²² transmitindo uma ordem. Definir uma estrutura, de forma a proporcionar uma vida ordenada, está na génese da sociedade humana, regida por convenções.

“Inside the play-ground an absolute and peculiar order reigns. Here we come across another, very positive feature of play: it creates order, is order. Into an imperfect world and into the confusion of life it brings a temporary, a limited perfection.”²³

Na análise do espaço, assim como no jogo, é a estrutura, a identificação de limites, que define o contexto e, portanto, a identidade do lugar. Segundo o arquitecto e teórico

17 Johan Huizinga distingue as formas de jogo primitivas, associadas às crianças e aos animais, baseadas na recriação de imagens. E as formas de jogo evoluídas, baseadas na ideia de expressar algo, a que chamáramos “vida” ou “natureza”. O que era um jogo sem palavras assume uma forma poética. Nele algo intangível e invisível ganha uma forma concreta, bela e sagrada. Estas estão normalmente associadas a manifestações sociais, como competições, concursos, corridas, performances, exhibições, rituais e festas. Johan HUIZINGA, *Homo ludens: a study of the play-element in culture*, Londres: Paladin, 1971, P.7-10, 17

18 Segundo Huizinga, na sua natureza a relação entre jogo e festa é muito próxima, têm as suas características principais em comum. Ambos estão delimitados no tempo e no espaço; ambos estabelecem regras estritas, com uma liberdade genuína. Ambos proclamam um afastamento do quotidiano, onde domina a alegria e o prazer. E parecem intimamente relacionados com a performance, com a dança, com a música e com o teatro. Johan HUIZINGA, *Homo ludens: a study of the play-element in culture*, Londres: Paladin, 1971, P.21-22

19 Johan HUIZINGA, *Homo ludens: a study of the play-element in culture*, Londres: Paladin, 1971, P.14

20 Johan HUIZINGA, *Homo ludens: a study of the play-element in culture*, Londres: Paladin, 1971, P.9

21 É gerada uma situação ideal de forma a neutralizar factores, exteriores às regras do jogo, que levem à desigualdade entre os jogadores, tornando o jogo tendencioso e, portanto, não tão estimulante. Este sentido de igualdade e justiça revela o lado ético, e também sério, do jogo. Por maior que seja a vontade de vencer, os jogadores devem sempre respeitar as regras do jogo. Ao apelar à capacidade de justiça dos jogadores, passam a estar presentes, também, questões morais. Johan HUIZINGA, *Homo ludens: a study of the play-element in culture*, Londres: Paladin, 1971, P.10

22 A maior parte dos atributos que usamos para caracterizar ambos são os mesmos: tensão, pose, equilíbrio, contraste, variação, etc... , Johan HUIZINGA, *Homo ludens: a study of the play-element in culture*, Londres: Paladin, 1971, P.10

23 Johan HUIZINGA, *Homo ludens: a study of the play-element in culture*, Londres: Paladin, 1971, P.10



06 Procissão das Festas de Rabo de Peixe, 2018.



07 Procissão das Festas de Rabo de Peixe, São Miguel, Açores, 2018.



08 Dança com castanholas, tradicional nas Festas de Rabo de Peixe.

Christian Norberg-Schulz (1926 – 2000), um lugar é um fenómeno que não pode ser reduzido às suas propriedades em separado, sem perder a sua essência, pois é na relação destas que se gera o “*genius loci*”²⁴. A esse conjunto de propriedades o arquitecto chama a “estrutura do lugar”, constituída pelo “espaço”, a organização tridimensional dos elementos, e pelo “carácter”, a atmosfera gerada pelas fronteiras que se atribui ao “espaço”. O espaço e o carácter influenciam-se um ao outro. A organização espacial limita a caracterização assim como as mesmas organizações espaciais podem ter caracteres distintos, dependendo das fronteiras que se impõem. Se esses limites são alterados, a relação entre o espaço e a envolvente altera-se, alterando também a definição do lugar. Para Martin Heidegger (1889 - 1976) é a estrutura que nos faz ter uma relação com o meio envolvente, ou seja com o mundo real, afastando-nos de um conceito matemático abstracto e metafísico.

*“A boundary is not that at which something stops but, as the Greeks recognized, the boundary is that, from which something begins its presencing.”*²⁵

Segundo Louis Kahn (1901 - 1974), o objectivo da vida é expressarmo-nos. A vontade de ser, de se expressar, transforma-se na vontade de fazer. Na natureza do lugar, existe a vontade de ser de um determinado modo. Esta ordem interna latente deve ser manifestada através do desenho, da geometria que introduz um sistema compreensível, e torna o espaço consciente do que quer ser, revelando a identidade do lugar. Usando as palavras de Álvaro Siza (1933 -), “*arquitectura é geometrizar*”.²⁶

*“A valid order accomodates the circumstantial contradiction of a complex reality. It accomodates as well as imposes. It thereby admits “control and spontaneity”, “correctness and ease” – improvisation within the whole. It tolerates qualifications and compromise. There are no fixed laws in architecture, but not everything will work in a building or a city. The architect must decide, and these subtle evaluations are among his principle functions.”*²⁷

Ao definir o lugar, através da estrutura, o sujeito consegue identificá-lo. O lugar ganha um significado para o sujeito, que automaticamente se apropria dele. Ao reconhecer o lugar o sujeito é capaz de se orientar e para Norberg-Schulz a verdadeira liberdade pressupõe fazer parte de algo, assim como habitar significa pertencer a um lugar concreto. Para haver um sentimento de pertença, o homem tem de se orientar e identificar com o meio envolvente.²⁸ Desta forma, para o crítico, o papel primário do arquitecto é analisar a estru-

24 “*Genius loci*” é um termo latino que se refere ao “espírito do lugar”. A expressão foi adoptada pela teoria da arquitectura para definir uma abordagem fenomenológica do ambiente e da interacção entre lugar e identidade.

25 Martin HEIDEGGER em Christian NORBERG-SCHULZ, *Genius Loci. Towards a phenomenology of architecture.*, Rizzoly, New York, P.13

26 Álvaro Siza Vieira, *Imaginar a evidência/ Álvaro Siza* ; pref. Vittorio Gregotti. Lisboa: Edições 70, 2000

27 Robert VENTURI, *Complexity and Contradiction in architecture*, P.41

28 Nesta abordagem fenomenológica, o arquitecto elabora também uma crítica ao funcionalismo. A linguagem científica e analítica, que se abstrai do contexto concreto e da identidade particular, para chegar a um conhecimento objectivo universal e neutro, faz com que se perca a essência do lugar: o significado que faz com que o homem se identifique e tenha um sentimento de pertença.

"Design is form-making in order
Form emerges out of a system of construction
Growth is a construction – In order is creative force
In design is the means – where with what when with how
much

The nature of space reflects what it wants to be
Is the auditorium a Stradivarius
or an ear
Is the auditorium a creative instrument
keyed to Bach or Bartók
played by the conductor
or is it a conventional hall

In the nature of space is the spirit and the will to exist in a
certain way
Design must follow closely that will
Therefore a stripe-painted horse is not a zebra
Before a railroad station is a building
it wants to be a street
it grows out of the needs of the street
out of the order of movement
A meeting of contours englazed.

Through the nature – why
Through the order – what
Through the design – how

A form emerges from the structural elements inherent in
the form.
A dome is not conceived when questions arise how to
build it.
Nervi grows an arch
Fuller grows a dome

Mozart's compositions are designs
They are exercises of order – intuitive
Design encourages more designs
Designs derive their imagery from order
Imagery is the memory – the form
Style is an adopted order

The same order created the elephant and created man
They are different designs
Begun from different aspirations
Shaped from different circumstances

Order does not imply Beauty
The same order created the dwarf and Adonis

Design is not making beauty
Beauty emerges from selection
affinities
integration
love
Art is a form-making life in order – psychic

Order is intangible
It is a level of creative consciousness
forever becoming higher in level
The higher the order the more diversity in design

Order supports integration
From what the space wants to be the unfamiliar way may
be revealed to the architect.
From order he will derive creative force and power of
self-criticism to give form to this unfamiliar.
Beauty will evolve."

Louis I. Kahn, "Order Is",
Perspecta, Vol. 3 (1955), pp. 46-63.

tura do lugar, impondo uma ordem que a clarifique e lhe dê continuidade e perguntar-se “O que quer ser o edifício?”²⁹, de forma a que o homem se oriente e identifique.

*“No momento em que, num processo de projecto, traço um perfil de um edifício, faço um acto instintivo mais do que de necessidade. O projecto nasce do conhecimento do lugar mas, ao mesmo tempo, a minha arquitectura define aquele lugar. Assim, a arquitectura é o processo de redefinição do lugar.”*³⁰

Com o livro *Homo Ludens. A study of the play-element in culture*, podemos concluir que o “jogo” é elementar ao ser Humano, tornando-se uma necessidade social. E que, desta forma, o espaço onde o “jogo” se dá torna-se ele também uma necessidade. A esse espaço chamamos espaço lúdico, assumindo distintas formas e locais, conforme as regras estabelecidas. Uma vez que o jogo deve ser estruturado, proporcionando uma experiência ao sujeito, na qual ele se sinta autónomo e livre, também o espaço lúdico deve, ao mesmo tempo, ser estruturado e permitir a livre apropriação do sujeito, causando um sentimento de pertença, autonomia e liberdade.

Ao evocar o tema do “jogo” não se pretende construir um espaço para o hedonismo e diletância, mas sim um espaço “*de participação voluntária e consciente (...) feito por todos e para todos, por um e para cada um.*”³¹

Através do projecto de arquitectura e de urbanismo, propor um espaço onde se reequilibre a relação trabalho/ lazer, público/ privado, “*reconciliando a vida activa com a vida contemplativa.*”³²

É com esta intenção que propomos um espaço lúdico para o lugar da Calheta. Através de um edifício preexistente e de um terreno espetante, encontrar uma ordem sensível à estrutura do lugar, de forma a que os habitantes se identifiquem e tenham a possibilidade de participação e apropriação, na esperança de gerar um sentimento de pertença entre a comunidade.

29 Adaptação da pergunta “*What do you want, Brick?*” que Louis Kahn faz para chamar a atenção da importância de honrar o material, glorificando as suas capacidades. Este arquitecto converteu-se no autor que de uma forma mais idónea correspondia aos conceitos desenvolvidos por Christian Norberg-Schulz. NORBERG-SCHULZ, Christian, *Louis I. Kahn : idea e imagen* / Christian Norberg-Schulz ; con la colaboración de Jan Georg Digerud ; trad. Angel Sánchez Gijón. Madrid: Xarait Ed., 1990

30 José Miguel RODRIGUES, *O mundo ordenado e acessível das formas da arquitectura*, P. 284

31 João PAUPÉRIO e Maria REBELO, “Para uma teoria do projecto inútil”, na revista online Punkto, consultada a 24 de Junho de 2018

32 João PAUPÉRIO e Maria REBELO, “Para uma teoria do projecto inútil”, na revista online Punkto, consultada a 24 de Junho de 2018



09 Fotografia de Elvira Leite dos seus alunos, bairro da Sé, Porto, 1967.

2. O LÚDICO E O ESPAÇO

*"A livre mobilidade do corpo, os cheiros, a temperatura, o vento, os sons, libertam a imaginação e a vontade de desconstrair e construir algo de forma lúdica, com um sentido."*³³

No último capítulo percebemos que o conceito de espaço lúdico, enquanto espaço estruturado que, ao mesmo tempo, permite a livre apropriação do sujeito, tornando-o participativo, e fazendo do lugar uma construção colectiva, surge com a noção de lugar e a valorização do contexto. Como explica Ignasi de Solà-Morales (1942 - 2001)³⁴, a substituição da noção de espaço pela noção de lugar surge após a II Guerra Mundial, em que o espaço como resultado de estímulos psicológicos muda, e começa uma grande revisão com base no retorno aos dados empíricos. Substitui-se o empirismo psicológico, da psicologia da percepção gestaltica, pela fenomenologia Husserliana; e as filosofias existencialistas propõem voltar às condições particulares de cada situação, em vez de abordagens abstractas generalistas, que partem de condicionantes especuladas. Autores como Karl Jaspers (1883 - 1969), Maurice Merleau-Ponty (1908 - 1961) e Martin Heidegger (1889 - 1976) inspiram uma revisão do movimento moderno nos anos 1950 e 1960. Na arquitectura significava *"la entrada triunfal de la historia, de la complejidad estructural, del ambientalismo, de la atención a las cualidades particulares por encima de los enunciados generales y de la convicción de que la arquitectura no es tanto una actividad productiva semejante a la industrial basada en principios y técnicas, cuanto una práctica artesanal necesariamente comprometida con los datos previamente existentes del genius loci, de la historia, los usos, el simbolismo y la significación de un sitio."*³⁵

Colocamos então a questão de como delinear uma abordagem ao desenho do espaço de forma a "ordenar" a sua estrutura, tornando-a clara e acessível ao sujeito, para que a sua experiência seja o mais rica possível, cheia de potencial significado.

O Homem habita quando se apropria do meio onde vive. Através de distintas associações entre a memória e o seu imaginário, o sujeito cria uma narrativa e atribui um significado ao lugar, transformando-o, tornando-o "seu". Apropriar-se é um acto criativo. Para aumentar a capacidade de criatividade, segundo Bruno Munari (1907 - 1998), é essencial *"o aumento do conhecimento, de forma a permitir o maior número de relações possível entre o maior número de dados."*, muitas vezes através de *"técnicas da experimentação e da investigação sem finalidade definida"*. Seguindo este raciocínio quanto mais

33 Elvira LEITE, "A dimensão lúdica na aprendizagem" in "Ludic Architecture", coord Marco Ginoulhiac, Porto:FAUP, 2017, P.141

34 Ignasi de SOLÀ-MORALES, *Diferencias: topografía de la arquitectura contemporánea* / Ignasi de Sola-Morales; prol. Peter Eisenman. - Barcelona: Gustavo Gili, 2003, P.107

35 Ignasi de SOLÀ-MORALES, *Diferencias: topografía de la arquitectura contemporánea* / Ignasi de Sola-Morales; prol. Peter Eisenman. - Barcelona: Gustavo Gili, 2003, P.107



10 Fotografia de Elvira Leite dos seus alunos, bairro da Sé, Porto, 1967.

conhecimento e estímulos o sujeito receber, maior a sua criatividade, mais serão as possibilidades de narrativas e significados, e portanto maior a liberdade de apropriação.

Segundo Ana Hatherley (1929 - 2015), todo o acto criativo é um acto lúdico e, para Elvira Leite (1936 -), todo o acto lúdico “*impulsiona o desenvolvimento pessoal, sensorial e intelectual*”, incentivando à procura e descoberta do potencial do indivíduo como sujeito participativo na sociedade em que vive. O que nos leva à conclusão de que um espaço lúdico é um espaço cuja relação com a envolvente e com o contexto é uma experiência tão rica e permite tantas associações e analogias, que o sujeito tem maior liberdade de criatividade, e portanto de apropriação. A sua estrutura deve proporcionar o encontro entre distintas realidades, possibilitando o maior número de estímulos e informação.³⁶

Para perceber esta ideia de espaço lúdico, enquanto espaço que proporciona o encontro entre distintas realidades, recorremos ao livro *The Child, the City and the Artist*, de Aldo Van Eyck (1918 - 1999). No livro, o arquitecto defende que, para que aconteçam estes múltiplos encontros, o espaço deve ser construído de uma forma análoga. Ou seja, os opostos são colocados em equivalência, estabelecendo uma correlação, de forma a percebermos que ambos são facetas distintas da mesma *substância*, que não existe um sem o outro. É precisamente o seu encontro que permite afirmar as diferenças existentes entre eles, que por sua vez definem a identidade de cada um. É estabelecida uma relação de equivalência, em que nenhum é neutralizado e conservam-se as características de ambos. Estabelece-se um espaço que participa em duas esferas distintas, ou seja um espaço com múltiplo significado.³⁷ A esta relação Aldo van Eyck chama de “*twin-phenomena*”. Quebra-se o positivismo racionalista e revela-se a unidade fundamental entre tempo, espaço, matéria e energia.³⁸

É estabelecido um gosto pelo paradoxal e pela superação das dicotomias, na busca por uma intensidade e riqueza espacial, tensão e ambiguidade, complexidade e contradição, sem perder a unidade. Segundo Robert Venturi (1925 - 1967)³⁹, os melhores arquitectos do século XX, como Le Corbusier (1887 - 1965), Alvar Aalto (1898 - 1976) e Louis Kahn (1901 - 1974), rejeitavam a simplificação através da redução, para promover complexidade dentro do todo. Mas uma complexidade que fizesse parte do programa e da estrutura, não apenas um dispositivo ao serviço do desejo da expressão, transmitindo um pensamento complexo⁴⁰, mas não confuso.

“The calculated ambiguity of expression is based on the confusion of experience as reflected in the architectural program. This promotes richness of meaning over clarity of meaning. As Empson admits, there is good ambiguity and bad ambiguity: “... (ambiguity) may be used to convict a poet of holding muddled opinions rather than to praise the com-

36 Como o “potential space” de Winnicott, que facilita a exploração da relação entre o mundo interior e o mundo exterior, e baseia-se na ideia de que o acto de jogar e a criatividade estão conectados num mundo transitório, entre a subjetividade e a objectividade. Sarah MENIN and Flora SAMUEL, *Nature and Space: Aalto and Le Corbusier*, Routledge: 2003, Oxon, P.5

37 Francis STRAUVEN, *Aldo Van Eyck: the shape of relativity* / Francis Strauven. - Amsterdam: Architectura & Natura, 1998. P. 417 tentar procurar um citação equivalente no livro de Van Eyck

38 Esta noção de unidade tem por base a teoria da relatividade da vanguarda científica e artística do séc. XX. Francis STRAUVEN, *Aldo Van Eyck: the shape of relativity* / Francis Strauven. - Amsterdam: Architectura & Natura, 1998. P. 411

39 Robert VENTURI, *Complexity and contradiction in architecture*. New York: Museum of Modern Art, 2014.

40 Complexo vem do Latim *complexus*, que quer dizer “aquilo que é tecido em conjunto”.



11 Edifício Otto Barbosa, de Amâncio Pancho Guedes, Maputo, 1953



12 Fábrica de pão Saipal, de Amâncio Pancho Guedes, Maputo, 1954

*plexity of the order of his mind.*⁴¹

No panorama português, entre outros autores, encontramos esta complexidade e ambiguidade na obra de Amâncio Pancho Guedes (1925 - 2015). Como explica Miguel Santiago (1970 -)⁴², o arquitecto “*procura, de maneira abrangente, um pensamento complexo, criado a partir de tensões, de contradições interiores*”, partindo “*de um sistema aberto, em constante evolução e transformação.*”, onde “*a diversidade é fundamental para a compreensão do real.*”⁴³

Este gosto pelo complexo e contraditório, transversal a vários períodos da história, como explica Ana Hatherley⁴⁴, aproxima-se do pensamento barroco. Diz-nos a autora que, no período barroco:

*“o equilíbrio das formas e das fórmulas perfeitas e o estatismo das certezas dão lugar ao dinamismo das dúvidas e das perguntas, ao plurissignificado das formas, à crescente quantidade da informação contida nos sinais, à ambiguidade viva dos símbolos, ao espaço sensível das hipóteses, às formas dinamizadas da sua própria ascensão ou queda, ao ornamento estruturalmente funcional, à luz que potencializa os volumes, à sombra que define ou dilui gestalticamente o fundo e a figura, às palavras em movimento que inventam as ideias, às metáforas e aos objectos em diálogo de informação mútua, à redução e ao rigor matemático do aleatório, contra os cânones rígidos da beleza. (...) É a finalidade da retórica barroca e a sua função moral: através dos sentidos e das emoções atingir a vontade e a razão, convertê-las. O espectador é afectado, movido, co-movido, posto em movimento – diferentemente da serenidade renascentista. Com o Barroco, há uma nova forma de o espectador participar na obra. Exige-se uma percepção activa: um movimento exterior, espacial, um desequilíbrio e inquietude patentes, que corresponderão a um movimento interior, espiritual.”*⁴⁵

No fundo é o movimento do sujeito, que possibilita que este se relacione com o contexto envolvente, com a realidade. Quanto mais contínuo for esse movimento, não só do corpo, mas também dos sentidos, mais serão os encontros entre distintas realidades, os

41 Robert VENTURI, *Complexity and Contradition in architecture*, P.20-22

42 Miguel SANTIAGO, Pancho Guedes. *Metamorfoses Espaciais*. Casal de Cambra: Caleidoscópio, 2007. P.166

43 Amâncio Pancho Guedes tinha como referência a obra do filósofo Edgar Morin, que é tido como um dos principais pensadores contemporâneos do campo de estudos da complexidade. Miguel SANTIAGO, Pancho Guedes. *Metamorfoses Espaciais*. Casal de Cambra: Caleidoscópio, 2007. P.172

44 Hatherley realça a proximidade entre o barroco e o período do experimentalismo dos anos 1950 e 1960, sendo ambas épocas de contracultura. No séc. XVI, surge como consequência da contra-reforma da igreja e de regimes políticos totalitaristas, e no séc. XX, em Portugal, era, “evidentemente, uma questão política, no mais profundo sentido vanguardista. Os vanguardistas ousaram desafiar a crítica oficial e combater, com as armas da arte poética, todo um discurso oficial, politicamente correcto e esteticamente ultrapassado, associado a um regime ditatorial.” “Os experimentalistas não queriam fazer revivalismo: o que queriam e conseguiram fazer foi explorar sistemas operatórios que se revelaram tão eficazes no passado como no presente.” “(...) essa é uma das diferenças da ruptura do experimentalismo desses artistas com a ruptura Futurista, que postulava um corte com o passado, sobrevalorizando o futuro. O Experimentalismo assume o presente para intervir nele, contesta o passado, no que ele possa ter de académico ou imobilizante, e reata com a tradição no que ela pode ter de dinâmica (...)”, Ana HATHERLEY em Paulo PIRES DO VALE, *Conversas. Ana Hatherley e o Barroco*, Catálogo da Exposição “Ana Hatherley e o Barroco. Num Jardim feito de tinta” na Fundação Calouste Gulbenkian, Lisboa, Dezembro 2017. P.7 e 11

45 Paulo PIRES DO VALE, *Conversas. Ana Hatherley e o Barroco*, Catálogo da exposição “Ana Hatherley e o Barroco. Num Jardim feito de tinta” na Fundação Calouste Gulbenkian, Lisboa, Dezembro 2017. P.8



13 Detalhe da escultura de Eduardo Chillida



14 Escultura de Eduardo Chillida

estímulos sensoriais, e maior será a possibilidade de relações e de narrativas, tornando o espaço mais acessível, mais público e mais democrático. A continuidade espacial e temporal enriquece assim a experiência do espaço.

No livro *The Child, the City and the Artist*, Aldo van Eyck propõe a continuidade espacial através de espaços in-between. E dá como exemplo o vão da porta, por ser um umbral onde é feita a transição entre distintas realidades, um espaço de encontro e confronto entre o interior e o exterior, entre o privado e o público, entre a casa e a cidade.

“To establish the in-between is to reconcile conflicting polarities. Provide a place where they can interact and re-establish the original twin-phenomena.”⁴⁶

“I am concerned with a multiple in-between realm – the extended borderline- which leads the rail in stages, helping to mitigate the anxiety abrupt transition causes.”

Como explica Francis Strauven, o conceito de “in-between”, ou seja, a valorização dos espaços de transição, deve ser procurado a todos os níveis da realidade construída, tanto na forma, como na organização espacial, procurando sempre reconciliar os opostos. Por exemplo ao atrasar o momento de entrada no interior, deixando que o exterior penetre no perímetro do volume construído, tornando a passagem uma experiência em si mesma. Num espaço claramente aberto, enriquece introduzir um momento de enclausura, e num predominantemente fechado, introduzir alguma abertura. A utilização de diferentes padrões de desenho, por exemplo elementos rectos e elementos redondos, concebendo uma estrutura complexa e conferindo várias centralidades ao espaço; manter sempre o mesmo princípio nas diferentes escalas, em que a pequena escala assume o princípio definido para a grande escala e a grande escala torna-se perceptível através dos detalhes.

“Nestes primeiros trabalhos foi germinando a sensação irreprimível e determinante de que a arquitectura não termina em ponto algum, vai do objecto ao espaço e, por consequência, à relação entre os espaços, até ao encontro com a natureza.

Esta ideia de continuidade, que pode ser rica em dissonâncias sem nunca deixar de existir, encontra-se hoje em crise e rapidamente os lugares naturais começam a sufocar, muito embora seja evidente que a arquitectura não tem sentido a não ser em relação com a natureza.”⁴⁷

Um lugar deve, também, incluir a noção de continuidade temporal, estimular a consciência de duração, ou seja, de memória e de antecipação.⁴⁸ Ganha-se uma percepção mais abrangente do tempo, que permite ao homem experienciar e participar no presente de forma mais completa. O presente deixa, então, de ser um momento efémero e passa a ser um espaço temporal onde o passado e o futuro se encontram. Na abstracção do instante consecutivo, do momento isolado como efémero, o homem perde a noção de dimensão e da

46 Aldo VAN EYCK, *The Child, The City And The Artist – An essay on architecture*, Sun, s.l., 1962, p. 61

47 Alvaro SIZA, *Imaginar a evidência*, Lisboa: Edições 70, lda, 2012. P. 34

48 Aldo van Eyck vai buscar a noção de tempo de Bergson – “durée” - em que o tempo é o tempo da consciência, ou seja, é a duração experienciada pela consciência da mente. Francis STRAUVEN, *Aldo Van Eyck: the shape of relativity* / Francis Strauven. - Amsterdam: Architectura & Natura, 1998. P. 419 - 420

sua identidade. Para Aldo van Eyck, a arquitectura deve intervir no lugar criando espaços que permitam essa consciência. Através da aproximação às tradições, à cultura popular, materiais e formas de viver do sítio, bem como de outros países e épocas, como manifestações das constantes da existência humana.

O conhecimento do passado, permite-nos aceder a um conjunto de tipologias, estruturas e arquétipos, que trabalhados de forma análoga concedem à obra uma riqueza de significados.

Por exemplo na obra de Amâncio Pancho Guedes, tal como na obra de Louis Kahn, como nos explica Miguel Santiago, são estes *“Mecanismos Poéticos de Analogia”*⁴⁹, que permitem a *“inovação”*, *“uma planta que se refere a uma tipologia “ancestral” com uma fachada que se transformou até atingir um carácter singular e original. No final a forma apresenta algo de novo, apesar de se basear numa tipologia de espaço numa estrutura que retoma elementos clássicos essenciais.”*⁵⁰

Segundo Aldo van Eyck, a transparência temporal, a consciência da memória e da antecipação, a noção de duração, despertam a nossa compreensão do passado, presente e futuro, da história, da cultura e da diversidade cultural, e a nossa aceitação do fenómeno da transformação física e temporal, quebrando o aparente conflito entre o mundo subjectivo interior e o mundo objectivo exterior; aceitando a *“transformação”* como processo natural dá-se ao sentido de inovação, como acção no presente, outra *“profundidade”*.

*“Nenhuma inovação abandona a antiquíssima razão. Não há inovação. Há o reencontrar da inocência, uma conquista do Estado de Graça, para que se não perca a Memória.”*⁵¹

*“o passado tem um futuro ainda por nascer, a tradição é uma (re)invenção permanente”*⁵²

Conclui-se que a inovação constitui um processo de transformação, de renovação das constantes humanas, usando as palavras de Luís Barragan (1902 - 1988), de renovação da *“maneira tão bela como se resolve o problema da vida comunitária para poder dar ao ser humano uma dose de “sabor”*”. A inovação é entendida como renovação da forma como se resolve a vida comunitária, não como a reprodução de imagens sem conteúdo, que podem estar na moda, mas que rapidamente se tornam descontextualizadas e sem significado para os habitantes. Só desta forma, como nos diz Fernando Távora (1923 - 2005), é possível alcançar uma constante modernidade. O autor escreve sobre a praça de S. Marcos, em Veneza:

“Entre o primeiro e o último edifício que compõem esse extraordinário organismo urbano existem alguns séculos de diferença, séculos que significam evolução, diversidade, variedade. Qualquer desses edifícios foi moderno e porque todos o foram a constante da mo-

49 Expressão utilizada por Amâncio Pancho Guedes. Miguel SANTIAGO, Pancho Guedes. *Metamorfoses Espaciais*, Casal de Cambra: Caleidoscópio, 2007.

50 Miguel SANTIAGO, Pancho Guedes. *Metamorfoses Espaciais*, Casal de Cambra: Caleidoscópio, 2007. P.162

51 Álvaro SIZA VIEIRA em Barragán : obra completa / pref. Álvaro Siza ; ensaios Antonio Toca Fernández... [et.al] ; fot. Mariana Yampolsky. Lisboa: Dianlivro, 2003. P.11

52 Paulo PIRES DO VALE, *Conversas. Ana Hatherley e o Barroco*, Catálogo da exposição “Ana Hatherley e o Barroco. Num Jardim feito de tinta” na Fundação Calouste Gulbenkian, Lisboa, Dezembro 2017. P.8

deriedade preside no conjunto; não interessa o estilo em que cada um deles foi realizado – interessa, sim, a semelhante atitude que presidiu à sua concepção. Comum a todas as manifestações da Architectura e do Urbanismo a verdade é que qualquer delas se realizou mercê dum esforço colectivo e que qualquer delas representa, desse modo, uma síntese. O arquitecto ou o urbanista não são suficientes para a realização da Architectura e do Urbanismo; eles são apenas os organizadores da síntese magnífica que as obras traduzem e na qual colabora toda uma infindável série de elementos.”⁵³

A constante modernidade é conseguida quando se constrói, segundo Fernando Távora, dentro da Grande Tradição. Esta é a aspiração ao estilo como linguagem colectiva, como explica José Miguel Rodrigues, o estilo como relação entre a obra e a vida: *“Qualquer estilo nasce do Povo e da Terra com a espontaneidade e vida de uma flor, dirá Távora; e Povo e Terra encontram-se presentes no estilo que criaram com aquela ingenuidade e aquela inconsciência que caracterizam todos os actos verdadeiramente sentidos, sejam eles de um homem ou de uma comunidade, de uma vida ou de muitas gerações.”⁵⁴*

A inovação dá-se com o desenvolvimento da tecnologia, e torna-se importante mencionar, tal como Aldo van Eyck⁵⁵ ao citar Fumihiko Maki, que o desenvolvimento desta não resulta necessariamente na homogeneização generalizada. O desenvolvimento tecnológico irá produzir novos produtos, uns serão assimilados pelas distintas culturas outros desaparecerão. Mas a assimilação de novos produtos não implica o desaparecimento das características tradicionais de cada região. O que segundo o autor leva a uma nova definição de “regionalismo”. O regionalismo não surge de elementos indígenas singulares, mas da expressão de uma forma característica de associar distintos elementos, muitas vezes comuns a outras regiões. Essa expressão é a continuidade da linguagem colectivo, o estilo, a Grande Tradição, de que fala Fernando Távora. *“Ser nacionalista não é forçosamente retrógrado – dirá ainda Alves Costa – como ser progressista não significa a adopção de uma linguagem internacional.”⁵⁶*

Encontra-se assim um equilíbrio entre o progresso tecnológico e a tradição, entre o passado e o futuro, sem perder o carácter e identidade do lugar. Ter em conta, segundo Aldo van Eyck, que a evolução humana não se baseia em grandes invenções tecnológicas, mas no melhoramento da vida do homem. Tendo em conta a inovação como a renovação das constantes humanas, a Grande Tradição é que torna possível encontrar a constante modernidade sem perder a identidade.

53 Fernando TÁVORA em José Miguel RODRIGUES, *O mundo ordenado e acessível das formas da arquitectura*, P. 288

54 Fernando Távora em RODRIGUES, José Miguel, *“O mundo ordenado e acessível das formas da arquitectura”*, P. 281

55 Aldo VAN EYCK, *The Child, The City And The Artist – An essay on architecture*, Sun, s.l., 1962.

56 Alves COSTA em José Miguel RODRIGUES, *O mundo ordenado e acessível das formas da arquitectura*, P. 280



15 Praça de São Marcos, Veneza



16 Casa dos 24 de Fernando Távora, Porto

A identidade de um lugar resulta portanto de uma continua multiplicidade de encontros, como diz Ana Hatherley, “*toda a cultura é diálogo e não há diálogo sem confrontação.*”⁵⁷ Como tal, está em constante metamorfose, e só assim é possível que perdure no tempo, que se mantenha viva. Como nos explica Bruno Munari, “*a tradição é a soma, em contínua transformação, dos valores objectivos úteis para as pessoas. Limitar-se a repetir um valor, sem fantasia, não significa continuar a tradição, mas travá-la, fazê-la morrer.*”⁵⁸ Assim como a cultura e a tradição, também a cidade, como espaço da sociedade e da comunidade, é mutável e está em constante evolução. Para Van Eyck existe um constante estado de metamorfose, a estrutura espacial assume diferentes formas e significados conforme a circunstância e o ponto de vista do seu habitante, num processo mental de recriação contínua através da imaginação.

A identidade é muito importante para o reconhecimento de um lugar, e para que faça parte da memória e imaginário do sujeito, surgindo uma maior relação entre os dois. Segundo o autor, lugar e ocasião implicam a participação do sujeito ou da comunidade no contexto existente, a falta de lugar e de ocasião causa a perda de identidade, isolamento e frustração. Como já mencionado no capítulo anterior, para Christian Norberg-Schulz, mais do que a orientação é importante a identificação com um lugar.

*“Each place in such a city must have its own “identifying image” according to the functions and human inclinations to which it answers, an image which gives it a distinctive, recognizable shape and which agrees structurally with the image of the city as a whole. The various places must be like various expressions of one and the same face – the face of the whole city and its inhabitants.”*⁵⁹

O que Van Eyck nos propõe é a construção de uma continuidade espacial e temporal, em que cada vez que um sujeito deixa um lugar entra noutra, sendo capaz de se identificar e relacionar, tendo sempre uma sensação de pertença e autoconhecimento. A cidade como um conjunto de lugares, que sejam o “palco” da vida. Procura criar situações que antecipem uma sociedade baseada na “equivalência e reciprocidade”. A construção de um meio urbano onde cada cidadão tenha qualidade de vida e se sinta em casa.

*“What we need is to be at home – wherever we are. As long as home is perpetually somewhere else, there will be no question of ‘belonging’. We’ll not be participating but eavesdropping. Architecture need do no more than assist man’s ‘homecoming’. Since I like to identify architecture with whatever it can effect in human terms, I like to think of it as the constructed counterform of perpetual homecoming. When I speak of house or city as a bunch of places, I also imply that you cannot leave a real place without entering another – if it’s a real ‘bunch’. Departure must mean entry.”*⁶⁰

57 Ana HATHERLEY em Paulo PIRES DO VALE, *Conversas. Ana Hatherley e o Barroco*, Catálogo da Exposição “Ana Hatherley e o Barroco. Num Jardim feito de tinta” na Fundação Calouste Gulbenkian, Lisboa, Dezembro 2017. P.11

58 Bruno MUNARI, *Fantasia*, Lisboa: Edições 79 ,Lda, 2015, P.39

59 Aldo VAN EYCK, *The Child, The City And The Artist – An essay on architecture*, Sun, s.l., 1962.

60 Aldo VAN EYCK, *The Child, The City And The Artist – An essay on architecture*, Sun, s.l., 1962, p. 56.

Através do livro *The Child, the City and the Artist*, foi possível perceber que para a construção de um espaço lúdico, é necessário estabelecer uma continuidade espacial e temporal, que possibilite o maior número de analogias. Desta forma é possível que o maior número de habitantes identifiquem a estrutura do lugar, uma identidade, permitindo que se relacionem de alguma forma, que se apropriem livremente e que se sintam à vontade para participar.

Na nossa proposta para o lote da Fundação da Calheta procuramos ser sensíveis aos momentos de transição entre as distintas realidades contruídas, estabelecendo uma continuidade espacial entre elas. Para tal, valorizamos as vivências e métodos construtivos existentes, oferecendo um espaço onde possam evoluir de uma forma estruturada e duradora na consolidação da identidade do lugar.





18

17 e 18 Recreio de Aldo van Eyck: reabilitação de um lote destruído pela guerra em Amsterdão.

3. A FESTA E A CIDADE

*"o detentor desta total liberdade do corpo, desta desinstitucionalização, é o POVO, (...)"*⁶¹

Aldo van Eyck propõe a cidade como uma multiplicidade de centralidades, valorizando o espaço da rua e da praça como espaço de encontro, fundamental para a identidade da comunidade e sentimento de pertença do indivíduo. Esta perspectiva foi desenvolvida em conjunto com o Team X, um grupo de debate de uma nova geração de arquitectos⁶², constituído em 1956 e formalizado em 1959. Estes contestavam a sociedade de massas capitalista, bem como o planeamento funcionalista e tecnocrático das grandes cidades, o que levou a uma revisão dos princípios urbanísticos do Movimento Moderno, levando inevitavelmente ao fim dos Congressos Internacionais de Arquitectura Moderna (CIAM).

A prática de um urbanismo funcionalista acompanhava o modelo de Estado-Providência, que se afirmou em grande parte da Europa, nas duas primeiras décadas que se seguiram à II Guerra Mundial. A ideia de Estado presente em todos os domínios da vida social e económica, embora fosse uma resposta reestruturadora à destruição e caos deixado pela guerra, com a sua gestão tecnocrática e paternalista do quotidiano, e medidas económicas capitalistas de incentivo ao consumo, gerou um ambiente acrítico de conformismo e consumismo em massa, com pouco incentivo à espontaneidade e criatividade dos cidadãos.

Um dos grandes críticos deste contexto pós-guerra foi o sociólogo marxista Henri Lefebvre (1901-1991), através da sua análise do quotidiano. No seu trabalho, juntamente com outros movimentos artísticos e literários na contracultura dos anos 60, como os Internacional Letristas, e depois a Internacional Situacionistas, ou os CoBrA, retoma a ideia de *Homo Ludens* de Johan Huizinga, como referência para criticar a padronização do quotidiano e a falta de espontaneidade e vitalidade no dia-a-dia. Lefebvre aplica esta crítica à cidade e ao meio urbano, aproximando-se da realidade proposta por Aldo van Eyck e pelo Team X, no seu livro *Le droit à la ville*.

Neste livro, como em todo o seu trabalho, a análise do quotidiano é fundamental. Segundo o autor, para conhecer um lugar ou época, a sua análise deve ter em conta, não só os grandes acontecimentos, mas também a vida comum; focar-se na totalidade do que fazemos no dia-a-dia, e não apenas no tempo e espaço do trabalho. Assim como Aldo van Eyck, Lefebvre defende que não podemos analisar o progresso de uma socieda-

61 Lina Bo Bardi / coord. Marcelo Carvalho Ferraz. - 3ª ed.. - S. Paulo : Instituto Lina Bo e P. M. Bardi, 2008, P.234

62 Faziam parte do grupo Team X, como membros mais activos, Alison e Peter Smithson, Aldo van Eyck, Jaap Bakema, Giancarlo de Carlo, Shadrach Woods, George Candilis, Alexis Josic.

O ESPAÇO LÚDICO COMO ESPAÇO DE ENCONTRO



19 Universidade de Nanterre, arredores de Paris, anos 1960



20 Nanterre, arredores de Paris, anos 1950

de apenas pelo campo económico, estatísticas e resultados de produção.

Na análise do quotidiano, o sociólogo constata que este está subdesenvolvido e excessivamente organizado, resultando na alienação dos cidadãos. Por um lado, há a tentativa do Estado-Providência de controlar e calcular todos os aspectos da vida dos habitantes, o que resulta num excesso de burocracia que empobrece a vivência do dia-a-dia, reduzindo a possibilidade de espontaneidade e de “jogo”, suprimindo a vitalidade humana. E por outro, o sistema capitalista que criou a necessidade constante de novas comodidades, controlando as aspirações dos cidadãos e como gastam o seu dinheiro e tempo livre, homogeneizando os estilos de vida e criando a sociedade de consumo controlado. Apesar das políticas económicas não lidarem com o tempo livre dos trabalhadores, a burocracia e o capitalismo alastraram para além da economia e do trabalho, infiltrando-se noutros domínios da vida do Homem. A relação trabalho vs. lazer e vida pública vs. vida privada deixou de ser equilibrada e o dinheiro, que era apenas condicionante, passou a ser determinante.

Um dos grandes exemplos de alienação no quotidiano, para Lefebvre, é a forma como as cidades são planeadas e construídas. Da mesma forma que a burocracia e o capitalismo colonizaram o quotidiano, também colonizaram o seu espaço social. O espaço da cidade passou a ser abordado como um “objecto” vulnerável ao modo de produção, concebido como o lugar onde o capital se acumula. As questões urbanas tanto económicas, como a renda e distribuição de espaço habitável, assim como políticas, relações centro/ periferia, segmentação, guetos, imigração, turistificação e gentrificação, são deixadas para segundo plano, sendo abordadas de uma perspectiva meramente económica, resultando em grandes centros urbanos hostis. A cidade não só perdeu um sentido de coesão e definição, mas também os seus habitantes perderam o sentido de um propósito colectivo e criativo.

As relações de produção mudaram e a cidade também, assiste-se primeiro à sua industrialização e consequentemente à sua urbanização. Apesar da organização espacial não mudar as relações de produção, sendo a economia a determinante, também as influencia e restringe, tratando-se de uma relação de influência mútua. Lefebvre defende que a organização espacial não é passiva, acompanha e participa na evolução da sociedade⁶³, tornando a cidade um organismo vivo, interdependente das relações sociais e de poder.

Como explica Luz Valderrama Aparicio (1968 -), a partir da obra *Time and Being* de Martin Heidegger, o “ser” passou a estar associado ao tempo, tornando o espaço algo estranho, externo ao sujeito. O espaço pertencia ao campo do objectivo e o tempo ao do subjectivo. No início do Movimento Moderno, o espaço é convertido “numa abstracção geométrico-mecânica desprovida de todas as qualidades da percepção sensível”.⁶⁴ Como por exemplo a cartografia, na qual o espaço deixa de estar relacionado com uma região em particular, ciclo do dia ou do ano. Este passa a estar associado ao estudo das ciências técnicas, enquanto o tempo ao das ciências do espírito. A filosofia deixa de pensar o espaço e passa a pensar apenas o tempo.

No entanto, ao perceber-se a importância que a organização do espaço tem no quotidiano, dá-se a intenção de o recuperar como “*objecto de estudo*”, assim como a dis-

63 “The choice is not an either/ or: either space as a separate structure affecting the social, or space as an expression of social relations, but space as a component of the relations of production – simultaneously social and spatial.” Stuart ELDEN, *Understanding Henri Lefebvre*, Continuum: 2004, Nova Iorque. P.142

64 VALDERRAMA APARICIO, Luz, *La Construcción de la Mirada: Tres Distancias*. Sevilla: Universidad de Sevilla/Secretariado de Publicaciones, 2004., P.31

solução do binómio espaço-tempo, ganhando-se a noção da continuidade entre as duas polaridades, como duas partes de um todo. É nesta visão do espaço como algo igualmente subjectivo e inseparável do tempo, que se insere, entre outras, a análise de Lefebvre. Para o sociólogo, o espaço deixa de ser oposto ao sujeito e passa a ser uma extensão deste. O sujeito constrói o espaço assim como o espaço constrói o sujeito.

Ao aceitar o espaço como um componente das relações sociais, torna-se importante reconhecer os exercícios de poder que o influenciam, através das disciplinas que estudam a sua organização, nomeadamente a arquitectura e o urbanismo. Segundo Michel Foucault (1926 - 1984), como explica Pedro Bismark⁶⁵, a arquitectura, surge como “*uma prática e um saber*” que codifica as relações sociais e que de certa forma opera um poder político. Não é determinante, porque não é a ordem dos objectos que é “libertadora” ou totalmente opressiva, mas sim a praxis, contudo pode ajudar nessa libertação ou “castração”, dependendo das intenções do arquitecto. Lefebvre dá o exemplo, no seu livro *Le droit à la ville*, dos planos urbanos de Georges Haussman (1809 - 1891) para Paris, na segunda metade do séc. XIX, como exercício de poder da arquitectura na vida comunitária, “*consubstanciando uma das mais eficazes formas de controlo urbano, de higienização e expulsão das classes mais pobres do centro*”⁶⁶.

Contudo o poder não tem uma só fonte, como explica Michel Foucault, sendo uma rede heterogénea de influências, e não é necessariamente negativo, proibindo e interditan-do, mas também pode operar de forma positiva, se a sua motivação vier do bem comum, tendo a população e o território como prioridade. Ou seja, a arquitectura, como prática e saber especializado na organização do espaço, que traduz “*um modo próprio de produção de espaço, de o repartir, distribuir, compor; (...); mas também de entender as relações sociais, de recortar o privado e o comum, de formular uma relação com a natureza, de dar forma a um mundo*”⁶⁷, não se deve nunca automatizar do contexto político-histórico. Deve evitar a compartimentação e especialização do espaço, assumindo sempre uma responsabilidade política e problematização ética.⁶⁸

Tendo consciência do poder da arquitectura e da organização da cidade na vida dos cidadãos, ao assistir à construção dos bairros sociais nos arredores de Paris, nos anos 1950 e 1960, as chamadas “*máquinas de viver*”⁶⁹, e à expulsão das populações para a periferia, Lefebvre constrói uma crítica às políticas urbanas do pós-guerra, defendidas pelos CIAM.

A destruição da guerra e a necessidade de construir novas casas, levou a que nos CIAM os problemas habitacionais fossem o foco principal. Mesmo quando se redige a Carta de Atenas o planeamento urbano é sempre abordado de um ponto de vista da habitação, olhando a cidade sob uma óptica racionalista e funcionalista, dividindo-a em quatro áreas elementares: trabalho, lazer, circulação e habitação.

A construção da cidade do ponto de vista da habitação levou a que se contruíssem

65 Pedro BISMARCK no artigo “Ordem dos objecto e prática da liberdade”, na revista punkto, consultada online no dia 08.04.2018

66 Maria RAMALHO, “A deriva na internacional letrista: para uma crítica radical do urbanismo (1954-2017)”, revista Punkto, http://www.revistapunkto.com/2018/04/a-deriva-na-internacional-letrista-para_6.html

67 Pedro BISMARCK, no artigo “Ordem dos objecto e prática da liberdade”, na revista punkto, consultada online no dia 08.04.2018

68 Pedro BISMARCK, no artigo “Ordem dos objecto e prática da liberdade”, na revista punkto, consultada online no dia 08.04.2018

69 Expressão usada por Le Corbusier, para descrever a funcionalidade dos novos edifícios de habitação.

volumes em altura e de forma espaçada, pensando apenas no “cheio”, e priorizando a circulação automóvel, uma vez que as várias áreas funcionais da cidade só se comunicam através da deslocação em transportes. Estas medidas acabaram por destruir o espaço público, a rua e a praça, como espaço social de encontro. A falta de densidade, necessário ao encontro da comunidade, gerou problemas de segurança e autogestão dos bairros. Perdeu-se o sentimento de pertença e com ele a vontade de participar e dinamizar a vida do bairro, surgindo problemas de guetização e segregação. Construíram-se, assim, conjuntos habitacionais sem vida, desprovidos de identidade, reduzindo o habitar para habitat. E, como explica José Lamas, a *“organização distributiva da cidade em áreas funcionalmente especializadas provocou a perda de residência nas áreas centrais e perda de outras funções nas áreas habitacionais, retirando vida e animação às primeiras nos períodos nocturnos e fins-de-semana e gerando a monotonia e problemas sociais nas segundas; e também congestionamentos de trânsito e custosos movimentos pendulares da população.”*⁷⁰

Com a urbanização das cidades, esbateu-se a dicotomia cidade/campo e afirmou-se a dicotomia centro/periferia. No início as populações migravam para as cidades, e depois o proletariado e as minorias, como os estudantes, começaram a migrar para as periferias destas. Surgindo questões de regionalização, marginalização, gentrificação e turistificação.

Para Lefebvre, o urbanismo tornou-se numa superestrutura da sociedade neocapitalista, que direciona o consumo do espaço e do habitat. A cidade tornou-se um conjunto de espaços desconectados, sem identidade, *“com tudo funcionalmente resolvido, mas insatisfatório.”*⁷¹ Ser tecnicista e funcionalista, guiar-se por questões quantitativas, puramente formais e funcionais, não é suficiente para lidar com questões urbanas, como a correlação entre a individualidade do sujeito e a multiplicidade cultural.

O autor faz, assim, a distinção entre cidade, *“realidade presente, imediata, dado prático-sensível, arquitetónico”*⁷², e urbano, *“realidade social composta de relações a serem concebidas, construídas ou reconstruídas pelo pensamento.”*⁷³ O urbanismo é a ideologia que lida com as cidades e não deve ser confundido com o fenómeno urbano.

*“O “urbano” não pode ser definido nem como apegado a uma morfologia material (na prática, no prático-sensível) nem como algo que se pode separar dela. É uma forma mental e social, a forma da simultaneidade, da reunião, da convergência, do encontro (ou antes, dos encontros). É uma qualidade que nasce de quantidades (espaços, objectos, produtos). É uma diferença ou sobretudo um conjunto de diferenças.”*⁷⁴

Lefebvre propõe o reencontro do que foi zonificado e segregado, devolvendo à cidade o seu direito à diferença, à simultaneidade, complexidade e ambiguidade de relações que são no fundo o que a enriquecem, que lhe dão espontaneidade e vitalidade.

70 LAMAS, José. (2010). Morfologia urbana e desenho da cidade. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian. P.344-345

71 LAMAS, José. (2010). Morfologia urbana e desenho da cidade. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian. P.382

72 Henri LEFEBVRE, *O Direito à Cidade*; trad.: Ruben Eduardo Frias. São Paulo: Centauro, 2001. P.54

73 Henri LEFEBVRE, *O Direito à Cidade*; trad.: Ruben Eduardo Frias. São Paulo: Centauro, 2001. P.54

74 Henri LEFEBVRE, *O Direito à Cidade*; trad.: Ruben Eduardo Frias. São Paulo: Centauro, 2001. P.87



21 Deriva por Valparaíso

“Eis uma vida quotidiana bastante decupada em fragmentos: trabalho, transporte, vida privada, lazeres. (...) Eis o ser humano desmembrado, dissociado. Eis os sentidos, o olfato, o paladar, a visão, o tato, a audição, uns atrofiados, outros hipertrofiados. Eis, funcionando separadamente, a percepção, a inteligência, a razão. Eis a palavra e o discurso, o escrito. Eis a quotidianidade e a festa, esta última maribunda. Com toda a certeza, e com a máxima urgência, é impossível continuar nessa situação. (...) Apenas uma praxis, (...), pode se encarregar da possibilidade e da exigência de uma síntese, da orientação na direção desse objetivo: a reunião daquilo que se acha disperso, dissociado, separado, e isso sob a forma da simultaneidade e dos encontros.”⁷⁵

Esta ideia de cidade como uma continuidade de encontros revê-se na prática da *dérive*, defendida pelo movimento Internacional Letrista, e mais tarde pelo Internacional Situacionista. Como explica Maria Ramalho, a deriva, inventada pelos surrealistas e com referência na *flânerie* de Walter Benjamin (1892 - 1940), consistia em percorrer a cidade sem qualquer objectivo particular. É experienciada uma sensação de liberdade. *“Tratava-se, efectivamente, de uma espécie de jogo, um jogo levado a cabo em meio urbano e que poderia ser praticado tanto a pé, como de táxi.”*⁷⁶ A descoberta da cidade de forma lúdica para trazer arte e poesia ao quotidiano, e ao mesmo tempo contribuir para a simultaneidade da vida urbana. *«É inútil (...) procurar nas nossas teorias sobre a arquitectura ou a deriva outros motivos que não sejam a paixão do jogo.»*⁷⁷

Na deriva, a realidade urbana é revelada crua, a exaltação da oposição entre a angústia e a jubilação. A possibilidade de perder-se e de descobrir, a cidade como labirinto, com referência na cidade antiga, como mais propícia ao jogo e ao acaso, onde existe opacidade, sombras e segredos, que estimulam a imaginação.⁷⁸ A cidade funcionalizada, demasiado legível, não deixa espaço para o sonho e para o mistério.⁷⁹ A ausência de objectivo ou razão ia contra os princípios utilitaristas e racionalistas da modernidade capitalista. A “*dérive*” é a procura pela espontaneidade e pelo risco, naturais da vida, que as classes de poder procuram tanto evitar, através de um controlo exagerado.

“Nos antigos bairros, as ruas degeneraram em auto-estradas, os entretenimentos são comercializados e pervertidos pelo turismo. Os contactos sociais tornaram-se impossíveis. Os bairros recém-construídos não têm mais que dois temas que tudo dominam: a circulação automóvel e o conforto do lar. Eles são uma pobre expressão do bem-estar burguês, e toda a preocupação com o lúdico está aí ausente.

75 Henri LEFEBVRE, *O Direito à Cidade*; trad.: Ruben Eduardo Frias. São Paulo: Centauro, 2001. P.101-102

76 Maria RAMALHO, “A deriva na internacional letrista: para uma crítica radical do urbanismo (1954-2017)”, revista Punkto, http://www.revistapunkto.com/2018/04/a-deriva-na-internacional-letrista-para_6.html

77 Guy DEBORD, *Potlatch*, n° 20, 1955 citado no artigo “A deriva na internacional letrista: para uma crítica radical do urbanismo (1954-2017)” de RAMALHO, Maria, na Revista PUNKTO, http://www.revista-punkto.com/2018/04/a-deriva-na-internacional-letrista-para_6.html

78 O tema do labirinto, como jogo de sombras, do visível e do invisível, dando espaço ao mistério e à sombra, estimulando a imaginação, presente na *dérive*, confirma, como já mencionado no capítulo anterior, a influência do pensamento barroco, como época de incertezas, de se perder e de se questionar, nos movimentos de contracultura dos anos 1950 e 1960.

79 Segundo Juhani Pallasmaa, “À medida que a cidade perde a intimidade tátil, o segredo e a sedução, também perde a sua sensualidade, sua carga erótica”, já não há a possibilidade de intimidade no espaço público. PALLASMAA, Juhani, *Habitar*. Barcelona: GG, 2017

*Perante a necessidade de construir rapidamente cidades inteiras, estamos em vias de construir cemitérios de betão armado onde grandes massas de população estão condenadas a aborrecer-se de morte.*⁸⁰

Levanta-se, então, a questão de como conciliar um modo espontâneo e orgânico de produzir espaço, defendido na *dérive* e na cidade-lúdica, com um modo abstracto e premeditado, inerente à arquitectura e ao urbanismo, que necessariamente racionalizam o espaço, evitando concepções tecnocratas que tendem a homogeneizar. O urbanista François Ascher (1946 - 2009) propõe um urbanismo de compromissos, que *“procura menos a simplificação de realidades complicadas e esforça-se acima de tudo por conjugar territórios e situações complexas. O bom desempenho ou mesmo a sua durabilidade obtêm-se mais pela variedade, pela flexibilidade e pela reactividade.”*⁸¹ Como explica Nuno Portas (1934 -), Ascher recusa-se a radicalizar modelos urbanísticos, como se a única solução fosse a prevalência de um sobre os outros, e propõe a compatibilização entre eles, complementando-se e favorecendo a sustentabilidade do conjunto. O urbanismo proposto é mais sensível ao lugar, procurando abordagens mais subtis e menos abstractas, o que leva a priorizar estratégias de colaboração, de coordenação de potenciais localizados e uma economia de variedades, em vez de estratégias massificadas e economias de escala.⁸² Procura valorizar as dinâmicas urbanas, através da simultaneidade e multicentralidade; incentivando a mobilidade dos grupos sociais entre bairros, motivada pela diversidade funcional e polivalência dos equipamentos e serviços. Valorização dos espaços de conexão e intermodalidade. O neo-urbanismo deve esforçar-se *“por conceber espaços sociais e funcionais múltiplos a “n” dimensões, hiperespaços combinando o real e o virtual, propícios tanto à intimidade como a sociabilidades variáveis.”*⁸³

*“O uso das TIC “em particular” não se substitui em termos de igualdade aos transportes: o face a face, os contactos directos, continuam a ser meios de comunicação privilegiados; a acessibilidade física, a possibilidade de encontro, são mais do que nunca a principal riqueza dos lugares urbanos. (...) De certa maneira, assiste-se mesmo a um paradoxo: o desenvolvimento das telecomunicações banaliza e acaba por desvalorizar tudo o que é audiovisual – que se mediatiza e se armazena facilmente – e valoriza económica e simbolicamente aquilo que não se comunica (ainda?), o “directo”, as sensações tácteis, olfactivas, gustativas, os acontecimentos, as festas...”*⁸⁴

80 Constant NIEWENHUIS, “Uma outra cidade para uma outra vida” citado o artigo da Maria Ótica.sa da cidade labirinto, com base na cidade antiga, como situacionistas, consistia citado no artigo “A deriva na internacional letrista: para uma crítica radical do urbanismo (1954-2017)” de RAMALHO, Maria, na revista online PUNKTO, http://www.revistapunkto.com/2014/02/uma-outra-cidade-para-uma-outra-vida_3.html, consultada a 8 de Abril de 2018

81 François ASCHER, Os novos princípios do urbanismo. Seguido de novos compromisso urbanos. Um léxico., P.83

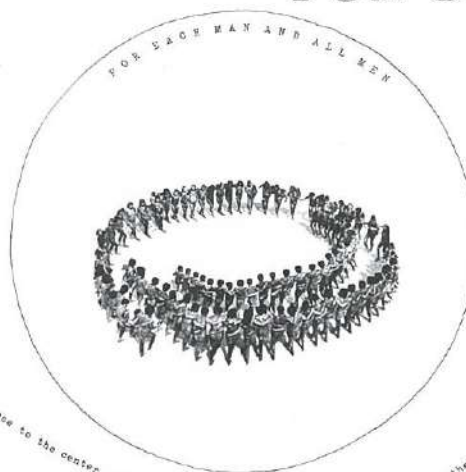
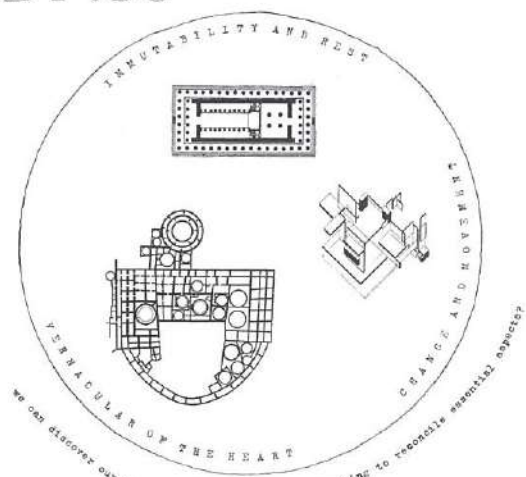
82 Ascher explica que a própria homogeneização da globalização, que as novas tecnologias de comunicação fomentam, ajuda a valorizar o local, acentuando a importância das diferenças: “é, em última instância, a diversidade dos territórios que faz mexer os homens, os bens, os capitais e as informações.

83 François ASCHER, Os novos princípios do urbanismo. Seguido de novos compromisso urbanos. Um léxico., P.87

84 François ASCHER, Os novos princípios do urbanismo. Seguido de novos compromisso urbanos. Um léxico., P.64-65

BY US

FOR US



to discover anew implies discovering something new.

We can discover ourselves everywhere - in all places and ages - doing the same things in a different way, feeling the same differently, reacting differently to the same.

22 Diagrama Círculos Otterlo de Aldo van Eyck, 1959.

Para Ascher o papel dos urbanistas já não é propor uma solução, mas sim orientar as negociações entre diferentes interesses, procurando o compromisso que satisfaça o maior número de partes. Uma vez que a maioria dos problemas urbanos são cada vez mais circunstanciais e por isso imprevisíveis, e “as maiorias estáveis são cada vez mais raras”, torna-se mais importante o método de acção que as medidas concretas propostas para o mandato.

Um dos caminhos que Ascher aponta para uma democracia mais compreensiva é a participação colectiva.

*“A “participação” dos habitantes, dos usuários da cidade e dos actores da sociedade civil na concepção das decisões locais, e mesmo na sua realização, é uma necessidade para adaptar a democracia representativa às exigências da sociedade contemporânea. Mas não é uma alternativa. É um seu complemento. Contudo, a participação traz com ela um projecto de sociedade funcionando mais por compromisso e por consenso, e menos por conflito.”*⁸⁵

A proposta de François Ascher vai ao encontro da ideia de Lefebvre, em que propõe a *praxis*, a prática social colectiva, como força principal da transformação e construção do quotidiano e da cidade, do urbano. Para o sociólogo, os arquitectos, urbanistas, sociólogos, economistas, políticos ou filósofos apenas podem propor soluções e demonstrar o caminho através da sua experiência, com base nos seus erros, sucessos e inventários. Mas apenas a classe trabalhadora, o povo, os habitantes da cidade têm a capacidade de revolucionar o quotidiano, bem como o espaço deste. Os técnicos especialistas, neste caso os arquitectos e urbanistas, assumem uma posição, usando as palavras de Fernando Távora, de homens entre os homens, que colaboram na obra comum.

*“A arquitectura como arte e técnica também tem necessidade de uma orientação. Necessária, não poderia bastar por si mesma, nem poderia o arquitecto fixar suas finalidades e determinar sua estratégia. Por outras palavras, o futuro da arte não é artístico, mas urbano.”*⁸⁶

A grande aspiração de Lefebvre era uma mudança radical de forma a acabar com a alienação, através do potencial revolucionário do quotidiano. Uma revolução não se baseia apenas na mudança do corpo político e das instituições, mas na mudança da vida quotidiana. Lefebvre via a cidade como uma obra prima da *praxis*, um lugar de “festa”, e acreditava na consciência e prática da *arte de viver* como o fim da alienação. Lefebvre vai buscar o conceito de “festa”, às festividades do mundo rural, que existiam como complemento do quotidiano, para descarregar energias acumuladas no dia-a-dia. A festa e o trabalho eram duas partes igualmente importantes da sociedade. O sociólogo não propõe implementar a ideia original de festival do mundo rural, mas evoca-o como antítese da vida burocrática e sistematizada. Tê-lo como referência na crítica ao quotidiano, como algo que nos faz humanos,

85 François ASCHER, *Os novos princípios do urbanismo. Seguido de novos compromisso urbanos. Um léxico*, P.129

86 Henri LEFEBVRE, “O Direito à Cidade”; trad.: Ruben Eduardo Frias. São Paulo: Centauro, 2001. P.134

que aviva o sentido de humanidade.

A concretização do ser humano vem através do dia-a-dia, por isso a necessidade de gerar uma revolução e implementar a “*arte de viver*” no quotidiano, em que o trabalho e o lazer ganham a mesma importância e complementam-se. Lefebvre conclui no seu livro que “o direito à cidade”, só pode ser concebido como o direito à vida urbana. A cidade como a “obra prima” da praxis da civilização, faz com que seja diferente de qualquer outro produto. A “obra” tem valor de uso e o produto tem valor de troca. Como o urbanista Andy Merrifield (1960-) explica, o uso eminente da cidade, ou seja, das ruas, das praças, dos edifícios e dos monumentos é a “festa”, que consome improdutivamente, sem outra vantagem que não o prazer e o prestígio. E esse prazer improdutivo da “festa” é acessível a todos e não uma exclusividade para os privilegiados.

A “festa” é uma necessidade social, a actividade lúdica e criativa como meio de libertação para energias acumuladas. Uma necessidade urbana, que é satisfeita na cidade através de espaços colectivos públicos,⁸⁷ de simultaneidade e encontros (espaços a que podemos chamar de lúdicos, onde a possibilidade de relações é potenciada, fomentando a imaginação e a possibilidade de criação, portanto de habitar.

“Theoretical analysis must redefine the forms, functions, and structures of the city (economical, political, cultural, etc.) as well as the social needs inherent to urban society. Until now, only individual needs, their motivations marked by what is known as consumer society (the bureaucratic society of programmed consumption), have been considered and have in fact been more manipulated than effectively recognized and examined. Social needs have an anthropological basis; they have opposite and complementary aspects; they include the need for security and the need for openness, the need for certainty and the need for adventure, that of the organization of labor and that of play, needs for predictability and unpredictability, for unity and difference, for isolation and encounter, for exchanges and investments, for Independence (even solitude) and communication, for immediacy and for long-term perspective. The human being also needs to accumulate energy as well as to expend it, even to waste it in play. He needs to see, to hear, to touch, and to taste, and he needs to unify these perceptions in a “world”.

“O direito à cidade se manifesta como forma superior dos direitos: direito à liberdade, à individualização na socialização, ao habitat e ao habitar. O direito à obra (à actividade participante) e o direito à apropriação (bem distinto do direito à propriedade) estão implicados no direito à cidade.”⁸⁸

Lefebvre no seu livro *Le droit à la ville*, torna evidente a necessidade de revolucionar o quotidiano, reequilibrando a relação trabalho produtivo e trabalho criativo, sendo o acto de criar, a imaginação, o simbolismo, os encontros e o “jogo” necessidades urbanas. Para que se dê esta revolução “*será não só necessário revolucionar o nosso quotidiano, mas tam-*

87 A continuidade espacial, e também temporal, de que falamos no capítulo anterior, tão importante para o encontro e confronto de distintas realidades e, consequentemente, para a identidade do lugar, é garantida na cidade através do espaço público, onde predomina o uso colectivo – a praça, o largo, o jardim, a rua.

88 Henri LEFEBVRE, *O Direito à Cidade*; trad.: Ruben Eduardo Frias. São Paulo: Centauro, 2001. P.134

bém o ambiente que nos rodeia, reconhecendo o efeito que ele exerce no comportamento humano.”⁸⁹

Para construir o espaço da cidade de forma a integrar o orgânico e o espontâneo, propomos a abordagem de François Ascher do compromisso entre os técnicos e a população, a participação colectiva nas decisões locais como complemento à gestão urbana.

É este compromisso que pretendemos com a reabilitação do lote da Fundação da Calheta.

Dar a voz à comunidade da Calheta, através de um projecto cultural, com o intuito de fixar a população local. Fundir o popular e o erudito, o território e a cultura, o local e o global, o endógeno e o exógeno.

89 Maria RAMALHO, “A deriva na internacional letrista: para uma crítica radical do urbanismo (1954-2017)”, revista Punkto, http://www.revistapunkto.com/2018/04/a-deriva-na-internacional-letrista-para_6.html



23 Parque Komogawa , Quioto, Japão, 2014.



24 Bairro Polaco, Brooklyn, EUA, 2014.



25 SESC Pompeia, São Paulo, Brasil, 2014.



26 Pla del Descanso, Valparaíso, Chile, 2015.



27 Oxaca, México, 2016.



28 Washington Square Park, NY, EUA, 2014.



29 Jardim das Virtudes, Porto, Portugal, 2015

4. O CASO DO SESC POMPEIA EM SÃO PAULO

“(...) A pesquisa urbanística tem exigências de método e avaliação, que nos obrigam a olhar para trás – e atenção que 50 anos representam muito pouco na vida das cidades! – e fazer a crítica das ideias e dos resultados, aprendendo com os “êxitos” e as “rejeições”, tanto a nível local como global.”⁹⁰

Tendo definido uma ideia de espaço lúdico, como construí-lo e onde se encontra na cidade, propomos analisar um caso prático que o exemplifique. Para tal escolhemos o Sesc Pompeia, em São Paulo, projectado por Lina Bo Bardi (1914 – 1992), por se tratar de uma acção pontual na cidade, para dinamizar a zona industrial abandonada envolvente, com falta de espaços públicos para o encontro e, consequentemente, com problemas sociais.

Nos anos 1970, o SESC – Serviço Social do Comércio, entidade independente mantida por contribuições dos comerciantes, adquire uns armazéns recém desocupados pela fábrica de tambores dos Irmãos Mouser, no bairro Pompeia, com o objectivo de construir um centro comunitário, cultural e desportivo para os trabalhadores do comércio. Inicialmente o projecto foi encomendado ao arquitecto Júlio Neves, que previa destruir a fábrica, construindo uma unidade vertical ampla. Depois da instituição se aperceber que era um projecto grandioso, moroso e caro, optaram por aproveitar algumas das estruturas pré-existentes, decidindo chamar a arquitecta Lina Bo Bardi⁹¹, pela forma ousada como restaurou o Solar do Unhão, na Bahia.

A encomenda do SESC Pompeia a Lina Bo Bardi coincide com um período de instabilidade política e económica no Brasil, que vivia os anos de transição que dariam fim à Ditadura Militar (1964 – 1985). Face à situação do país, Lina Bo Bardi, juntamente com outros artistas e arquitectos nacionais, questionava o quotidiano brasileiro e “*uma modernização associada ao consumo*”⁹², que muitas vezes esquecia as necessidades dos habitantes da cidade, aproximando-se dos ideais defendidos no ceio do Team X. É o “desejo de construir uma outra realidade” que guia o projecto do SESC Pompeia. Porém, a arquitecta procurou sempre uma “*utopia do presente*”, um equilíbrio entre o passado e o futuro, indo ao encontro do pensamento de Aldo van Eyck: “*Detesto todo o vínculo sentimental com o passado da mesma forma que o culto tecnocrático ao futuro. Um e outro se fundam na noção estática e linear do tempo (é o que possuem de comum passeístas e tecno-*

90 Nuno PORTAS em *O Ser Urbano. Nos caminhos de Nuno Portas*, P.605

91 Lina Bo Bardi foi uma arquitecta italiana, que emigrou para o Brasil em 1946, acabando por nacionalizar-se brasileira em 1951.

92 “Coincide também com o primeiro Projecto de dimensão importante que Lina recebe após uma pausa na actividade profissional, durante a ditadura no Brasil. É quando ela diz ter lido “O capital”, de Carl Marx. Olívia de OLIVEIRA, Lina Bo Bardi : sutis substâncias da arquitectura / Olívia de Oliveira. - São Paulo: Romano Guerra Ed., 2006. P.201



30



31



32

30 - 32 Fábrica de tambores dos Irmãos Mouser.

cratas)”⁹³. Para Lina a utopia era uma ferramenta de crítica, e ao mesmo tempo a arquitectura uma ferramenta de actuação, onde o arquitecto deve ter os seus ideais pelos quais se guia para propor uma sociedade melhor.

O levantamento da fábrica e os primeiros estudos do lugar começaram a ser feitos em 1977. Em 1982, a primeira etapa foi inaugurada e o centro comunitário e cultural começou a funcionar na antiga fábrica. Só posteriormente, em 1986, após nove anos do levantamento, o bloco desportivo foi inaugurado, ficando assim completa toda a construção do programa.

O bairro de Pompeia, onde se situavam os armazéns da fábrica, era uma antiga zona industrial, do final do séc. XIX, que foi sendo abandonada aos poucos, pelas empresas e operários, passados apenas 50 anos da sua fundação. No início do século XX, muitas das fábricas foram destruídas, e o bairro foi crescendo de forma aleatória e sem grande regra. Era uma “zona bastante desfavorecida, sem muitas opções de lazer, onde viviam trabalhadores e uma classe média baixa.”⁹⁴ A falta de espaços de encontro para a comunidade, levou a que os habitantes se apropriassem da antiga fábrica criando um “ambiente de convívio espontâneo”, que Lina Bo Bardi reteve nas primeiras visitas à fábrica:

*“Na segunda vez que lá estive, um sábado, o ambiente era outro: não mais a elegante e solitária estrutura Hennebiqueana, mas um público alegre de crianças, mães, pais, anciãos passava de um pavilhão a outro. Crianças corriam, jovens jogavam futebol debaixo da chuva que caía dos telhados rachados, rindo com os chutes da bola na água. As mães preparavam churrasquinhos e sanduíches na entrada da rua Clélia; um teatrinho de bonecos funcionava perto da mesma, cheio de crianças. Pensei: isto tudo deve continuar assim, com toda esta alegria. Voltei muitas vezes, aos sábados e domingos, até fixar claramente aquelas alegres cenas populares.”*⁹⁵

Preservar e potenciar esta vivência da fábrica era fundamental para a arquitecta, tornando-se mais pertinente propor um centro didáctico, que instrísse através da prática e da participação colectiva, do que propriamente um arquivo expositivo de carácter contemplativo e participação controlada. Lina Bo Bardi reinterpreta o pedido inicial do cliente, que consistia num tradicional Centro Cultural e Desportivo, e propõe um Centro de Convivência, com um carácter mais lúdico.⁹⁶ A sua estratégia, a sua “ideia forte”, surge desde o início do projecto, já na análise do programa. O conceito de fábrica, geralmente associada ao trabalho e à produção de produto, é subvertido, passando a ser um espaço de lazer, de ócio, de recriação física e mental. Como explica o arquitecto Marcelo Ferraz, para a arqui-

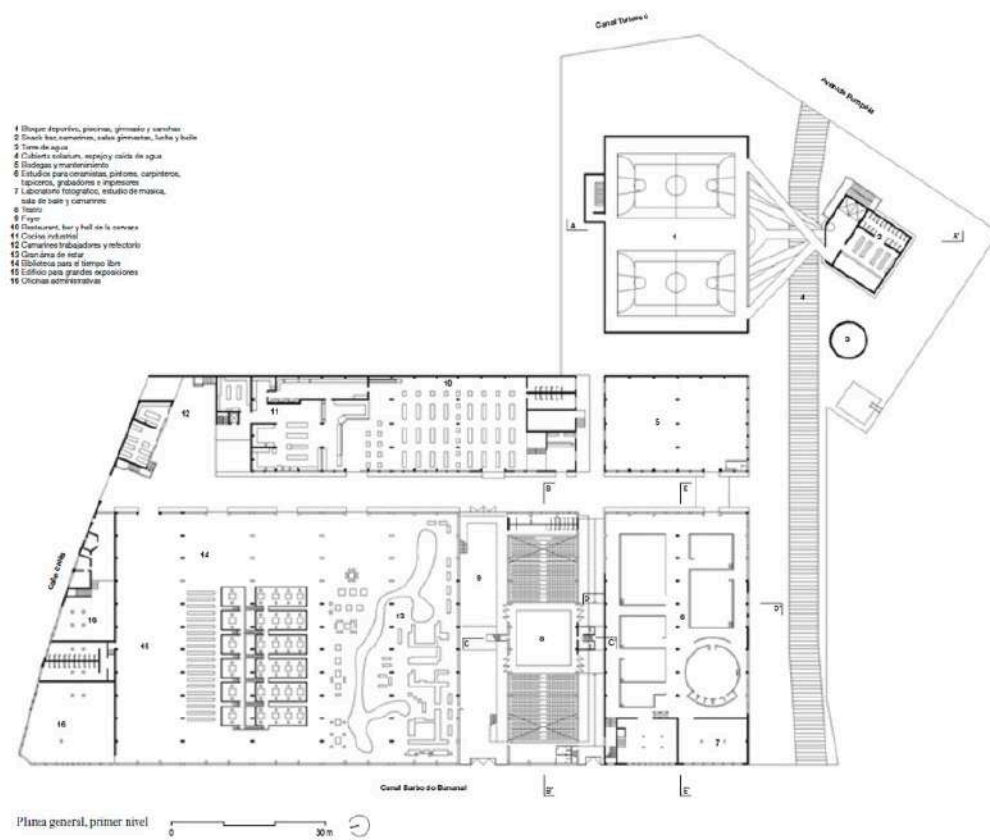
93 Aldo VAM EYCK citado em Olivia de OLIVEIRA, Lina Bo Bardi : sutis substâncias da arquitectura / Olivia de Oliveira. - São Paulo: Romano Guerra Ed., 2006. P.193-194

94 Olivia de OLIVEIRA, Lina Bo Bardi : sutis substâncias da arquitectura / Olivia de Oliveira. - São Paulo: Romano Guerra Ed., 2006. P.203-205

95 Olivia de OLIVEIRA, Lina Bo Bardi : sutis substâncias da arquitectura / Olivia de Oliveira. - São Paulo: Romano Guerra Ed., 2006. P.203-205

96 Uma das grandes preocupações da sua prática profissional, era a formação e instrução do povo, a sua valorização e independência. Lina escreve sobre o Museu de Arte de São Paulo: “Nos países de velha cultura onde a obra de arte se incorporou à vida, o Museu pode conservar ainda, principalmente quando as colecções sejam mantidas em edifícios antigos, o carácter de selecção, proporcionando ao visitante o prazer de descoberta. Mas nos países de cultura em início, desprovidos de um passado, o público, aspirando a instruir-se, preferirá a classificação elementar e didáctica.”

O ESPAÇO LÚDICO COMO ESPAÇO DE ENCONTRO



33 Planta do SESC Pompeia.

tecta um projecto “*deve nascer de um conceito central forte e consistente, capaz de alimentar todo o seu desenvolvimento. Esta ideia forte não é necessariamente técnica nem formal. Sendo os dois ao mesmo tempo, ela é, antes de tudo, “poética”.*”⁹⁷

“No Sesc, em São Paulo, há a presença fabril dos contentores, dos silos e da chaminé – que agora não solta mais fumaça, só flores. Não é mais a fábrica do trabalho opressivo e árduo, mas a fábrica da poesia, do nada fazer, da preguiça.

*Todas estas “ideias fortes” foram tomadas como alimento espiritual, que vem antes do projecto formal ou físico. Talvez este seja o verdadeiro fundamento do projecto arquitectónico.”*⁹⁸

A “ideia forte”, de potenciar a vivência colectiva já existente, mantendo a identidade do lugar, traduz-se em decisões projectuais sensíveis à memória e vivência do lugar, procurando uma continuidade temporal e espacial. De certa forma, Lina Bo Bardi propõe um espaço para o encontro da comunidade, que se aproxima das proposições de Aldo Van Eyck e que vai ao encontro da ideia de espaço lúdico, mencionada nos capítulos anteriores. Para preservar a memória do lugar e garantir uma continuidade temporal, a arquitecta decidiu manter a estrutura de Hennebique, característica da arquitectura inglesa industrial do séc. XIX, como memória da expansão industrial no início do séc XX naquela zona de São Paulo.

Ao preservar a antiga fábrica, manteve a organização espacial do terreno, transformando os armazéns em grandes áreas de convívio, onde colocaria a parte do programa dedicada ao centro de lazer, utilizando a rua interna, entre estes, como elemento organizador do programa.

Para a parte do programa dedicada ao desporto, que necessitaria da construção de novos edifícios, restava apenas uma longa faixa do terreno, considerada não edificável devido a águas pluviais, o que levou Bo Bardi a construir em altura, colocando os campos de jogos e respectivas áreas de serviço uns sobre os outros, construindo três torres maciças, de betão à vista, evocando elementos industriais como os silos ou os reservatórios, e assim reafirmando a ideia de fábrica. Ao manter o carácter de vila operária e ao construir as três torres, que se afirmam no perfil da cidade, é conseguida uma continuidade formal e histórica, com a cidade de São Paulo. O antigo mantém-se e o novo assume-se como tal. O antigo não se tenta modernizar, para além das reabilitações necessárias às novas funções, e o novo não tenta imitar o precedente, os dois mantêm um diálogo, afirmando a “ideia forte”⁹⁹, poética, do projecto: uma fábrica de lazer. É criada uma coerência entre o programa novo e a memória do lugar.

“A fábrica tinha o aspecto de uma pequena vila operária. Uma rua central dava acesso aos diversos pavilhões que a ladeavam, ao mesmo tempo que incitava às actividades ao

97 Centro de lazer=leisure center : SESC-fábrica de Pompeia=SESC-Pompeia factory / texto Cecília Rodrigues dos Santos. - Lisboa : Blau, 1996, P.27-28

98 Marcelo Carvalho FERRAZ, *Arquitetura conversível* / Marcelo Carvalho Ferraz. - 2ª ed.. - Rio de Janeiro : Beco do Azougue, 2011. P.50-51

99 Marcelo Carvalho FERRAZ, *Arquitetura conversível* / Marcelo Carvalho Ferraz. - 2ª ed.. - Rio de Janeiro : Beco do Azougue, 2011. P.48-53



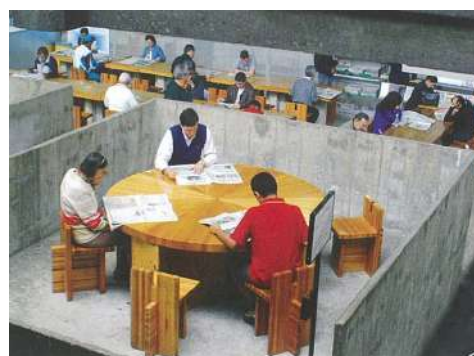
33 Cantina



34 Cozinha



35 Zona Polivalente



36 Zonas de trabalho e de leitura



37 Zonas de trabalhos manuais

ar livre, festas e feiras populares. Em cada um dos pavilhões industriais existentes são instaladas actividades distintas. Logo na entrada, à direita, encontra-se a administração, seguida pelo espaço multiuso. Mais adiante, um anfiteatro para mil pessoas e finalmente um conjunto de ateliês de arte e artesanato. Do lado esquerdo, vestiários dos empregados, uma pracinha, cozinha industrial e restaurante, seguidos pelo pavilhão do almoxarifado e oficinas de manutenção.”¹⁰⁰

Para além da continuidade entre o novo e o velho, entre o programa encomendado e a memória do lugar, Lina Bo Bardi procurou também uma continuidade espacial, criando uma dinâmica estimulante entre os diferentes espaços e programas do SESC, que incitasse a liberdade de movimento do corpo e da livre apropriação pelos habitantes.

Na zona não edificável, com 3000m², construiu-se um deck de madeira com o programa de solário. Esse vazio, baptizado de “rua da praia”¹⁰¹, tornou-se o espaço mediador entre os armazéns antigos com o programa cultural e as torres novas com o programa desportivo. Assim como nos antigos armazéns, é o vazio da rua que ajuda a organizar o programa, também é este vazio do solário que garante a relação e continuidade entre os dois conjuntos de edifícios.

A intervenção é definida pela valorização dos espaços de transição, como espaços para experienciar e habitar e não apenas como espaços de passagem, fazendo uma clara referência aos espaços “*in-between*” de Aldo Van Eyck. A concepção de grandes espaços sem função específica, bem como a atenção dada a dispositivos como escadas, rampas, passarelas, colunas, juntas e vãos, permitem a continuidade e a fluidez dos percursos entre os diferentes programas e edifícios, assim como a liberdade de apropriação.

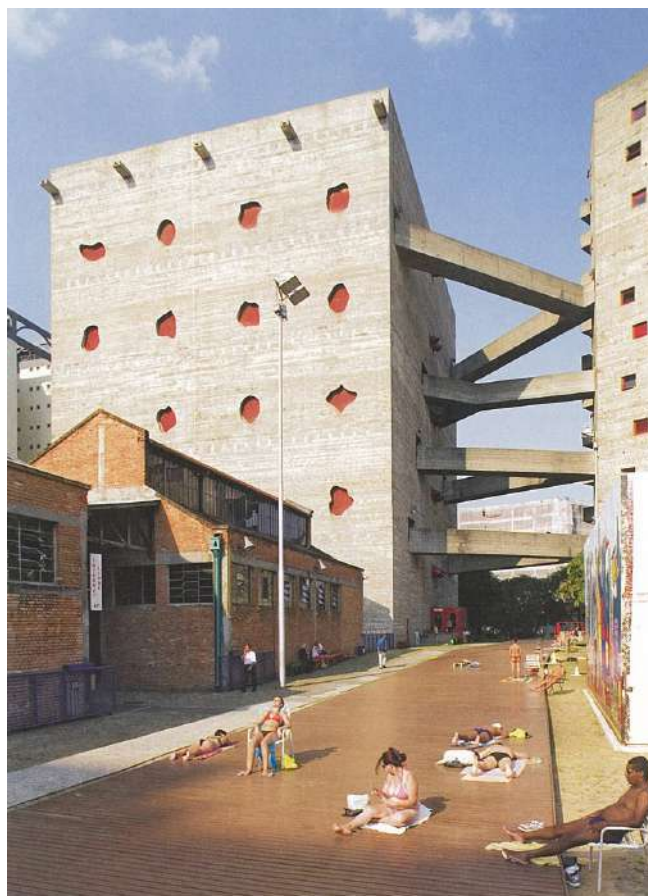
“Nada de fixo podia aprisionar o SESC, Lina procura activar as utilizações imponderáveis que poderiam se aportar ao lugar: os vendedores ambulantes, as festas, as crianças, um visitante, um grupo, as mudanças de estação. O efémero deveria possuir e definir o lugar e a arquitectura deveria ser contaminada directamente pela vida cotidiana.”

Para albergar o novo programa, o interior dos armazéns é adaptado e são retiradas algumas paredes divisórias conseguindo espaços mais amplos. Todos estes espaços, à excepção do armazém do teatro, que necessitou de mais intervenção, são definidos através de dispositivos e intervenções muito simples e pouco invasivas do edifício, desde paredes baixas, elementos simbólicos, como uma lareira e um espelho de água, até ao mobiliário. A mezaninne, solta da estrutura do edifício, conforma as pequenas salas de leitura e jogo, criando espaços elevados mais resguardados; pequenos muros de blocos de cimento associados a armários, a que Lina chama de “muros-labirinto”¹⁰², desenham os espaços dos ateliers; e o espaço de convívio polivalente, foi pensado “*como uma grande praça de lazer aberta ao improviso do povo.*”.

100 Centro de lazer=leisure center : SESC-fábrica de Pompeia=SESC-Pompeia factory / texto Cecília Rodrigues dos Santos. - Lisboa : Blau, 1996, P.13

101 Centro de lazer=leisure center : SESC-fábrica de Pompeia=SESC-Pompeia factory / texto Cecília Rodrigues dos Santos. - Lisboa : Blau, 1996, P.14

102 Como explica Olívia Oliveira, “numa referência directa à noção de “clareza labiríntica” dos edifícios de Van Eyck.” Oliveira, Olívia de, Lina Bo Bardi: sutis substâncias da arquitectura / Olívia de Oliveira. - São Paulo: Romano Guerra Ed., 2006. P.221



38 Solário - "rua da praia"



39 Vista aérea do complexo.

Também à Cantina e à “Choperia”, é atribuído um carácter polivalente e lúdico, permitindo a realização de festas e concertos. A envolvimento do habitante na utilização do espaço é procurada nos espaços dedicados à performance como o auditório e o foyer, indo ao encontro das ideologias do teatro experimental, em que se questionava o modelo tradicional do teatro à italiana e procurando-se esbater a distância entre o público e os actores ou bailarinos, propondo também um ambiente surrealista, em que a distinção entre o real e o imaginário é muito ténue. Por essa razão, o palco é colocado no meio e a plateia dividida pelas duas laterais, posicionando o público frente a frente. A rua lateral ao armazém do Teatro é coberta com telhas e passa a ser o foyer, que Lina Bo Bardi denominou de “terreiro”, dedicado às apresentações especiais, e evocativo das praças tradicionais brasileiras, onde a comunidade se junta e acontece naturalmente o teatro da vida, como na antiga ágora grega.

Lina valoriza e explora a cultura popular na sua prática profissional, evitando cair na folclorização, como redução da cultura genuína a imagens fixas e opressivas, e defendendo a tradição relacionada com os modos de viver, em constante actualização. No SESC é procurada *“uma comunicação direta com o público por meio de uma série de elementos distribuídos pelo conjunto, que evocam o imaginário criativo popular e simbólico ao mesmo tempo que narram a vida doméstica e cotidiana”*.¹⁰³ São pequenos dispositivos como o duche no exterior ao pé do deck evocando uma “cachoeira”, o curso de água no interior do grande espaço polivalente evocando o “rio São Francisco”, a lareira, que evoca o fogo como motivo de reunião, nos modos de viver mais tradicionais, ou a valorização do futebol, como “missa pagã” que reúne a comunidade aos domingos.

O movimento como expressão livre do corpo e uso informal do espaço é fundamental na intervenção do SESC Pompeia, e é essa informalidade que permite a coexistência de um programa oficial com um programa espontâneo como as feirinhas e as festas populares, proporcionando a autonomia e a participação dos habitantes na obra.¹⁰⁴

Ao estimular os sentidos, o corpo e o movimento, para uma apropriação livre e espontânea, Lina Bo Bardi pretende proporcionar uma experiência mais autêntica, aproximando o homem do seu contexto. A importância do lúdico e do tema do jogo no SESC Pompeia está relacionada com a intenção de oferecer a outras possibilidades ao quotidiano dos seus habitantes. A revolução do quotidiano de Henri Lefebvre, através de actividades lúdicas que, como vimos com Johan Huizinga, ajudam no desenvolvimento da civilização e do indivíduo como cidadão, oferecendo ao homem a possibilidade de outra forma de estar no mundo, para além do trabalho e do consumismo.

O SESC Pompeia assume um carácter urbano e uma posição política. Urbano, não só pela área de intervenção e pelo fluxo previsto de pessoas, mas principalmente pela função que assume na cidade como espaço de encontro da comunidade envolvente. *“Uma ‘cidadela’, dirá Lina, demonstrando sua intenção urbana para o lugar, modelo de uma ‘cidade-ambiente’, ‘passionante’, no jargão situacionista.”*¹⁰⁵ E político por “abrigar” tudo o que

103 Olívia de OLIVEIRA,, Lina Bo Bardi: sutis substâncias da arquitectura / Olívia de Oliveira. - São Paulo: Romano Guerra Ed., 2006, P.238

104 A participação colectiva, esbatendo a distância entre o técnico projectista e o contexto da obra construída, está presente até no método de projectar e construir de Lina Bo Bardi, ao transpor o seu escritório para o estaleiro da obra, permitindo assim um contacto mais directo e flexível com os trabalhadores.

105 Olívia de OLIVEIRA, Lina Bo Bardi : sutis substâncias da arquitectura / Olívia de Oliveira. - São Paulo: Romano Guerra Ed., 2006. P.201-203

é geralmente marginalizado, como o lazer, o popular, o artesanal, procurando o equilíbrio no cotidiano entre as dicotomias popular/ erudito, artesanal/ industrial, lazer/ trabalho, valorizando assim as minorias desprezadas, como os estudantes, os professores, os artistas, e as maiorias desfavorecidas, como a classe trabalhadora.

“Os espaços de um projecto de arquitectura condicionam o homem, não sendo verdadeiro o contrário, e um grave erro nas determinações e uso desses espaços pode levar à falência toda uma estrutura.

O enorme sucesso desta primeira experiência na Fábrica Pompéia denuncia claramente a validade do “Projecto Arquitectónico” inicial.”¹⁰⁶

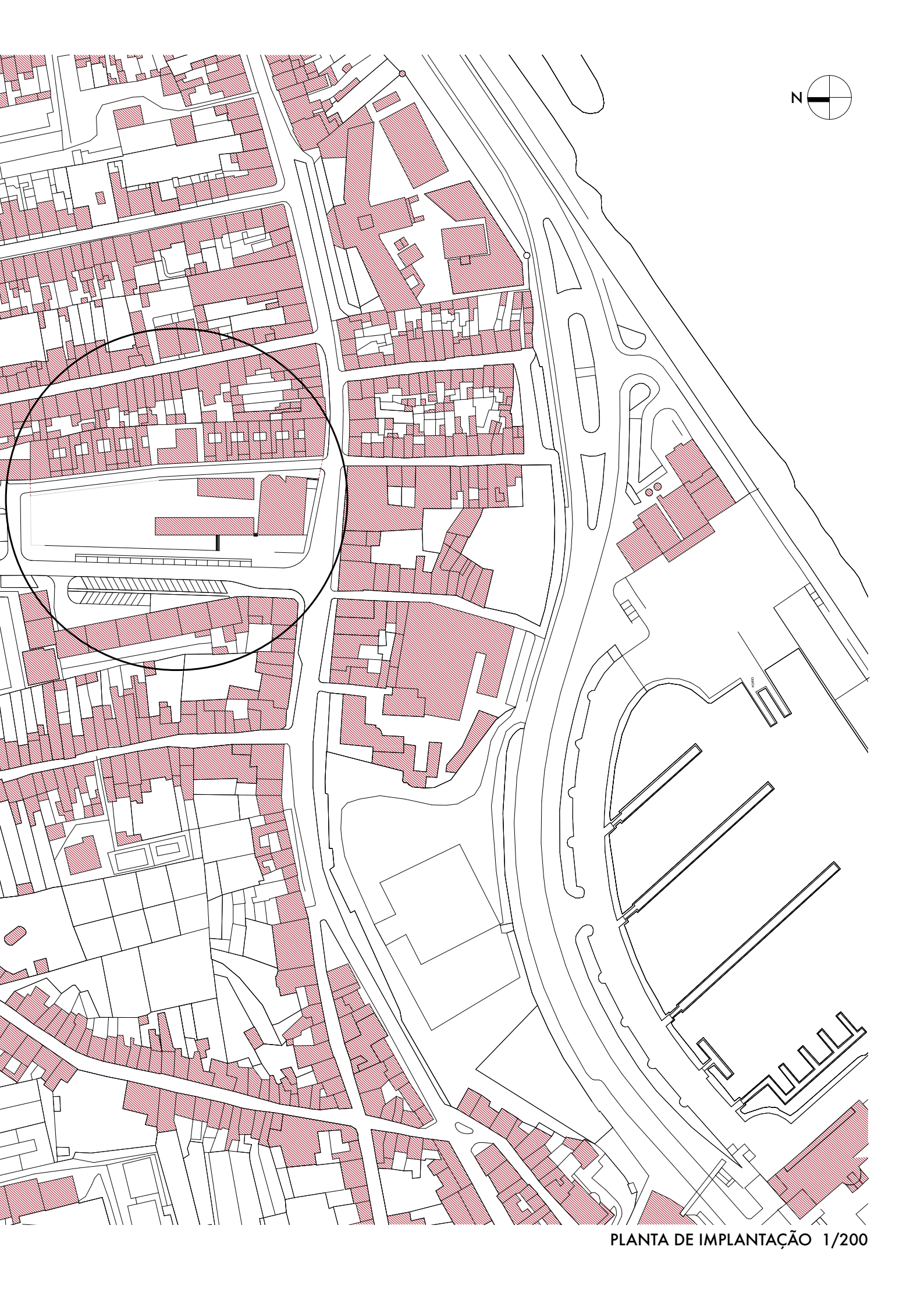
A análise do SESC Pompeia, em São Paulo, contribui para a proposta da Fundação da Calheta, no sentido em que constitui um exemplo de como subverter a ideia de espaço cultural num espaço não institucional, que permite usos informais e uma programação independente, valorizando a vivência popular das maiorias e dando atenção às necessidades das minorias. Exemplifica o poder de um projecto de urbanismo e arquitectura na dinamização da vivência da cidade, oferecendo um espaço colectivo alternativo, no quotidiano dos cidadãos.

106 Lina Bo Bardi / coord. Marcelo Carvalho Ferraz. - 3ª ed.. - S. Paulo : Instituto Lina Bo e P. M. Bardi, 2008, p.234



II. O LUGAR DA CALHETA E A PROPOSTA PARA A FUNDIÇÃO





Na Parte I, “O espaço lúdico como espaço de encontro”, concluiu-se que a partir do momento em que o sujeito entra no espaço, este passa a ser um lugar; é a experiência do espaço, a percepção deste, que o faz um lugar. Segundo Norberg-Schulz, a estrutura de um lugar é caracterizada pela sua forma concreta, o espaço, e pela atmosfera criada pela articulação dessas características concretas, o carácter. Ou seja, o lugar nasce sempre da relação do homem com o espaço. E é essa relação com o território, prolongada no tempo, a memória colectiva, que gera o carácter do lugar. Sendo o papel do arquitecto clarificar a estrutura do lugar, torna-se fundamental analisar e perceber as relações que existem.

Propomos então a análise da estrutura do nosso objecto de estudo, a Calheta, de que forma o homem se adaptou ao território, começando pelo contexto geográfico e histórico, e como estes se reflectem no modo de ser do povo açoriano e da comunidade calhetense.

A Calheta Pêro de Teive, insere-se numa pequena baía, na cidade de Ponta Delgada, da ilha de São Miguel, do Arquipélago dos Açores¹⁰⁷: *«as ilhas emergem de um planalto submarino, numa zona de intensa actividade vulcânica e sísmica, que faz parte da cordilheira central do Atlântico. De origem vulcânica, as nove ilhas apresentam traços geológicos comuns, mas um aspecto morfológico diferente “resultado dos tipos de erupção mais ou menos violentos, que lhes deram origem (Freitas, 1985).”*¹⁰⁸

O clima é temperado marítimo, a baixa amplitude térmica e a elevada humidade que o caracterizam, são resultado da latitude, da corrente quente do Golfo do México, mas principalmente da insularidade, *“soerguidas à tona de água, ora risonhamente envoltas em mantos de verdura e rosas, ora com a fronte velada de névoa melancólica, ora de aspecto, diríamos, severo e majestoso (...)”*¹⁰⁹

Estas ilhas já constavam em mapas dos séc. XIV, antes da chegada dos portugueses, talvez pelas grandes erupções vulcânicas que se avistavam desde longe e indicavam a existência de terra.¹¹⁰ Contudo os primeiros a estar efectivamente em terras açorianas foram os marinheiros de Diogo Velho Cabral, a mando do Infante D. Henrique. A primeira ilha a que chegaram foi Santa Maria, em 1427. A segunda foi São Miguel, em 1439 e no ano 1440 começou a fixação, seguindo-se o povoamento e descoberta das restantes ilhas.

A data de descoberta dos Açores apresenta algumas divergências, bem como a origem dos seus primeiros colonos, por falta de documentação e imprecisão dos dados cartográficos. Porém são factos muito importantes para perceber a identidade de um

107 O arquipélago, composto por nove ilhas, situa-se a uma distância de 1570 km de Portugal e a 3900 km da América do Norte.

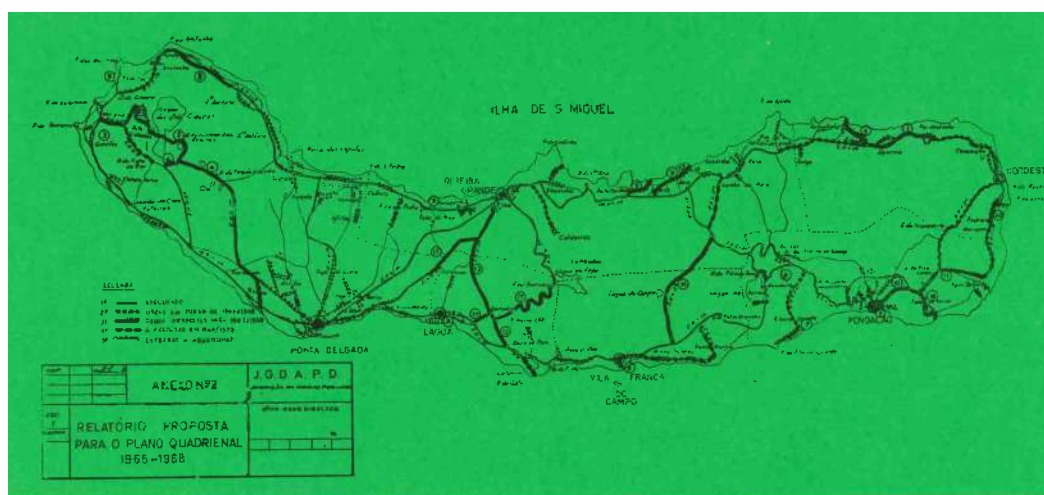
108 João VIEIRA CALDAS - coord. (2000). *Arquitectura Popular dos Açores*. Ordem dos Arquitectos. P.16
109 J. LEITE DE VASCONCELOS, “Mês de Sonho”, Ponta Delgada: Instituto Cultural de Ponta Delgada, 1992

110 José HERMANDO SARAIVA no vídeo <https://www.youtube.com/watch?v=RbAyXb48Fug&t=232s>, consultado a 2018.05.28

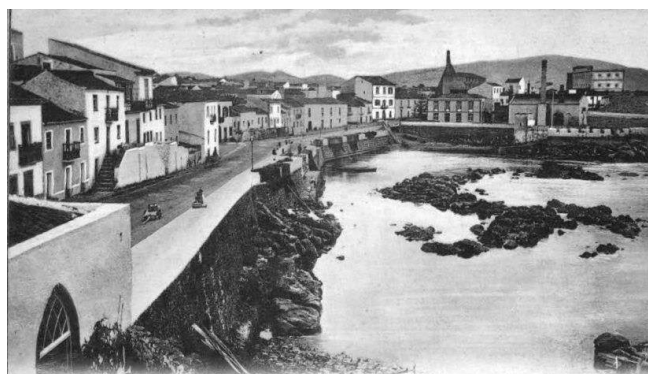
O LUGAR DA CALHETA E A PROPOSTA PARA A FUNDIÇÃO



41 Arquipélago dos Açores



42 Ilha de São Miguel



43 Baía da Calheta, início do séc. XX

povo.

Apesar da distância, a influência da cultura portuguesa está muito presente desde o início do povoamento. Foram vários os historiadores, antropólogos e etnógrafos que reconheceram em vários aspectos a influência de costumes do norte de Portugal, do Minho e da Beira, mas principalmente do sul, Algarve e Alentejo.¹¹¹ Para Vitorino Nemésio (1901 – 1978) o contributo português é “*por certo o maior, e principalmente decisivo na formação da psique do maior número de habitantes*”¹¹². Leite de Vasconcelos escreve também sobre a influência de escravos de África, a presença dos flamengos, mais evidente nas ilhas centrais, de Judeus que fundaram uma sinagoga em Ponta Delgada, alemães cuja presença remonta a tempos mais antigos e ingleses, que construíram cemitérios na Horta e em Ponta Delgada, no início do séc. XIX, concluindo que “*de todo esse conjunto de povos*”, “*provieram os Açorianos actuais*”. Porém, os três autores reconhecem que existem “*algumas particularidades conferidas pela geografia e por aspectos sociais*.”¹¹³ Vitorino Nemésio fala de “*uma realidade açoriana que não só geograficamente se manifesta, mas que sobretudo é viva numa ética própria, numa vida – em suma – em muitos pontos especializada e diferenciada*”¹¹⁴

A insularidade e a distância são “*dominantes fundamentais do povo açoriano que vive o contraste permanente entre o isolamento inevitável e a possibilidade de contacto com o Mundo através do mar que o rodeia*”¹¹⁵.

A insularidade faz com que a presença da Natureza seja esmagadora. A instabilidade do clima e da terra torna os açorianos pessoas impulsivas, obrigando-os a reagir a uma constante mutação da situação. A sensação de impotência recorrente, perante a força do mar e dos vulcões, gera um “*receio colectivo*”, que se traduz numa intensa religiosidade. Desde o início da fixação, quando a actividade vulcânica era mais intensa, que a Igreja surge como protectora das povoações, organizando o território e marcando a paisagem, os edifícios religiosos surgem como “*agregadores das comunidades*”, muitas vezes com as fachadas enfrentando o mar.¹¹⁶

Tão forte como a Igreja, são as festas populares, do Espírito Santo.¹¹⁷ As festas

111 J. Leite de Vasconcelos no seu livro “*Mês de Sonho*”, escreve que no séc. XVI, o cronista Gaspar Frutuoso aponta que a maior parte das famílias provinham do Algarve, do Minho, da Beira e do Alentejo e que Arruda Furtado, em 1884, “observou que, tendo tido o Infante D. Henrique o seu centro de exploração no Algarve, iriam de lá os seus primeiros colonos para Santa Maria e S. Miguel.”. José de Almeida Pavão, no seu livro “*Aspectos Populares Micaelenses*”, ao analisar a dialéctica dos açorianos e principalmente dos micaelenses, também reconhece a influência de diferentes zonas do continente, mas mais uma vez principalmente das zonas algarvia e alentejana.

112 Vitorino NEMÉSIO, *Corsário das Ilhas*, 1956. P.94

113 Isabel ALBERGARIA, “*NA FORJA DA ARQUITETURA REGIONAL*” Entre o determinismo geográfico e as desinências nacionalistas: o caso açoriano”, P.12

114 Vitorino NEMÉSIO, *Corsário das Ilhas*, 1956. P.88

115 João VIEIRA CALDAS - coord. (2000). *Arquitectura Popular dos Açores*. Ordem dos Arquitectos. P.20-21

116 Surgiram também algumas manifestações culturais indígenas em resposta a esse receio colectivo, como as romarias.

117 Trazidas pelos colonos portugueses, no séc. XIV, consistiam na distribuição de comida e esmolas aos mais pobres. Actualmente extinguiram-se na maioria do continente, persistindo apenas até ao séc. XVIII, mas devido à distância mantiveram-se uma tradição muito forte no Açores. Festejadas em todas as freguesias, elege-se um mordomo que organiza o “bodo”, o banquete onde será distribuída a comida aos moradores da freguesia. Organizam-se cortejos e o coroamento do Espírito Santo. É uma festa de origem pagã, uma vez que o padre participa, mas não é organizada pela igreja. O que a torna uma festa inclusiva, que na altura de D. Manuel conseguiu bastantes aderentes judeus e novos-cristãos, que chegaram à ilha, fugidos da perseguição cristã.



44 Neblina na paisagem micaelense



45 Carro das Festas do Espírito Santo, Rabo de Peixe, São Miguel, Açores



46 Mulheres de Capote, traje tradicional açoriano, no adro da Igreja Matriz, Ponta Delgada, 1935



47 Os Emigrantes, Domingos Rebelo, 1926

desenvolvem-se em torno do império, um pequeno edifício, dedicado somente a estas celebrações. Como explica João Vieira Caldas¹¹⁸: *“É esta área pública reduzida, informe e sem limites definidos, por vezes não passando de um simples cruzamento, que, de certo modo, substitui a importância e função, nos meios rurais, espaços de convívio social como os largos, as praças e os mercados.”*

Explica ainda, relativamente às relações sociais, que o *“ideal religioso comum, institucional ou popular, parece ser o principal elo de ligação destas comunidades e o motor de manifestações tradicionais com peso suficiente para as retirar do círculo familiar e individualista de todos os dias e, em conjunto, sublimar receios, exorcizar temores e agradecer benesses.”* E que é devido à *“instabilidade atmosférica que se faz sentir nos Açores, marcada por um clima de elevada humidade relativa e chuvas constantes, dá lugar a um ambiente muito característico. A constante neblina que se sente nestas “ilhas de bruma” motiva uma vivência particular de um povo que procura no espaço doméstico o valor do abrigo e do conforto.”*

A vida colectiva nota-se assim mais fechada e muito familiar, sem grande vivência de rua. Vitorino Nemésio¹¹⁹ explica que é uma consequência de serem meios muito pequenos, resultando no *“perigo da excessiva combatividade, sempre inerente às atitudes de pura opinião, em valor prático imediato”*. Para além de pequeno é um meio geograficamente isolado. Esse isolamento insular, para Leite de Vasconcelos, é a razão principal para o carácter triste do povo açoriano. Segundo José de Almeida Pavão¹²⁰, foi a constante ameaça à sobrevivência dos seus habitantes, presente nas tempestades marítimas e no vulcanismo, que *“lhes criou uma armadura de sofrimento que confere ao açoriano e, particularmente ao micalense, esse feitio sombrio, triste e fechado aos primeiros contactos dos estranhos, e apegado à terra tantas vezes madrastra.”* O que justifica talvez, segundo Vitorino Nemésio¹²¹, uma atitude geral um pouco acrítica e conformista, que por vezes passa uma imagem de inércia e de indolência. *“Dá a impressão de pouco vertebrado e disposto a sustentar os riscos de uma atitude decidida.”* Contudo, afirma também que, quando *“tirado do ambiente um pouco estreito em que vive, o ilhéu desentranha-se em vida e prodigaliza acção.”* Torna-se mais pro-activo e mostra a sua capacidade de trabalho e decisão. Possivelmente é essa sensação de “liberdade” de descomprometimento, que sente ao sair do meio onde sempre viveu, que o faz tão fascinado pelos continentes. Esse fascínio pelas *“metrópoles carregadas de sedução”*, juntamente com as dificuldades económicas, naturais de um meio pequeno numa economia cada vez mais de escala, que leva muitos a quebrar o *“feitiço do mar”* e a procurar a sua sorte fora da ilha. Surge assim a figura do emigrante, tão presente na cultura açoriana. No seu contínuo regressar, afirma-se a si e à identidade açoriana, dentro e fora da ilha.

Essa relação entre interior e exterior, o que é dentro da ilha e o que é fora da ilha, para além da insularidade, acentua-se com a distância a que o arquipélago se encontra de terra continental. Essa distância muito marcada tem como consequência o isolamento, que por sua vez faz com que a transformação inerente à tradição seja mais

118 João VIEIRA CALDAS - coord. (2000). *Arquitectura Popular dos Açores*. Ordem dos Arquitectos. P.20-21

119 Vitorino NEMÉSIO, *Corsário das Ilhas*, 1956.

120 J. ALMEIDA PAVÃO, *“Aspectos Populares Micaelenses”*, P. 20 - 22

121 Vitorino NEMÉSIO, *Corsário das Ilhas*, 1956.

O LUGAR DA CALHETA E A PROPOSTA PARA A FUNDIÇÃO



48 Água Retorta, São Miguel, Açores.



49 Costa sul da ilha de São Miguel, Ponta Delgada e arredores, início do séc. XX.

prolongada no tempo, dando a sensação de cristalização do antigo, tornando a cultura arcaizada.¹²²

A influência do isolamento torna-se evidente nos modos de vida, bastante rurais, e logicamente nas formas de expressão popular. Durante muito tempo, até ao fim do séc. XX, a maioria da arquitectura popular, principalmente fora dos meios urbanos, assumia formas simples e aparência pobre, sendo construída com métodos tradicionais, utilizando os recursos disponíveis da terra, que devido ao isolamento da insularidade e da distância, não eram muito variados, nem actualizados.¹²³ Segundo Arruda Furtado, o isolamento, mais do que contribuir para uma evolução genuína, contribuiu para uma involução cultural.¹²⁴ *“Ao caracter do ilhéu açoriano corresponde, com muita exactidão, o estylo da sua própria arquitectura, muito regular e muito simples.”*¹²⁵

A Calheta é uma pequena baía na costa sul da ilha de S. Miguel. Esta ilha do Grupo Oriental¹²⁶, é a maior das ilhas e onde se concentra o maior número de actividades administrativas e económicas, resultando na ilha mais populosa dos Açores. Por esta razão é também a que *“apresenta maior número de povoados, maior hierarquização entre eles e maior tendência para a formação de agregados do tipo urbano.”*¹²⁷ Tem *“uma forma alongada no sentido leste-oeste”*, possuindo uma morfologia bastante heterogénea, que se pode dividir em três regiões: o Maciço Vulcânico das Sete Cidades, situado a Noroeste; a Região dos Picos, no centro; e o Maciço Vulcânico da Serra de Água de Pau, a Leste. As diferenças geomorfológicas de cada região, deixam-se transparecer *“no tipo de povoamento e agregado rural (conjunto de construções habitacionais e de apoio à vida rural de uma mesma família), bem como nos próprios modelos da habitação e das respectivas construções de apoio.”*¹²⁸

*“A zona central de São Miguel fornece a morfologia mais plana e harmoniosa da ilha e, como tal, corresponde à parte mais povoada.”*¹²⁹, encontrando-se os agregados urbanos de maior importância, a Ribeira Grande na costa norte e Lagoa e Ponta Delgada na costa

122 Como explica José Almeida Pavão, esta arcaização é notória principalmente no dialecto, cujas as formas arcaizantes são mais presentes nas regiões distantes, que na origem. J. ALMEIDA PAVÃO, *“Aspectos Populares Micaelenses”*, P. 17 - 18

123 Isabel ALBERGARIA, *“NA FORJA DA “ARQUITETURA REGIONAL” Entre o determinismo geográfico e as desinências nacionalistas: o caso açoriano”*, P.2

124 Isabel ALBERGARIA, *“NA FORJA DA “ARQUITETURA REGIONAL” Entre o determinismo geográfico e as desinências nacionalistas: o caso açoriano”*, P.4-5

125 António BAPTISTA em SAMPAIO, Rita, *A tipologia da Bretanha na tradição da casa popular micaelense. A importância do lugar na construção da identidade*, Dissertação de Mestrado em Arquitectura, Orientação do Professor Doutor José Manuel Soares, Faculdade de Arquitectura, Universidade do Porto, 2016. P.55

126 O arquipélago dos Açores divide-se no Grupo Ocidental, com a ilha do corvo e a ilha das Flores, o Grupo Central, com a ilha Terceira, a ilha Graciosa, a ilha S. Jorge, a Ilha Faial, ilha Pico, e o Grupo Oriental, com a ilha S. Miguel e a ilha Santa Maria.

127 SAMPAIO, Rita, *A tipologia da Bretanha na tradição da casa popular micaelense. A importância do lugar na construção da identidade*, Dissertação de Mestrado em Arquitectura, Orientação do Professor Doutor José Manuel Soares, Faculdade de Arquitectura, Universidade do Porto, 2016, P.33

128 SAMPAIO, Rita, *A tipologia da Bretanha na tradição da casa popular micaelense. A importância do lugar na construção da identidade*, Dissertação de Mestrado em Arquitectura, Orientação do Professor Doutor José Manuel Soares, Faculdade de Arquitectura, Universidade do Porto, 2016, P.33 - 37

129 SAMPAIO, Rita, *A tipologia da Bretanha na tradição da casa popular micaelense. A importância do lugar na construção da identidade*, Dissertação de Mestrado em Arquitectura, Orientação do Professor Doutor José Manuel Soares, Faculdade de Arquitectura, Universidade do Porto, 2016, P.33 - 37

Sul. “A esta zona principal, corresponde um tipo de agregado mais compacto, com ocupação de lote-a-lote, as casas encostadas empena-a-empena. A fixação continua a fazer-se na faixa da orla costeira, com marcada diferença entre a costa sul e a costa norte.”¹³⁰

A relação com o mar torna-se determinante na identidade de um ilhéu. É a fronteira entre a terra e o mar, que define o contorno da ilha, os seus limites. Contudo a definição desta fronteira entre as duas realidades nem sempre é clara, provando que o mar só esconde a continuidade terrestre. Com a actividade vulcânica, bem como com a erosão das ondas e a própria oscilação das marés, a linha definidora que separa as duas realidades está em constante mutação. Influenciando o tipo de implantação dos povoados e as relações que estes estabelecem entre si. Verifica-se que o assentamento dos povoados é feito na proximidade do mar, pela sua possibilidade de comunicação com exterior e práticas piscatórias, “escolhendo com frequência as linhas de fecho das encostas e colinas onde cria plataformas cultivadas e construídas.”¹³¹ Apesar da implantação junto ao mar, existe a tendência de dar as costas ao mesmo, virando as casas para interior, “para o universo campesino”¹³², talvez como forma de protecção e garantia de segurança.

*“No mar se sacia a vista de extensão de longe e de grandeza, nele se expande e vivifica a alma oprimida pelas acanhadas perspectivas terrestres, dele dimana ainda todo o valor e todo o sentimento da nossa afixação e toda a poesia dos nossos campos de expressão acentuadamente melancólica.”*¹³³

Sobre o “descobrimento” de S. Miguel, há falta de registos rigorosos. O primeiro local onde se fixam os colonos foi denominado Povoação, na costa sudeste da ilha, tratando-se da zona litoral mais próxima de Santa Maria, a única ilha até então povoada. O terreno densamente arborizado, levou a uma exploração da ilha feita maioritariamente pelo mar, tornando o processo de povoamento mais lento. A dificuldade de ligação através da povoação, tanto pelo litoral como por terra, levou a que se deslocassem e fixassem na Vila Franca do Campo, que se desenvolveu e se tornou a capital da ilha até ao séc. XVI.

São Miguel foi a ilha que recebeu mais colonos de Portugal continental e que, ao contrário das restantes ilhas, numa primeira fase, não teve tantas influências de estrangeiros, flamengos, alemães, ingleses, americanos dos estados unidos, o que pode ter contribuído para o seu carácter mais fechado e modos de vida rural, contrastando com

130 SAMPAIO, Rita, *A tipologia da Bretanha na tradição da casa popular micalense. A importância do lugar na construção da identidade*, Dissertação de Mestrado em Arquitectura, Orientação do Professor Doutor José Manuel Soares, Faculdade de Arquitectura, Universidade do Porto, 2016, P.33 - 37

131 SAMPAIO, Rita, *A tipologia da Bretanha na tradição da casa popular micalense. A importância do lugar na construção da identidade*, Dissertação de Mestrado em Arquitectura, Orientação do Professor Doutor José Manuel Soares, Faculdade de Arquitectura, Universidade do Porto, 2016, P.33 - 37

132 SAMPAIO, Rita, *A tipologia da Bretanha na tradição da casa popular micalense. A importância do lugar na construção da identidade*, Dissertação de Mestrado em Arquitectura, Orientação do Professor Doutor José Manuel Soares, Faculdade de Arquitectura, Universidade do Porto, 2016, P.33 - 37

133 Luis Bernardo LEITE DE ATAÍDE (1975). *Etnografia. Arte e Vida Antiga dos Açores. Volume IV*, pág. 145 e 145

a vida mais cosmopolita que se fazia sentir no grupo central, com o culto do iatismo. O possível factor influente é a localização do poder no Grupo Central atraindo mais nobreza, enquanto em S. Miguel chegavam maioritariamente camponeses.

Vitorino Nemésio descreve o micalense como “*sem dúvida o que mais se afasta do tipo metropolitano. O micalense, com o mariense por adminículo, revela, desde a fala ao tom bosselado das feições uma preocupação de insulanismo estreme, tão rija e calada que em toda a parte o impõe como alguém que é alguém.*”¹³⁴

Para o escritor terceirense, o micalense é “*o mais trabalhador, rude, industrioso e tenaz*”¹³⁵, em oposição ao açoriano das ilhas centrais que é “*mais afável, aberto, sociável, festeiro e um tanto indolente*”¹³⁶

Esta clara distinção pode remontar ao tempo do desenvolvimento da sociedade açoriana, tornando-se evidente nas populações das duas cidades mais desenvolvidas do arquipélago. Segundo José Hermano Saraiva (1919 - 2012), desde que Ponta Delgada foi vila, não parou de crescer, “*e cresceu sempre como um terra de mercadores activos, de empresários, de gente de trabalho e de agricultores.*” Em oposição a Angra de Heroísmo, que “*cresce como uma cidade fidalga, aristocrática, de navegadores, de detentores do poder.*” Estes foram dois processos completamente diferentes gerando alguma rivalidade entre as duas ilhas, embora a riqueza tenha prosperado mais que o poder.¹³⁷

“Quem desembarcar em Ponta Delgada e se fiar simplesmente nas aparências do burgo, terá impressão de um convento de mercadores, baixo de tecto, soturno, com cercas de maravilhoso ajardinamento, é certo, mas inculcando uma regra acanhada de leigos ou mendicantes. As ruas são estreitas, as casas rígidas, os homens falam com uma palatalidade que irrita. Enquanto algumas carroças dobram as esquinas, nada se soma ao estreloçar das ferragens: só o passo patudo do arrieiro se estuga um pouco mais, e a voz regouga o proverbial estribilho:

- Sai, asno!

Vai ali um pobre trabalhador rotineiro? Talvez... Mas também uma aptidão para toda a dureza de trabalho, uma resistência a reveses que diante dele se amontoam, mas que acabará por demover. E vai, quanto uma ética mais finamente humana, aquela doçura cristã que se traduz por isto: quando alguém se atravessa diante do burro micalense, é enxotado a estas vozes:

*- Eh, alma de pau! Deixa passar esta alminha de Deus!”*¹³⁸

Ponta Delgada¹³⁹ começa por ser uma terra de pescadores, descoberta por mar e fundada através do porto onde abarcaram. Ao situar-se numa área com um relevo mais

134 Vitorino NEMÉSIO, Corsário das Ilhas, 1956. P.94

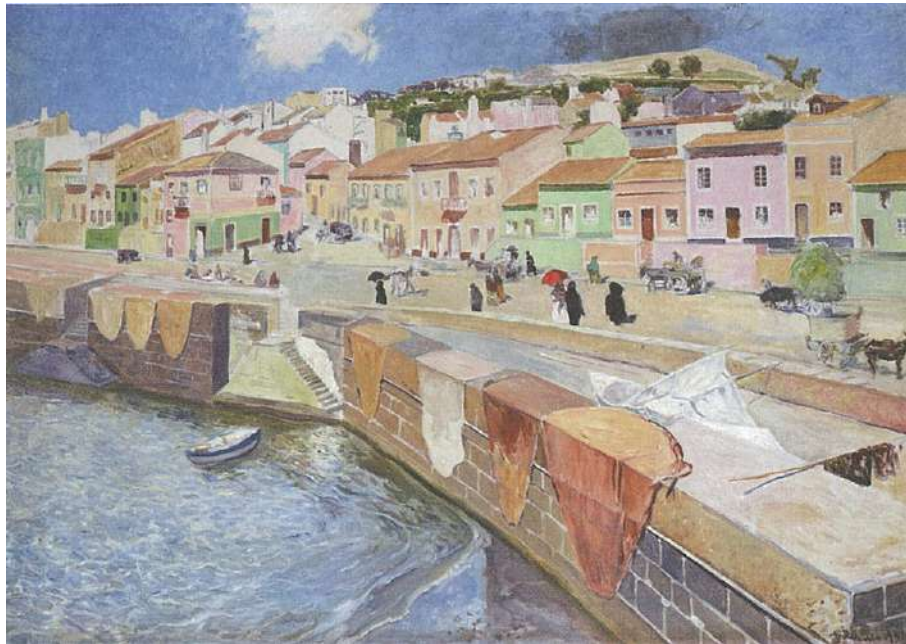
135 J. ALMEIDA PAVÃO, “Aspectos Populares Micaelenses”, P. 18 - 19

136 J. ALMEIDA PAVÃO, “Aspectos Populares Micaelenses”, P. 18 - 19

137 José HERMANO SARAIVA no vídeo <https://www.youtube.com/watch?v=RbAyXb48Fug&t=232s>, consultado a 2018.05.28

138 Vitorino NEMÉSIO, Corsário das Ilhas, 1956. P.94-95

139 Ponta Delgada, é hoje Capital Administrativa do Governo Regional, juntamente com Angra de Heroísmo e Horta, com 232 km², possui cerca de 68 809, segundo os censos de 2011, o que corresponde aproximadamente 28% de todo o arquipélago.



50 Roupa das lavadeiras a secar, Calheta Pêro de Teive, Domingos Rebelo, 1938.



51 Pescador da Calheta.

regular torna-se propícia para terrenos agrícolas, com uma posição privilegiada junto ao mar, o que facilitava as trocas comerciais. A junção das actividades agrícolas, com as actividades piscatórias e comerciais ligadas ao mar, incentivaram ao desenvolvimento de aglomerados urbanos. Como explica José Lamas:

“O lugar de Ponta Delgada, ou “Ponta de Santa Clara”, começou a ser frequentado pelos moradores de Vila Franca do Campo em meados do século XV, quando aí se fixaram “homens mui nobres e honrados”. A qualidade destes primeiros habitantes e as características do sítio e dos solos envolventes fez com que o seu rápido desenvolvimento fosse reconhecido pelo rei D. Manuel I, que elevou o lugar à categoria de vila em 1499. A grande prosperidade económica da vila, originada tanto pelas suas qualidades como pela destruição de Vila Franca no grande sismo de 1522, levou à transferência da alfândega e da residência do capitão-do-donatário e fez com que fosse elevada a cidade, em 1546, transformando-se na principal urbe da ilha. Este estatuto foi sendo reforçado ao longo do tempo, tanto em termos de dimensão, número de habitantes e importância dos seus edifícios, como do papel político-administrativo que assumiu, destacando se como sede de um dos três distritos autónomos dos Açores, nos séculos XIX e XX e um dos pólos do Governo Regional com a instituição do regime autonómico, em 1975.”¹⁴⁰

Em Ponta Delgada havia dois bairros piscatórios, Santa Clara e a Calheta. A Calheta Pêro de Teive foi fundada juntamente com o lugar de Ponta Delgada, muito antes de esta ser cidade, quando Vila Franca ainda era a capital da ilha. Na altura, as povoações surgiam onde houvesse um bom porto para os barcos atracarem. Segundo José Hermano Saraiva, o Donatário Pêro de Teive, juntamente com os seus homens, descobriram a pequena baía um pouco mais a este de Ponta Delgada, percebendo que era um bom local para porto, decidindo desbravar o seu fundo, para facilitar o acesso dos barcos e permitindo a fixação de gente na terras adjacentes ao porto.

“Dos documentos seleccionados e reproduzidos em anexo, recolhe-se da bruma dos tempos a imagem de uma Calheta, lugar de trabalho, porto de abrigo, porta de entrada e saída da cidade, local de reunião dos representantes da terra e boas gentes acolhem frades ou peregrinos.”¹⁴¹

“Tem um varadouro e uma população marítima de 94 pescadores, que possuem 22 barcos para a exploração piscatória. Tem um posto fiscal que cobra imposto de pesca-

140 “A Praça em Portugal – Açores. Inventário de Espaço Público”, José Lamas. Coordenação 2001/2003 Carlos Dias Coelho. Coordenação 2003/2005. Lisboa: Secretaria Regional do Ambiente e do Mar. Direcção Regional do Ordenamento do Território e dos Recursos Hídricos, 2005

141 Associação para a defesa e investigação do património cultural e natural de S. Miguel, “Calheta Pêro de Teive, Ponta Delgada”, Ponta Delgada, 1983

*do, e um pequeno cais que serve principalmente para exportar pozzolana.*¹⁴²

A Calheta juntamente com Rabo de Peixe foram os únicos portos dos quais saíam barcos para a pesca do bacalhau nos mares do norte. Segundo nos diz, Carreiro da Costa:

*“(os) pescadores vivem uma existência diferente dos homens do campo; procedem de forma diversa e têm um conceito de vida especial e muito seu, (...). Por outro lado as casas que habitam, o vestuário, a alimentação, etc., apresentam características que não as de gente que vive da terra e para a terra. A vida do mar e o perigo a que constantemente se expõe, fazem do pescador um homem que apenas cuida do presente e se descuida do futuro. O sistema económico de que se serve é outro que não o da economia rural. Além disso, se as alfaías de que se utiliza podem ser objecto de relato circunstanciado e as designações que põem os barcos reflectem aspectos curiosos da sua psicologia e são uma prova do seu espirito profundamente religioso, (...)”*¹⁴³

No séc. XIX instalaram-se várias indústrias depois do porto da Calheta, por se tratar, na altura, de uma zona periférica da cidade. Como nos explica Rui Sousa Martins:

“O primeiro ciclo desenvolveu-se ao longo da segunda metade de oitocentos traduzindo-se na implantação de unidades industriais para destilação, serração de madeiras, moagem de cereais, velas de sebo, telha e tijolo, faiança, cal, fundição e serralharia. (...)

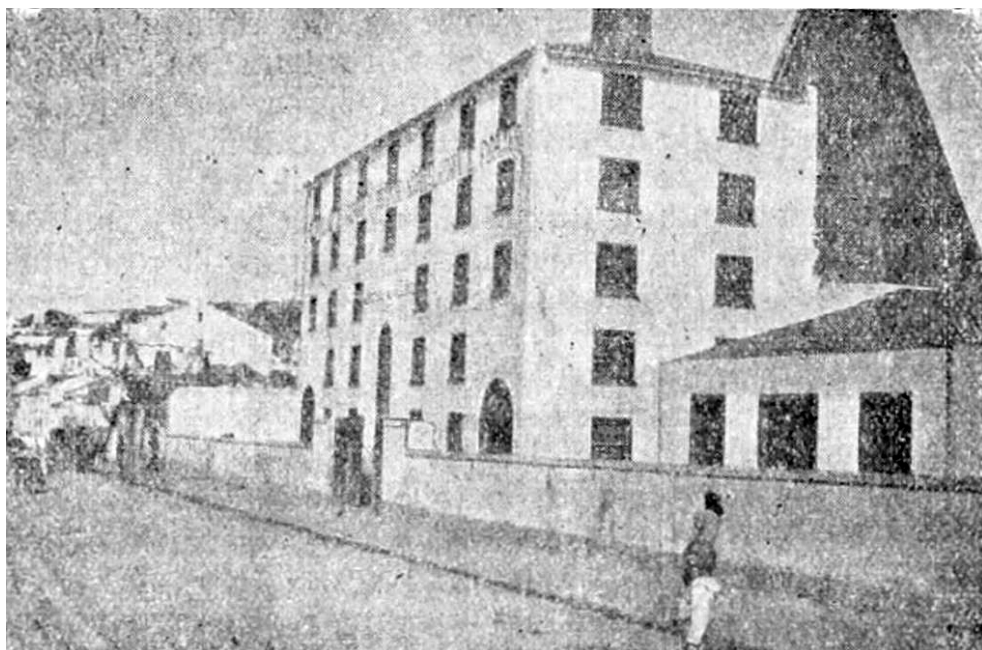
Na década de 20 do século passado, renasce um novo ciclo de actividades industriais na zona oriental de Ponta Delgada, assinalada pela criação da Fábrica de Moagem Micaelense (1922/1924) e pela renovação da indústria metalúrgica existente. Em 1921, uma sociedade constituída por José Tavares Carreiro (empresa fundada em 1888), Sociedade Corretora, Doutor José Bruno Carreiro e Engenheiro Francisco Pacheco de Castro teria adquirido as instalações da Fundição e Serralharia Mecânica da Calheta, surgindo a Empresa de Trabalhos Metalúrgicos, Lda., cuja actividade se manteve até à década de 80.

*Apesar da concorrência da desaparecida Fundição Lisbonense (Rua dos Clérigos, Ponta Delgada) e da importação de produtos metalúrgicos do Continente e dos Estados Unidos, a ETM conseguiu manter, ao longo das décadas de 30 e 40, uma importante actividade, no contexto de um terceiro ciclo industrial calhetense, renovado pela construção de uma Fábrica de Chicória, da Fábrica de Borracha Primos, Lda. (Rua da Pranchinha) e da Fábrica de Lacticínios Loreto, S.A.”*¹⁴⁴

142 Associação para a defesa e investigação do património cultural e natural de S. Miguel, “Calheta Pêro de Teve, Ponta Delgada”, Ponta Delgada, 1983

143 CARREIRO DA COSTA (1989). *Etнологia dos Açores*. Volume 1 ou 2?. Lagoa, Câmara Municipal. P.671

144 SOUSA MARTINS, Rui, “Fundição da Calheta. Ponta Delgada, São Miguel – Açores. Urgência de Classificação Patrimonial”, Associação para a Defesa e Investigação do Património, Ponta Delgada: 2011.



52 Fundação da Calheta, anos 1920.

A forma como foi feito o povoamento, a origem dos colonos, a relação com a terra e com o mar, são factores que influenciaram os modos de vida e consequentemente a mentalidade do povo micalense. Essa sobreposição de situações ao longo da História constrói a memória colectiva que influencia a forma como um povo reage no presente. Por esta razão, a análise da relação do homem com o lugar, e como se influenciam mutuamente ao longo da história, ou seja, a relação do homem com o espaço-tempo, torna-se fundamental para perceber os seus modos de vida hoje. Assim sendo, depois desta abordagem de carácter mais histórico e antropológico, temos os dados suficientes para perceber melhor a organização do espaço da Calheta. Como os modos de vida da pesca, das festas do Espírito Santo e da herança dos mercadores e do comércio influenciou a evolução, o desenho, da cidade Ponta Delgada e da Calheta de Pêro de Teive. De que forma se foram definindo os cheios e os vazios, o antigo e o novo, o privado e o público, os espaços de encontro.

A proposta de Aldo van Eyck para uma continuidade espacial e temporal na cidade, de forma a que esta fosse um conjunto de lugares, perpetuando o sentimento de pertença; com o crescimento rápido das cidades, muitas vezes mal planeado pela especulação imobiliária e forças de poder políticas e económicas, tornou-se difícil de concretizar.

Os arredores da cidade de Ponta Delgada, e algumas zonas que se tornaram centrais devido ao crescimento da cidade, como é exemplo a Calheta, são, de certa forma, exemplo desta falta de continuidade e sentimento de pertença. Propomos então uma análise da malha urbana e da evolução da cidade de Ponta Delgada, para perceber a descontinuidade que existe hoje na Calheta Pero de Teive.

Ponta Delgada¹⁴⁵ antes de ser elevada a cidade, como explica José Lamas, *“já tinha definido o seu centro, com a Igreja Matriz, casas da Câmara e pelourinho, alfândega e Misericórdia, assim como as Igrejas das outras duas freguesias – São Pedro e São José, formando-se um terreiro a ocidente, com a localização dos Conventos de São Francisco e da Esperança e configurando-se as estruturas urbanas paralelas à costa.”*¹⁴⁶ Após ser reconhecida como cidade por D. João III, em 1546, afirmou-se como principal urbe micalense, com a construção do forte de S. Brás e com a chegada de ordens religiosas que fundaram novos conventos. A ligação entre os diferentes edifícios religiosos e respectivos espaços públicos definiu as principais características urbanas da cidade *“definiram-se os arruamentos a Norte da Matriz e os dois eixos perpendiculares que unem o terreiro a poente aos novos Conventos a nascente e ao Colégio dos Jesuítas a Norte, cujas cercas constituíram o limite da cidade até ao século XIX.”*¹⁴⁷: *“um constituído pelas actuais ruas de Sant’Anna, Pedro Homem e Hintze Ribeiro; e outro pela Rua do Contador, desencadeando desta forma o crescimento da cidade para o seu interior.”*¹⁴⁸ Além destes dois eixos, ganharam características urbanas a Rua dos Mercadores, da Carreira, da Cadeia e da Misericórdia e o eixo que liga a zona do Campo de S. Francisco à zona da Calheta, hoje dividido em vários troços com designações diferentes.

Ponta Delgada possui uma malha urbana de estrutura marcadamente rural. A divisão dos quarteirões foi subordinada à divisão das terras e não aos valores da circulação, resultando em lotes muito estreitos e alongados, com tendência para o interior, numa orientação norte-sul bastante clara. Para além disso *“aparece-nos com as costas*

145 Ponta Delgada, é hoje Capital Administrativa do Governo Regional, juntamente com Angra do Heroísmo e Horta, com 232 km², possui cerca de 68 809, segundo os censos de 2011, o que corresponde aproximadamente 28% de todo o arquipélago.

146 *“A Praça em Portugal – Açores. Inventário de Espaço Público”*, José Lamas. Coordenação 2001/2003 Carlos Dias Coelho. Coordenação 2003/2005. Lisboa: Secretaria Regional do Ambiente e do Mar. Direcção Regional do Ordenamento do Território e dos Recursos Hídricos, 2005, P.59 – 60

147 *“A Praça em Portugal – Açores. Inventário de Espaço Público”*, José Lamas. Coordenação 2001/2003 Carlos Dias Coelho. Coordenação 2003/2005. Lisboa: Secretaria Regional do Ambiente e do Mar. Direcção Regional do Ordenamento do Território e dos Recursos Hídricos, 2005, P.59 - 60

148 José Lamas em CABRAL, João, *Análise Urbana da Cidade de Ponta Delgada. O Papel dos Planos de Urbanização no Crescimento da Cidade*, Dissertação de Mestrado em Arquitectura, Orientação do Professor Doutor Manuel Fernandes de Sá, Faculdade de Arquitectura, Universidade do Porto.



53 Vista área de Ponta Delgada, início do séc. XX.



54 Planta de Ponta Delgada de Michelotti, 1814.

*viradas para o mar, numa espécie de atitude de defesa, pois, sem porto de abrigo, a marésia facilmente lhe entrava nas ruas da Baixa.*¹⁴⁹ Entre o séc. XVI e o séc. XIX, houve a *“construção de grande parte dos edifícios de carácter erudito que ainda hoje caracterizam a cidade. (...) o solar urbano tipifica-se, marginando a rua e possuindo em geral um sobrado; exprime-se arquitectonicamente pelas métricas simples e repetitivas de fiadas de janelas com molduras de cantaria escura bem lavrada”*.¹⁵⁰

*“No século XIX, a cidade expandiu-se em direcção a Santa Clara e à Pranchinha (para o lado da Calheta), locais onde se fixaram as primeiras infra-estruturas industriais e ultrapassou as cercas dos extintos Conventos.”*¹⁵¹ Foi um período de grande desenvolvimento, *“criaram-se nesta altura os primeiros jardins públicos, como o parque botânico do Jardim António Borges e o passeio público da Alameda do Relvão e Mãe de Deus e apareceram os primeiros modelos de habitação isolada, fazendo deste, um período de grande desenvolvimento para a arquitectura doméstica.”*¹⁵² Com a retirada das ordens religiosas, em 1834, os edifícios religiosos foram reaproveitados, sendo-lhes atribuídos novos usos.¹⁵³

Na primeira metade do séc. XX, houve a rápida urbanização da coroa norte da cidade, ainda por consolidar, construíram-se largas avenidas urbanizadas, que rompiam com os alinhamentos pré-existentes e com as características tradicionais das ruas antigas, como a Avenida Roberto Ivens, com equipamentos públicos, e a Avenida Gaspar Frutuoso, com vivendas isoladas para a burguesia de classe alta. E surgiram os primeiros bairros económicos e conjuntos urbanos de casas unifamiliares, como o Bairro do Laje-do, o Bairro da Vitória e o Bairro Económico.

Em 1942, o Ministro das Obras Públicas, Eng. Duarte Pacheco, encomendou uma “rua litoral” para Ponta Delgada ao arquitecto João Aguiar, que ficou também encarregue do Plano Geral de Urbanização da cidade. A marginal cria uma nova frente marítima, reorientando a cidade, que até então virava costas ao mar, passa a funcionar um novo eixo Este-Oeste de atravessamento da mesma, e estabelece-se um sistema de espaço público, conectando todas as praças situadas à beira-mar, entre o forte de S. Brás e a zona da Calheta. É uma obra de carácter dictatorial, ao procurar criar uma imagem unificadora com a qual o regime se identificasse, desconsiderando algumas características principais da cidade. Pensada para a localização principalmente de equipamentos e serviços, *“não encontrou ainda a sua articulação com o tecido urbano mais enraizado.”*¹⁵⁴

- 149 Costa, Carreiro da (1989). Etnologia dos Açores. Volume 1 ou 2?. Lagoa, Câmara Municipal. P.634
- 150 CABRAL, João, Análise Urbana da Cidade de Ponta Delgada. O Papel dos Planos de Urbanização no Crescimento da Cidade, Dissertação de Mestrado em Arquitectura, Orientação do Professor Doutor Manuel Fernandes de Sá, Faculdade de Arquitectura, Universidade do Porto. P.35
- 151 “A Praça em Portugal – Açores. Inventário de Espaço Público”, José Lamas. Coordenação 2001/2003 Carlos Dias Coelho. Coordenação 2003/2005. Lisboa: Secretaria Regional do Ambiente e do Mar. Direcção Regional do Ordenamento do Território e dos Recursos Hídricos, 2005, P. 59 - 60
- 152 CABRAL, João, Análise Urbana da Cidade de Ponta Delgada. O Papel dos Planos de Urbanização no Crescimento da Cidade, Dissertação de Mestrado em Arquitectura, Orientação do Professor Doutor Manuel Fernandes de Sá, Faculdade de Arquitectura, Universidade do Porto. P.39
- 153 São exemplo o Convento de S. Francisco foi adaptado a hospital, o convento de S. João passou a quartel, no Convento da Conceição foi colocado o Tribunal e outros serviços administrativos, no Convento da Graça instalou-se o Liceu e a Biblioteca, bem como o Mercado, ainda hoje em funcionamento, foi construído um Teatro no mesmo sítio que a Igreja S. José, entretanto demolida, e a Câmara saiu do seu edifício no Pelourinho para se instalar num sobrado em frente ao Convento da Graça. Essa adaptação dos edifícios religiosos levou a que durante muitos anos não fosse construído um equipamento público de relevo.
- 154 Caldas, João Vieira - coord. (2000). Arquitectura Popular dos Açores. Ordem dos Arquitectos. P.101

O LUGAR DA CALHETA E A PROPOSTA PARA A FUNDIÇÃO



55 Ante-Plano Geral de Urbanização, de João de Aguiar, 1945



56 Fotografia aérea de Ponta Delgada, anos 1970.



57 Fotografia aérea de Ponta Delgada , início do séc. XX



58 Antigo Cais e Alfândega de Ponta Delgada, início do séc. XX



59 Sobreposição da linha de costa original com o plano de João de Aguiar.

O LUGAR DA CALHETA E A PROPOSTA PARA A FUNDIÇÃO



60 Av. D. João III, 2018



61 Av. D. João III e Fundação da Calheta, 2018

Desconsiderando “um conjunto de espaços e relações que, apesar de pontuais, pareciam mais genuínos na sua relação com o mar do que a nova frente artificial, pensada excessivamente para o trânsito automóvel.”¹⁵⁵

Ainda conforme o plano de João Aguiar, alargou-se a via de S. Gonçalo/ Papa-terra, tornando-se a circunvalação exterior da cidade, definindo o novo limite desta. Abriu-se a Avenida D. João III, em 1958, indo ao encontro dos princípios do urbanismo modernista, construindo-se perpendicularmente à rua, e assim quebrando o alinhamento das fachadas. Da proposta do arquitecto João Aguiar, foram postas em prática principalmente as medidas em relação ao sistema viário, deixando por construir as propostas de espaço público.

Em 1976, na sequência da instituição do Regime Democrático em Portugal, os Açores garantem a sua autonomia político-administrativa, tornando-se uma Região Autónoma. Inicia-se assim, uma fase de actualização da região, dando origem a uma grande encomenda de obras públicas.¹⁵⁶

Em 1987, é lançado concurso para um novo Plano de Urbanização, cujo vencedor foi o *atelier* Carlos Duarte, José Lamas, Estudos de Planeamento e Arquitectura, Lda.¹⁵⁷ Entre o ano do concurso e o ano de início dos trabalhos, em 1989, fizeram-se várias obras de grande dimensão, sectorizadas e que não integravam nenhum plano urbanístico, obrigando ao compromisso de integrá-las no novo plano para a cidade. Do plano proposto por José Lamas, apresentado ao público em 1996, concretizaram-se, embora em alguns casos não de forma integral, todos os compromissos a que foram obrigados a integrar, como as novas zonas urbanizadas com a Av. D. João III e o a zona do Paim, o prolongamento da Avenida Infante D. Henrique e a nova circular, constituindo uma das vias de atravessamento da cidade, na direcção Este-Oeste. Foi dada mais importância à construção dos novos arruamentos que às praças e largos previstos, não seguindo fielmente o plano, deixando mais uma vez para segundo plano a valorização da rede de espaço públicos. Podemos concluir que houve sempre uma prioridade da Câmara de Ponta Delgada e do Governo Regional, no investimento do sistema viário, em deterioramento do sistema de espaços públicos e planificação de espaço verdes para a cidade. Embora se tenha construído o Parque da Cidade na periferia, a sua integração com a malha exis-

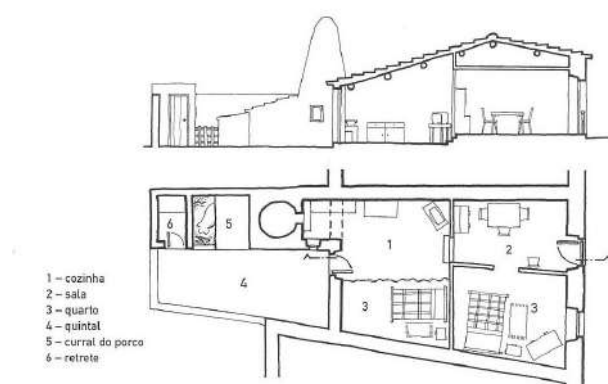
155 João CABRAL, *Análise Urbana da Cidade de Ponta Delgada. O Papel dos Planos de Urbanização no Crescimento da Cidade*, Dissertação de Mestrado em Arquitectura, Orientação do Professor Doutor Manuel Fernandes de Sá, Faculdade de Arquitectura, Universidade do Porto.

156 “a ampliação do aeroporto; o prolongamento da Avenida Infante D. Henrique, que previa uma série de investimentos públicos e privados relacionados não só com a intervenção ao nível viário, como também com a criação de equipamentos como o Clube Naval e a nova Marina; o sistema viário principal envolvente e as respectivas articulações com o sistema viário existente; o novo Hospital, localizado numa das áreas de expansão da cidade; e ainda a terciarização do centro histórico de Ponta Delgada.” João CABRAL, *Análise Urbana da Cidade de Ponta Delgada. O Papel dos Planos de Urbanização no Crescimento da Cidade*, Dissertação de Mestrado em Arquitectura, Orientação do Professor Doutor Manuel Fernandes de Sá, Faculdade de Arquitectura, Universidade do Porto.

157 Entre o plano do arquitecto João Aguiar (1945) e o actual plano em vigor do arquitecto José Lamas (1989) foram feitos outros planos para a cidade de Ponta Delgada, que nunca chegaram a ser postos em prática não controlaram o crescimento da cidade. Em 1963 do arquitecto Nereus Fernandes, em 1972 do arquitecto José Rafael Botelho, em 1978 do arquitecto Soares de Sousa e em 1982 do arquitecto Gomes de Menezes. Apesar destes planos não terem chegado a ser postos em prática, as suas propostas serviram de directrizes para o plano do arquitecto José Lamas, e principalmente para o actual sistema viário.



62 1ª Travessa da Calheta, 2018



63 Planta terra da casa tradicional micalense, na zona central da ilha.

tente, ainda não está consolidada. Como consequência destas prioridades, especulações imobiliárias e outras forças económicas, foram autorizadas muitas obras, que não integravam o plano urbano, comprometendo em alguns casos a estrutura da cidade.

Com o rasgamento da Avenida D. João III, em 1959, dando pouca atenção à continuidade entre o novo e o velho, tornando frágil a relação da malha urbana pré-existente com a nova via, mas principalmente com o prolongamento da Avenida Infante D. Henrique, em 1983, destruindo-se o Porto da Calheta Pêro de Teive, fonte de trabalho e de lazer da comunidade, pôs-se em causa a memória e identidade desta zona da cidade.

A zona da Calheta, desenvolveu-se em torno de dois portos de pescas, o porto pequeno, de onde saíam para a pesca da sardinha e o porto grande, de onde saíam para a pesca do bacalhau na Gronelândia. Pelo porto passava a Rua da Calheta, (actual Rua do Engº. José Cordeiro) que fazia a ligação do centro da cidade à Cadeia. A ela vinham dar a Ladeira das Águas Quentes e a Rua do Calhau, onde paravam os burros dos vendedores que vinham buscar o peixe para vender. Partiam para norte a Rua do Negrão, a Rua do Poço, no início da qual existia um Poço, e as actuais Rua do Moinho de Vento e a Rua do Laureano. Para sul, partiam a 1ª, 2ª e 3ª Travessas da Calheta, onde moravam maioritariamente pescadores.

As origens humildes ainda são visíveis nas travessas, através da organização urbana e tipo de casa que remetem para a arquitectura popular micalense, presente principalmente nos meios piscatórios e rurais. Assim sendo, as ruas são geralmente estreitas, e as casas *“estão dispostas com a fachada principal virada e confinante para a rua e dispõem-se “quase todas em banda perfazendo uma continuidade construtiva muito típica do Alentejo ou Ribatejo”*¹⁵⁸ As casas são de um ou dois pisos, *“com fachada em esquema de janela-porta-janela ou apenas janela-porta”*¹⁵⁹ - versão ainda mais elementar de habitação - mas, dependendo da zona e da densidade populacional, podem atingir os dois pisos.”¹⁶⁰ *“A fachada, com frentes entre quatro metros e meio e sete metros, é repetida ao longo da rua, mas a casa é individualizada através da cor (ver anexo 03), destacando-se o contorno da fachada”* e dos vãos, através da caixilharia e persianas *“em contraste com a tonalidade da restante superfície”*¹⁶¹ Para além do uso de cor, é frequente encontrar uma saturação simbólica, com azulejos religiosos ou de dizeres populares, estatuetas, santos ou outros

158 Rita SAMPAIO, A tipologia da Bretanha na tradição da casa popular micalense. A importância do lugar na construção da identidade, Dissertação de Mestrado em Arquitectura, Orientação do Professor Doutor José Manuel Soares, Faculdade de Arquitectura, Universidade do Porto, 2016, P.65 - 67

159 José Manuel Fernandes em Rita SAMPAIO, A tipologia da Bretanha na tradição da casa popular micalense. A importância do lugar na construção da identidade, Dissertação de Mestrado em Arquitectura, Orientação do Professor Doutor José Manuel Soares, Faculdade de Arquitectura, Universidade do Porto, 2016 P.65 - 67.

160 Rita SAMPAIO, A tipologia da Bretanha na tradição da casa popular micalense. A importância do lugar na construção da identidade, Dissertação de Mestrado em Arquitectura, Orientação do Professor Doutor José Manuel Soares, Faculdade de Arquitectura, Universidade do Porto, 2016, P.65-67

161 A caiação e uso de cor procuram ostentar riqueza, imitando as casas senhoriais da altura, que muitas vezes eram pintadas em tons claros, de azul, amarelo ou rosa, sendo que nos meios rurais muito pobres, como por exemplo nas sete cidades, as casas não eram caiadas deixando ver a alvenaria de baço, só mais tarde começaram a ser caiadas, também com o intuito de mostrar riqueza. A cantaria de basalto, lavrada com primor, em contraste com a cal branca era para edifícios de furor religioso ou público.



64



65



69



70





66



67



68



71



72



73



74 Crianças à porta de casa, Ribeira Seca



75 Dona Anabela na sua cancela, Calheta

objectos.¹⁶²

A casa popular açoriana começou por ter um compartimento, crescendo para dois e a sua planta corresponde à fachada do tipo porta-janela e depois para quatro compartimentos, na tipologia de planta dobrada, com um corredor central dois quartos à frente e um quarto e uma cozinha na fachada tardoz, fazendo referência a modelos algarvios.

Hoje em dia estas casas são adaptadas, fazendo-lhes acrescentos no quintal, já construídos com novos materiais como o cimento e o tijolo, ou dando novos usos ao espaço do forno, como dispensa ou casa de banho. Antigamente estas casas albergavam famílias numerosas e hoje uma família comum tem entre 3 a 4 pessoas.

O espaço público predilecto para o convívio da comunidade, é a rua em relação directa com a entrada das habitações, tornando-se assim mais um espaço de estar da casa. Para reforçar esta relação, surgem alguns dispositivos como os poiais, embutidos na ombreira da porta ou em plena rua, as conversadeiras ou namoradeiras, que são uma *“elevação do piso de entrada, mascarando uma casa simplesmente térrea, atribuindo-lhe uma importância que a aproxima das construções eruditas”*, e as cancelas, *“que demarcam a relação com a rua, nas quais os moradores se debruçam para interagir com a vizinhança”*,¹⁶³ *“rematam o corredor que atravessa a casa e deixa, por vezes, vislumbrar a barraca de milho no quintal. Constituem também a resposta à necessidade do espaço colectivo aqui inexistente.”*¹⁶⁴

Porém, com o rápido crescimento da cidade construíram-se ruas largas com casas isoladas. O espaço público de convívio habitual, que era a rua, perdeu a sua consistência e não foram concebidas novas estruturas, praças ou largos, que compensassem esses espaços de encontro. Na Calheta foi ainda utilizado o aterro do porto, em más condições, para reuniões da comunidade e festas da freguesia, que entretanto, como outros espaços na cidade, também deixou de ser habitável, devido à construção de um centro comercial. Este projecto não foi concluído, transformando-se rapidamente numa ruína.

No trabalho académico promovido pela Faculdade de Arquitectura da Universidade dos Açores, elaborado por moradores de Ponta Delgada e alguns da Calheta, podemos ler o descontentamento com a gestão política e o ordenamento urbano da cidade:

“Esta área urbana que tanto enriquecia a cidade de Ponta Delgada foi sucessivamente “desmantelada” a partir da década de cinquenta. Nos verdes campos que emolduravam a aprazível baía e o casario da Calheta começaram a erguer-se prédios com volumetrias que desequilibraram a harmonia existente.

(...)

A planificação urbana das novas áreas foi pobre e mal gerida e não teve em conta o

162 Também é frequente encontrar “pombinhas de louça ou de pedra nos remates dos telhados. É uma das decorações mais características das casas açorianas, em particular de São Miguel, e está aqui ligada ao culto do Espírito Santo.

163 SAMPAIO, Rita, A tipologia da Bretanha na tradição da casa popular micelense. A importância do lugar na construção da identidade, Dissertação de Mestrado em Arquitectura, Orientação do Professor Doutor José Manuel Soares, Faculdade de Arquitectura, Universidade do Porto, 2016, P.65 – 67

164 João VIEIRA CALDAS - coord. (2000). Arquitectura Popular dos Açores. pág. 135

enquadramento histórico e cultural. Ergueram-se espaços habitacionais na vertical e não se criaram áreas verdes e de convivência social.

A vizinhança na horizontal anterior, era mais humanizada e consolidava mais facilmente a solidariedade social.”¹⁶⁵

A Calheta é um exemplo concreto de como uma má gestão urbana, pouco atenta em dar continuidade à “harmonia existente”, corrompe o sentimento de pertença e gera uma crise de identidade, trazendo problemas de abandono, marginalização e guetização.

165 Memória descritiva de trabalho de grupo para o Workshop: Vazio da Fundação da Calheta, da faculdade de arquitectura da Universidade dos Açores, pelo Grupo A, constituído por 3 alunos do 1º ano: Francisco Borges, Diogo Cansado e Alexandra Aguiar; 2 alunos do 2º: Gonçalo Lopes e Dinis Simão; e um sénior da ASSM: Dr. Rui Nina.



76



77





78



79



80

76 - 80 Fábrica da Chicória no lote da Fundação da Calheta e traseiras das Casas da rua Moinho de Vento

O processo de transformação urbana da Calheta é um exemplo das várias críticas que Lefebvre faz à gestão tecnocrática, influenciada por valores capitalistas e burocráticos, que acabam por “matar”¹⁶⁶ a vida de determinadas zonas da cidade, e consequentemente o sentido colectivo e identidade da comunidade. É um exemplo da influência de poderes económicos e políticos na construção da cidade, em detrimento da coesão desta e da vivência dos seus cidadãos. Como diz o arquitecto Kol de Carvalho, perdeu-se a componente social do projecto, em prol de necessidades fictícias, para as quais estudar e planear a cidade e a paisagem¹⁶⁷ é uma perda de tempo e dinheiro.

Nos anos 50, o plano urbanístico de João Aguiar não foi completado e a Avenida Marginal não foi terminada, acabando abruptamente na Rua da Fonte. Como explica o arquitecto Kol de Carvalho, em 1983, a Secretaria de Obras Públicas, na altura do Partido Socialista (PS), anuncia o prolongamento da avenida marginal, para o qual existiram dois projectos. O primeiro consistia na continuação da via em ponte, permitindo manter o acesso ao mar, respeitando a pré-existência dos dois portos. O segundo, concebido pouco depois, consistia na continuação da via através do aterro da baía, que necessitaria de um molhe de protecção marítima. A construção do molhe permitia *“a conquista de novas áreas para equipamentos”*, entre eles o clube naval e as piscinas de S. Pedro, *“razão essencial de ser da reformulação do projecto anterior”*. A necessidade de construção do molhe seria o motivo principal da candidatura a fundos europeus, e com esses fundos acabar-se-ia por construir, o próprio prolongamento da avenida, o aterro da Calheta, o clube naval e as piscinas. Foi escolhida a segunda solução por questões económicas.

Contudo este segundo projecto, no seu processo de análise e gestão, não incluía um planeamento para o aterro da Calheta, deixando uma cicatriz na cidade, sem qualquer intenção de desfecho. A Secretaria de Obras Públicas propõe uma solução que *“contemplava estacionamento enterrado, e uma praça superior que mantendo o anfiteatro da Calheta sobre a Marina, era equipada com pequenas estruturas de comércio e restauração, um pouco à semelhança, salvaguardada a diferença de escalas, do que o empreendimento das Portas do Mar”*. O projecto foi chumbado pela Câmara, na altura do Partido Socialista (PS), por oposição ao Governo, do Partido Socialista Democrático (PSD), com o argumento de que se perderia o anfiteatro e respectiva vista da Calheta.

Sem qualquer documento que guiasse o planeamento da nova faixa de terreno conquistada ao mar, desde a Rua da Fonte até ao edifício da EDA, em meados dos anos 90 é lançado um concurso para implantação de uma unidade hoteleira para os terrenos que

166 Expressão usada por vários moradores da Calheta durante as entrevistas de campo no âmbito deste trabalho, para descrever o que aconteceu a esta zona da cidade: “Eles mataram a Calheta!”

167 Em S. Miguel o poder político e económico influencia não só como se constrói a cidade, mas também como se constrói a paisagem – como são exemplo as matas de criptomérias plantadas para a produção de madeira para as caixas de pregos da laranja (confirmar se pode ser assim tão literal) (E esta foi talvez uma boa medida para a região, apesar de ser iniciativa económica, foi pensada de forma a contribuir para o bem comum). E os pastos da lavoura que destruíram os campos de diferentes culturas que havia antes, trazendo vários problemas entre eles a poluição das lagoas.

*Te sacadas o velho e novo mundo
Que a imprensa oferece o dia a dia
Da mente das horas e horas*
Fábio Elisei

Açoriano Oriental

O MAIS ANTIGO JORNAL PORTUGUÊS FUNDADO EM 1835 POR MANUEL ANTONIO DE VASCONCELOS

Director GUSTAVO MOURA ANO XLVII, N.º 8248, PREÇO 100\$00, QUINTA-FEIRA, 25 DE MARÇO DE 1982 JORNAL DIÁRIO

Um grande pacote de subidas de preço Passagens da «SATA», açúcar, óleos comestíveis

«Jornal Oficial» de anteontem publica novos preços

Mais um grande pacote de subidas de preços foi publicado no «Jornal Oficial» de anteontem. As passagens da «SATA» estão entre os preços agora homologados oficialmente, assim como o açúcar, o álcool, os óleos alimentares, os sabões e as rações, sendo para estes últimos fixadas margens de comercialização, tanto para a venda por grosso como para a retalho.

O açúcar passará a custar 4800 cada quilo, isto para o açúcar granulado em embalagens de um quilo.

Os novos preços da «SATA», e a partir de Ponta Delgada, para residentes, são os seguintes: Tercera, 4.740\$00, para ida e volta, Santa Maria, 3.080\$00, Graciosa, Horta e Pico, 5.800\$00, Flores, 6.780\$00, da mesma forma para uma ida e volta.

As tarifas para residentes representam um desconto de cerca de 30% em relação às tarifas normais. Os preços para um percurso único são metade dos indicados.

Também para a carga foram publicadas novas tarifas, divididas por diferentes tipos, nomeadamente gêneros alimentícios, peixe, produtos de padaria, tabaco e filmes para cinema e televisão.

Nas tarifas de passageiros há alguns casos especiais como

Zona Franca de Santa Maria

vai ser estudada a regulamentação

São esperados hoje em Ponta Delgada duas figuras desafiadoras da problemática da zona franca de Santa Maria, recentemente autorizada por decreto do Governo Regional, já publicado no «Diário da República».

São eles o nosso conterrâneo dr. Eduardo Raposo de Medeiros, director do Gabinete de Estudos da Direcção-Geral das Alandegas, e o dr. Carrola Gomes, do Secretariado da Integração Europeia. A visita electuária-se a convite do Dr. Nunes Liberato, Subsecretário para o Planeamento e Integração Europeia.

O Dr. Alberto de Oliveira

FALECEU ONTEM EM PONTA DELGADA

Na manhã de ontem faleceu na Clínica do Bom Jesus de Ponta Delgada, o dr. Alberto Carlos Paula de Oliveira que foi ilustre advogado nesta cidade, distinto homem publico e prestantíssimo cidadão.

Contava 73 anos de idade e desde há tempos que grave doença vinha minando a sua saúde, piorando ontem de manhã, o que levou ao seu internamento de urgência.

Natural de Lagos, no Algarve, muito cedo veio para Ponta Delgada aqui completando o curso liceal. Desde sempre se destacou pela sua invulgar inteligência e dotes oratórios, o que viria a ter plena confirmação numa carreira fulgurante de advogado e político, notabilizando-se de forma extraordinária ao serviço de São Miguel.

Foi Presidente das Câmaras (CONCLUI NA PAG. 2)

Prolongamento da Avenida Marginal

vai ser feito com ponte na Calheta

O projecto de prolongamento da Avenida Marginal, em Ponta Delgada, já está concluído, e prevê uma ponte de ligação entre o mercado do peixe da Calheta e o edifício da ex-Empresa Insular de Electricidade, mantendo o actual porto de pesca que existe no local.

Para o efeito, a ponte que se encontra projectada tem uma abertura, com duas vias de 8 metros cada e uma via central de 12 metros.

O projecto aponta para a construção futura de um porto de recreio, tipo «marina», para o troço de prolongamento compreendido entre a ex-Empresa Insular e a Moaça. Refira-se que, neste troço, a Câmara de Ponta Delgada já concluiu as obras de terraplenagem, conforme notícia que publicamos numa das páginas «Regional» desta edição.

Nesta fotomontagem cedida ao «Açoriano Oriental» pela firma de consultores «Medeiros Barbosa», pode-se ver já o troço de prolongamento com a ponte, e com a continuação até à «Moaça».

Raul Santos não sairá do Governo para a Câmara

A anunciada saída do eng.º João Bernardo Rodrigues de Secretário Regional do Equipamento Social foi acolhida, de uma maneira geral nos vários sectores políticos e autárquicos dos Açores, com pesar pois com todos mantinha as melhores relações, desenvolvendo à frente do seu departamento uma acção notável que, pese algumas situações mais controversas, se saía por um elevado número de importantes obras publicas.

O mesmo se aplica à eventual saída do eng.º Victor Macedo, de Director Regional das Obras Publicas, cargo em que revelou grande capacidade de

(CONCLUI NA PAG. 2)

Exigências nas vistorias vão ser feitas gradualmente

Lei do Fretamento resolvida este mês?

O Departamento Marítimo dos Açores, que termina hoje uma série de reuniões com os Capitães dos Portos da Região, definiu um critério de uniformidade na questão das vistorias das traineiras açorianas, de forma a não prejudicar a economia da Região, revelou ontem no «Açoriano Oriental» o Capitão-de-mar-e-guerra Pires dos Santos, adjunto do Almirante Coutinho Lanhoso naquele Departamento.

Citando o Capitão Pires dos Santos, vai procurar-se atingir o que a legislação impõe no respeitante a meios de salvagem e meios de segurança das embarcações de pesca do arquipélago, sem exigências imediatas, mas com uma graduação que tem de ser cumprida.

Compreendendo que, presentemente, e porque se vai iniciar em breve a campanha do atum, o Departamento Marítimo dos Açores, através das Capitães dos Portos, vai sensibilizar todos os armadores da Região, para a necessidade de terem a bordo determinados meios, possivelmente para a campanha de atum do próximo ano, isto no que se refere as traineiras que se dedicam àquele pesca.

Esta ultrapassagem assim a questão que surgiu há poucos dias, sobre a retenção este ano de traineiras nos portos, se não tivermos

(CONCLUI NA PAG. 2)

81 Projecto de prolongamento da Avenida Marginal em ponte, no Açoriano Oriental, 25 de Março 1982

OPINIAO E COMENTARIO

A AVENIDA MARGINAL DE PONTA DELGADA O QUE É E O SEU PROLONGAMENTO

PELO ENG. SOARES BORDALO

Em Maio de 1969 publicou o «Carreio dos Açores» uma nota e que demos o título «A Avenida Marginal de Ponta Delgada e o seu Prolongamento».

Fundamentalmente pretendíamos com ela chamar a atenção para um aspecto que nos parecia de grande importância, como seja, o volume de ateros que esta obra de grande vulto vai necessitar tendo em conta a área considerável que com ela se ganhara no mar.

Recordava que na construção da primeira fase, o grande volume de ateros que permitia a Av. Infante

para o projecto sempre possível, porque necessário, no interior do porto, do prolongamento do cais a menos seis metros.

Referimos ao tempo e já passaram onze anos, que quando se quiser efectuar o prolongamento da Av. Marginal o volume de ateros necessários não poderá ser obtido nas mesmas condições da 1.ª fase realizada e daí o vir a constituir um problema que podendo não ser de fácil solução resultará sempre num encargo.

Assinalávamos ainda que dia a dia estavam a ser lançados na costa num total desaproveitamento, grandes vo-

lumes de estuários e encrocamentos provenientes de demolições e escavações, e posteriormente, os detritos que resultam das instalações das pedreiras para exportação, materiais que aproveitados, contribuíram para a redução do custo da construção das novas fases da Avenida e resultariam em comodidade e economia para quem os desperdiça se pudessem lançá-los num local mais acessível.

Recordando a notícia que os órgãos de informação divulgaram em Julho de 1976, de declarações feitas pelos responsáveis pela Comissão Regional

de Turismo sobre a posição do Prolongamento da Avenida Marginal, ao referirem que «o estudo previsto e anteprojecto seriam entregues até 23 de Setembro seguinte, após o que se poderiam começar algumas obras bem como a aquisição de terrenos abrangidos pela obra», temos que admitir que mesmo que o trabalho não tivesse sido concluído dentro daquela data, cinco anos depois não deixara de ter sido entregue.

A ser assim, estava já definido o traçado do desenvolvimento na fase seguinte que aliás não poderia ser muito diferente do previsto no Plano

de novo o problema a consideração da Câmara Municipal, por pensarmos que e sempre tempo para que o assunto seja ponderado e que no caso concreto da Rua do Calheta, desde que fosse construída uma cortina com encaimentos que constituiriam naquela zona a base do talude interior do traçado da Avenida, servindo de retenção aos entulhos que fossem ali descarregados, poder-se-ia ir conquistando progressivamente terreno ao mar, reduzindo assim o custo do empreendimento e ganhando espaço que poderia vir a ser aproveitado no tempo para esbôço dos tra-

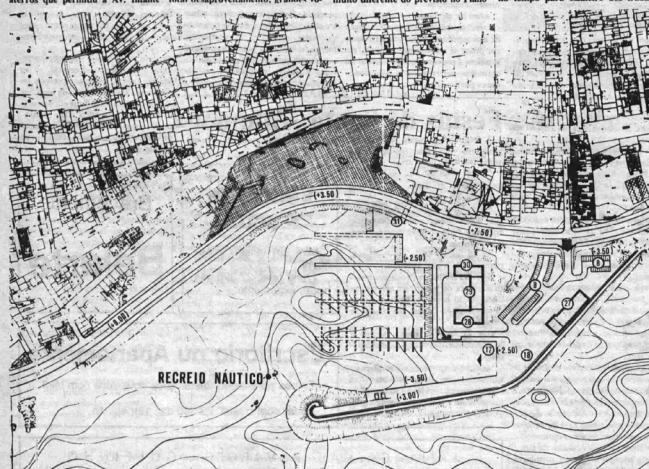
Por despacho da Secretária de Estado da Saúde, de Março de 1976, foi incluído o Planeamento Familiar na valência materno-infantil, o que ampliou os benefícios dos serviços dos Centros e Postos de Saúde.

Ainda no âmbito da valência materno-infantil, a Direcção-Geral de Saúde tem vindo a insistir para que as enfermeiras esclareçam as mulheres e as eduquem para o parto psicopedagógico (parto preparado ou parto sem dor).

Naturalmente, todos estes serviços são gratuitos e destinam-se a toda a população. Ao mesmo tempo, está previsto que forneçam, também gratuitamente, leite para bebés e vacinas.

Embora nem todos os Centros e Postos de Saúde possam, devido a falta de pessoal e a outras carências, atender de forma igual os seus utentes, o esquema está lançado e irá sendo cumprido. Cabe, em boa parte, às populações interessarem-se pela obtenção dos benefícios que os Centros e Postos de Saúde lhes devem prestar e que são, efectivamente, indispensáveis à saúde das comunidades onde vivem.

(Texto da responsabilidade da Comissão da Condição Feminina)



TRAÇADO DO PROLONGAMENTO DA AV. MARGINAL E PORTO DE RECREIO

D. Henrique, foi constituído por entulhos e detritos de pedreira acumulados ao longo dos anos da exploração das pedreiras da «Mata da Deça», restando os sobramentos que constituem o pastar do campo de futebol, os quais, sendo insuficientes para o sítio do sector comercial do porto, se seja o parque de contentores a construir no Estádio, para o sector da pesca prevista para o fundo do porto, obras incluídas no Plano Geral de Melhoramentos do Porto de Ponta Delgada que integra ainda o sector do recreio náutico e iatismo internacional localizado ao largo da Calheta e

lumes de estuários e encrocamentos provenientes de demolições e escavações, e posteriormente, os detritos que resultam das instalações das pedreiras para exportação, materiais que aproveitados, contribuíram para a redução do custo da construção das novas fases da Avenida e resultariam em comodidade e economia para quem os desperdiça se pudessem lançá-los num local mais acessível.

Recordando a notícia que os órgãos de informação divulgaram em Julho de 1976, de declarações feitas pelos responsáveis pela Comissão Regional

Geral de Melhoramentos do Porto de Ponta Delgada, plano que ao estudar este troço conjuntamente com o Sector do Recreio Náutico, fez resultar grandes vantagens e redução de custos para a 2.ª fase da Av. Marginal, que deixou de ser de certo modo uma obra marítima por protegida pelo molhe prolongado do porto e pelo molhe previsto para abrigo da zona de recreio náutico, como se vê na gravura reduzida assim grandemente a sua defesa e baixando as cotas da sua plataforma, donde resultou desajuste da orla marítima da Calheta.

Com o exposto, pretendemos por

lhos. Podendo considerar-se um investimento, não deixaria de ser um elemento de justificação para o prosseguimento e conclusão da obra, tida como das mais prioritárias para o progresso de Ponta Delgada, pelas perspectivas que pode vir a oferecer-lhe no seu arranjo ribeirinho e modo de concorrer para a solução do seu traçado automóvel a atingir o insuperável naquela entrada da cidade.

Ponta Delgada, 28 de Junho de 1980
Soares Bordalo

A luz da minha luz

(A Nossa Senhora)

Andam meus olhos despertados,
ao mando do meu desejo.
Nada alcanço quando almejo
ver meus sonhos descobertos.

Ceguinho de olhos abertos,
julgo ver o que não vejo,
Por me cegar o lampejo
de miragem dos desertos.

Será tudo uma ilusão,
pois na luz que me alumia
nada vê meu coração?

Esse ardor que me seduz
não é logro, se Maria
for a luz da minha luz!

(Em «O Apostolado» de Luanda
13 de Outubro de 54)

Pe. Lopes Baptista

Vende-se

Recheio de casa incluindo mobília de quarto de cama em mogno com mais de cem anos em muito boas condições de uso.
Ver e tratar na Rua Coronel Chaves n.º 16, das 14 às 18 horas.

Vende-se

Lote de terreno para construção na Rua Nova da Misericórdia — P. Delgada
Tratar nas horas de expediente
Telef. 23 336 e Gualter Carreiro.

ADMITE

Pedreiros Serventes e Canalizadores

Contactar R. Machado dos Santos n.º 11 — 2.ª Esquerda.

CARROS USADOS

Automóvel Ford Cortina
Automóvel Citroën
Tractor Ferguson 165 e 2.100 horas
Land Rover, 109 com caixa de madeira

Carinha Nisau Cabal 3.500 Kg. equipada com búscula

Dionísio Carreiro de Almeida, Ld.ª

ESTABELECIMENTO TRESPASSA-SE

Na Rua Machado dos Santos, 92, Ponta Delgada.

Vende-se

Volkswagen Station 1600 em bom estado.
Tratar telef. 93 103.

SEMENTES DE OUTONO

— ERVA CASTELHANA
— AVEIA
— CEVADA
— ERVA DE CASTA
— TREVO DA PÉRSIA

ACEITAM-SE ENCOMENDAS ATÉ FIM DE JULHO

MATOS AMARAL, LDA.

Travessa do Arco, 15
Telefones n.ºs 25 377/8
PONTA DELGADA

Vende-se por propostas

9 alqueires de terra para construção com grande frente na estrada de S. José da Relva.

Casa nova, na rua do Ramalho 70-A com 3 quartos, cozinha, casa de banho, casa de lavar e 3 quartos de falsa.

Reserva-se o direito de não aceitar a proposta mais alta caso não convenha.

Tratar na Rua do Ramalho n.º 70 ou Rua do Amorim, 51

iam da rua da Fonte até à baía da Calheta, o que tornava a solução já de si incompleta por fragmentar o planeamento e não incluir a extensão toda da cicatriz, demonstrando que a preocupação principal era a criação de unidades hoteleiras e não a construção da cidade. Após ter sido anulado, surge um novo Concurso Público de Ideias, agora para a extensão total. Ganha uma proposta que contrariava o programa preliminar, por não contemplar as duas unidades hoteleiras, e o concurso acaba por ser também anulado. Após a anulação, constrói-se o primeiro hotel, o actual Hotel Marina, à semelhança das unidades hoteleiras projectadas pelo segundo classificado, *“truncando a zona e iniciando-se a manta de retalhos”*.¹⁶⁸

Em 1999, como explica Kol de Carvalho¹⁶⁹, é publicado o Decreto Legislativo Regional, que impunha várias obrigações à concessão exclusiva da exploração do jogo (confirmar no texto original), entre elas a urbanização do aterro da Calheta, abandonado aquando da construção do Hotel Marina. Tendo como orientador um programa demasiado vago para áreas da cultura e do lazer e a possibilidade de um espaço verde, em que *“as áreas de construção e volumes permitidos aumentam substancialmente”*, havendo ainda a obrigação de construir um Hotel e infraestruturas para um Casino. *“Em 2002 foi adjudicada a Concessão com um prazo de três anos para a construção e consequentemente para a abertura das unidades turísticas; que em 2006 já com o contrato de Concessão em incumprimento, é alterado, sob medida, o Plano Director Municipal”* que aumentava a área e os volumes de construção, *“na salvaguarda da desobstrução visual numa parte significativa da frente entre a marginal e a Rua Eng.º José Cordeiro”*. *Aqui a Câmara Municipal, em favor certamente de qualquer contrapartida, porque outra razão não se lhe adivinha, apadrinha descaradamente o empreendimento que hoje ali se implanta, revestindo-o da legalidade de que carecia, manobrada pelo Governo em exercício de forças combinadas com os promitentes concessionários.”*

É evidente o poder político da arquitectura no processo da Calheta Pêro de Teive, como reflexo de uma ideologia política e económica para sociedade.

*“E se em 1953, a violentação da Cidade era uma demonstração de força e poder do Estado Novo, da Ditadura de então, reflectidos na construção de Praças e “Terreiros do Paço”, agora é da Democracia da ganância e do poder dos números, reflectidos na construção de Centros Comerciais e Casinos.”*¹⁷⁰

A falta de planeamento urbano ou incumprimento dos planos, assim como decisões meramente tecnocratas, sem grande sensibilidade à vivência do lugar existente, dão espaço para intervenções economicistas, que procuram lucro imediato e satisfazem maioritariamente interesses privados, deixando para segundo plano os interesses colectivos e a construção de espaço público. A substituição do planeamento, usando as pala-

168 Jorge KOL DE CARVALHO, “Cinquenta e tal arquitecturas pelo correio”, Nova Gráfica, Lda, Junho: 2017, P.83 - 85

169 Jorge KOL DE CARVALHO, “Cinquenta e tal arquitecturas pelo correio”, Nova Gráfica, Lda, Junho: 2017, P.135 - 137

170 Jorge KOL DE CARVALHO, “Cinquenta e tal arquitecturas pelo correio”, Nova Gráfica, Lda, Junho: 2017, P.135 - 137



83 Durante o aterro do porto da Calheta



84 Vista da rua Eng. José Cordeiro após o aterro



85 Vista do casino e do centro comercial na Calheta



86 Capa da página de facebook do movimetno "Queremos a Calheta de volta", 2016



87 Projecto de António Pardal para edifícios de habitação plurifamiliar no lote da Fundação da Calheta, 1997



88 Actual projecto do Fundo Discover para o Centro comercial abandonado na Calheta, 2017.

bras de Álvaro Siza Vieira, por “*acções casuísticas, vai hipotecando a Cidade, onde a destruição sistemática dos seus valores, com que nos identificamos, vai conduzi-la rapidamente a um tecido incaracterístico ausente de história, despido de espaço público, despido de qualidade, onde certamente não nos reveremos.*”¹⁷¹ “*Na cidade que temos, de forma insensível, ou quase, para muitos, lentamente, mas continuamente e em processo de aceleração o ambiente com o qual nos identificamos é destruído, como se fosse essa a condição de o transformar.*”¹⁷²

A cidade cresce, assim, sem ordem. A articulação entre o novo e o velho, o privado e o público não é coesa ou consolidada e geram-se não lugares, espaços vazios na cidade, degradados e inseguros, inadequados para a apropriação e vivência das populações.

Na Calheta são vários os exemplos de não lugares, assim como construções de interesses privados motivadas pela especulação imobiliária, que destruíram a coerência da malha urbana e contribuíram para a devassidão da comunidade. É o caso do vazio da demolição da Fábrica do Leite, o vazio da Fábrica do peixe? (actuais ciganos), o vazio do antigo porto da calheta (actualmente o centro comercial abandonado) e o vazio da antiga Fundação e fábrica da Chicória, actualmente um Parque de estacionamento privado. Ou o rasgamento da Avenida E, actual Avenida D. João III, cuja articulação com a malha existente das travessas originais, não foi planeada, construindo-se edifícios de apartamentos em altura, e descurando-se a qualidade do espaço público.

O porto da Calheta, enquanto território marítimo, era público e, com os vários processos que foi sofrendo, através de um decreto-lei, do qual os cidadãos não tiveram conhecimento e portanto nem a oportunidade de manifestar a sua opinião, passou a ser do domínio privado, sem que a população recebesse algo em troca, como uma parte do espaço como público, ou a qualificação de outra zona para uso colectivo público, tão necessário para a autogestão da comunidade.

A participação colectiva na construção da cidade é cada vez mais importante, como mediadora entre os interesses económicos e políticos e os interesses públicos.

Em 2013, após o aterro e a construção do centro comercial, comunidade juntou-se e foi criado o movimento cívico “Queremos a Calheta de volta!!!”, para combater a situação de desmazelo a que votaram a área, e tentar arranjar uma solução que devolvesse o terreno do antigo porto aos cidadãos.

Depois de várias acções públicas, como sessões de esclarecimento entre a população, o governo e a Câmara, abaixo-assinados e artigos nos media, entre outras diligências, depois de muitas “promessas ilusórias”, no fim de 2017, foi assumido um compromisso.

Contudo, apesar da Calheta, integrar a área de reabilitação urbana do Plano Integrado de Regeneração urbana sustentável publicado a Março de 2016, este ano foi apresentada uma segunda proposta com base no projecto dos Arquitectos Saraiva & Associados, mas com a área pública reduzida quase a metade, aumentando a área dedicada ao hotel.

171 Álvaro SIZA VIEIRA citado em KOL DE CARVALHO, Jorge, “Cinquenta e tal arquitecturas pelo correio”, Nova Gráfica, Lda, Junho: 2017, P.20 - 23

172 Álvaro SIZA VIEIRA citado em KOL DE CARVALHO, Jorge, “Cinquenta e tal arquitecturas pelo correio”, Nova Gráfica, Lda, Junho: 2017, P.20

Desde cedo, foi demonstrada uma vontade pública, que reconhecia a importância do Porto da Calheta Pêro de Teive, com o interesse de o preservar, sendo organizada uma exposição e publicado um documento em 1983, pela Associação para a Defesa e Investigação do Património Cultural e Natural de São Miguel, que não surtiu efeito. A mesma exposição foi recriada, em 2015, através do projecto “Pensar a Cidade” da Associação de Seniores de São Miguel (ASSM), dirigida pelo arquitecto Jorge Kol de Carvalho, ao deparar-se com a situação actual da Calheta e ao querer trazer a discussão de volta sobre o valor patrimonial dessa zona.

A preocupação da população em manter o porto, e depois de este ser aterrado e de ter sido construído o centro comercial em devolvê-lo à comunidade como espaço público de lazer, é um exemplo concreto da importância que o espaço lúdico, colectivo e público, tem para a comunidade e para a vivência do quotidiano da cidade.

O espaço público privilegiado do povo açoriano é a rua, no espaço adjacente à casa, como uma extensão desta; ou ainda as esquinas, associadas a comércio ou cafés. Como afirma Carreiro da Costa: *“Os ‘cantos’ eram outra singularidade de Ponta Delgada, pois aí se reuniam os mais diversos grupos de pessoas (...)”*¹⁷³.

Em São Miguel *“os espaços públicos têm maior importância apenas nos meios urbanos onde os largos e as grandes praças, perdida a sua função de terreiro, de local de chegada das populações rurais, de sítio de mercado aberto, foram sendo ajardinados e arborizados ao longo do século passado e do actual (...)”*¹⁷⁴ Contudo, tanto no meio urbano como no meio rural, o espaço público consolidado existe maioritariamente na relação com edifícios religiosos. Estes são realçados estando sobrelevados com escadarias e alinhados com o enfiamento das ruas.

A influência do culto religioso reflectia-se na vida social e, consequentemente, no espaço social da cidade, que é o espaço público. Apenas no séc. XIX, com influências do Romantismo na elite micaelense, mandaram-se construir jardins públicos, que se integravam na malha alongada da cidade, independentes de igrejas ou conventos. No séc. XX surgiu a avenida marginal, influenciada pelo urbanismo francês com os espaços de lazer associados às frentes de água. No início do séc. XXI houve uma vontade de reforçar essa relação da frente de água com lazer construindo-se as Portas do Mar, com marina e bares. Contudo a relação com a restante cidade consolidada não foi muito trabalhada. De uma forma geral, não houve um grande investimento por parte do governo ou da câmara em melhorar e construir espaço público. Em todos os poucos planos encomendados pela câmara, apenas se construíram as vias de circulação, dando grande ênfase ao automóvel e à construção de habitação em altura, mas menosprezando o espaço público e gestão da vivência das várias centralidades da cidade.

O espaço público é importante, como espaço onde acontece o encontro, o acaso, o espontâneo e o genuíno, o jogo da vida. Assim como o espaço colectivo, que não tem que obrigatoriamente ser público, podendo ser promovido por privados, sejam pequenas associações como grandes instituições, no fundo, sempre que há o encontro entre dife-

173 CARREIRO DA COSTA, (1989). Etnologia dos Açores. Volume 1 ou 2?. Lagoa, Câmara Municipal. P. 640
174 João VIEIRA CALDAS - coord. (2000). Arquitectura Popular dos Açores. Ordem dos Arquitectos. P.102

rentes pessoas, é sempre uma improvisação, que estimula os sentidos, as sensações e as emoções.

É importante realçar que o espaço público vive do encontro. Não só das pessoas, mas de distintas actividades. Geralmente, onde há trabalho, há encontro, e o encontro, fora do trabalho, incita ao lazer. Como por exemplo o encontro nas esquinas, mencionado antes.

A relação do espaço público com a produção cultural é muito forte, e torna-se evidente com o aparecimento de festivais urbanos, que utilizam a cidade como palco, dinamizando a produção artística da ilha, bem como alertando as pessoas para a importância destas áreas, como o pioneiro Walk & Talk, festival de arte urbana, o Tremor, festival de música, ou o Paralelo, festival de dança.

Na Calheta, ao perder-se o porto, espaço fonte de trabalho e de lazer, deixou de haver um motivo para o encontro, para a vida colectiva. Perderam-se os costumes, as tradições e a Calheta descaracterizou-se, o que levou ao abandono desta parte da cidade, sendo esta agora um lugar sem vida na rua e sem identidade. Depois de construir o centro comercial a Calheta ficou sem espaço pública para as suas celebrações, festas e feirinhas.

Das entrevistas que se fizeram aos moradores da Calheta, a vontade da população é recuperar o espaço do antigo porto da Calheta para a população e a de preservar a Fundição da Calheta, como “museu” da indústria e da memória do antigo porto da Calheta, como espaço colectivo público. Devolver à Calheta as oportunidades de trabalho, de se ser participativo, bem como o espaços de lazer, para as celebrações colectivas.



89



90



91



92



93



94



foto José Silva

95



96



97



98

89 - 98 A vivência do porto da Calheta, como espaço de trabalho e de lazer.

4. PROPOSTA

Como se constatou nos capítulos anteriores, a Calheta encontra-se numa antiga zona industrial que, com o crescimento rápido da cidade, deixou de ser periférica, tornando-se uma das zonas mais populosas dos Açores. O rápido crescimento da cidade sem planeamento, fez com que esta zona se desenvolvesse como uma manta de retalhos. Os espaços das antigas fábricas tornaram-se vazios urbanos, e o espaço público foi menosprezado, trazendo descontinuidade e abandono. Pela sua localização entre dois eixos viários fundamentais e pela forte presença das pré-existências, escolhemos o lote da Fundição para desenvolver a proposta de um espaço para o encontro, que fomente a participação dos habitantes de Ponta Delgada e principalmente da Calheta.

O lote é definido pela Avenida D. João III a poente, e a Rua Engº José Cordeiro a sul. A norte é delimitado por edifícios de habitação plurifamiliar, com 4 a 5 pisos de altura, e a nascente pelas traseiras de edifícios de habitação unifamiliar, pertencentes ao bairro residencial das Laranjeiras. No total tem, aproximadamente, 7 292 m², e inclui três pré-existências, o edifício da Fundição¹⁷⁵, a Fábrica de Chicória e a casa do Caseiro. Sobre o complexo industrial descreve-nos Rui Sousa Martins:

“O edifício industrial era composto por vários corpos organizados em U, em torno de um pátio-corredor central. As fachadas principais, situadas nos dois topos, eram separadas da Rua Direita por um terreiro murado. A poente, situavam-se os corpos destinados à fundição, à serralharia mecânica, à pregaria e às forjas. A norte, localizava-se a serralha e o depósito de madeira e, a nascente, ficavam os escritórios, os depósitos, a marcenaria e a carpintaria. O corpo da fundição tinha três pisos dos quais subsiste apenas o térreo. A chaminé de secção octogonal, fazia a tiragem do forno de fundição.

Nos inícios da década de 30, a carpintaria e a serralha foram vendidas para se construir uma torrefacção de chicória (Fábrica de Chicória da Calheta) que laborou de 1933 a cerca de 1988, conservando-se as construções de cantaria. (...)

No século XXI, o complexo industrial, envolvendo a Fundição e a Fábrica de Chicória

175 Sobre a história da Fundição, no trabalho académico, orientado por Isabel Albergaria, “Varandas e Varandins de Ferro Fundido na cidade de Ponta Delgada”, podemos ler: “Através do Inquérito Industrial de 1881, ficámos a saber que a Fábrica de Pregos (sita na Rua Engenheiro José Cordeiro), foi fundada em 1860 e que pertencia a Jacob Ben Saúde. Ainda há registo de que a fábrica tinha três máquinas, com nove motores movidos a vapor e que começaram a funcionar em 1861. Produzia pregos de verga, chapa de ferro, chapa de zinco e que as matérias-primas (ferro coado, coque, etc.), necessárias à sua indústria eram fundamentalmente importadas de Inglaterra. O número de operários eram quatro, todos do sexo masculino, com um horário de dez horas diurnas e duas noturnas, sendo o salário de 300 reis.” Podemos ainda ler que foi fundada em 1960, continuou a trabalhar até aos anos 70, pertencendo a Augusto Moura. Quando encerrou a actividade foi adquirida pela empresa “Mini Costa” que a usava como armazém e parque de estacionamento de apoio ao minimercado da mesma empresa. Actualmente pertence à firma “Grupo Marques” que a adquiriu à empresa “Mini Costa”. Os edifícios das fábricas foram abandonados e o restante terreno continuou como parque de estacionamento, agora privado. PIMENTAL, Ludovina, ALVES, Margarida, BOTELHO, Sandra, “Varandas e Varandins de Ferro Fundido na cidade de Ponta Delgada”, Docente orientador: Isabel Albergaria, Licenciatura de Património Cultural, Departamento de História, Filosofia e Ciências Sociais, Universidade dos Açores, Ponta Delgada: 2013.

O LUGAR DA CALHETA E A PROPOSTA PARA A FUNDIÇÃO





99 Montagem de vista aérea do lote da Fundação da Calheta



100



101



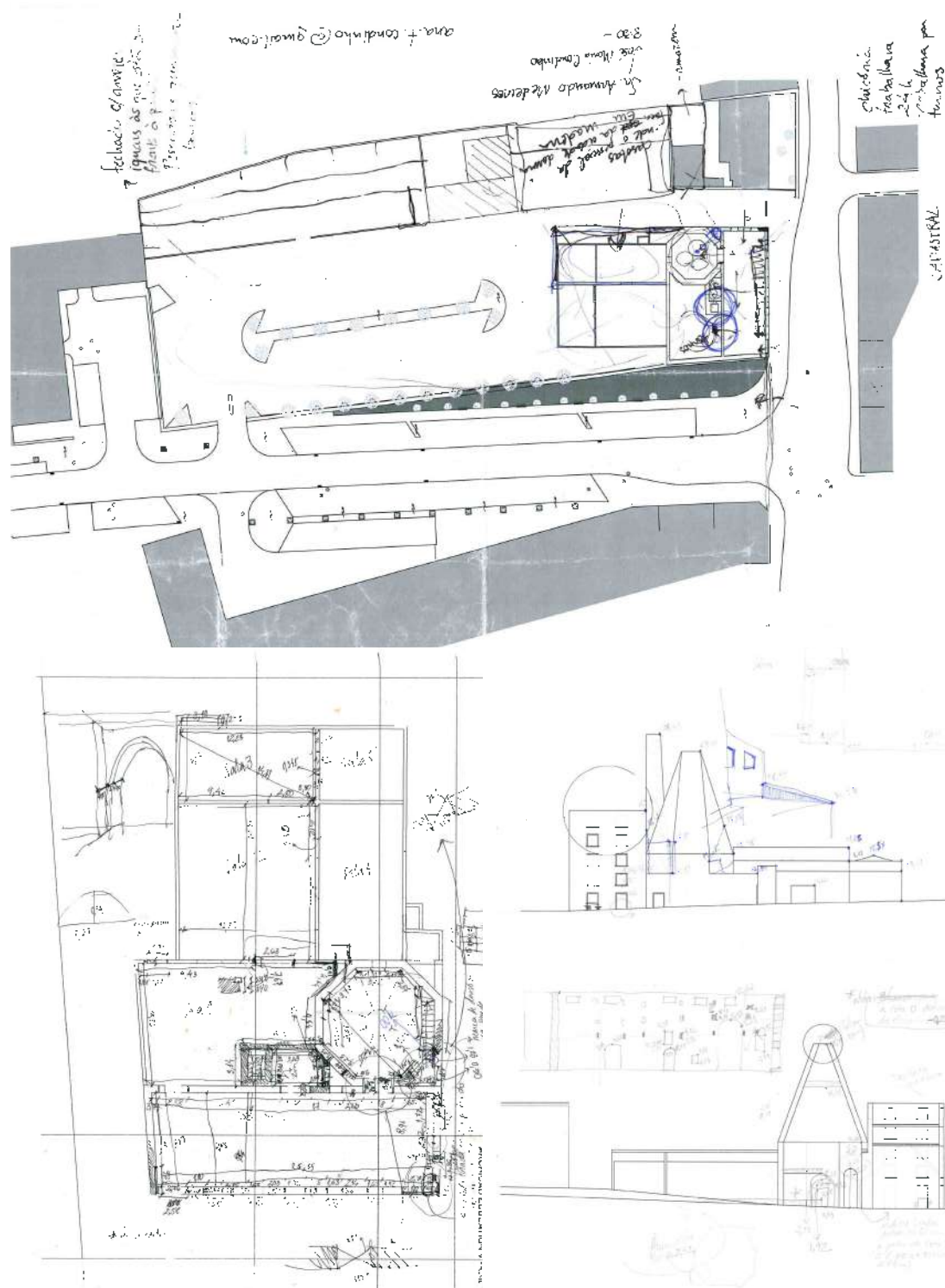
102



103

102 - 103 Fundição da Calheta, início dos anos 2000

O LUGAR DA CALHETA E A PROPOSTA PARA A FUNDIÇÃO



104 Levantamento do edifício da Fundação da Calheta



105 Estado actual da Fundação da Calheta



106 Estado actual da Fundação - interior



da Calheta, entrou num processo de abandono e destruição, silenciando-se e negando-se o seu inquestionável valor de património industrial, reduzido por alguns às duas chaminés da Fundição, a que atribuem um papel futuro de monumento decorativo.”¹⁷⁶

Concordando com Rui Sousa Martins, e como foi mencionado antes, a nosso ver o terreno tem mais valor que apenas o património industrial das duas chaminés da Fundição.¹⁷⁷ O lote em causa, através de uma intervenção urbana e arquitectónica, sensível ao lugar, tem o potencial para desempenhar um papel reestruturante na cidade, funcionando como ponto de partida para a dinamização e a reabilitação da zona da Calheta. Assim sendo, após investigarmos sobre o espaço lúdico na cidade como espaço de encontro e analisar o lugar em questão, fomos capazes de delinear uma estratégia de projecto - programática, urbana, política e arquitectónica.

Para definir o programa, procurámos criar as condições geradores de um espaço que atribua “poder” aos habitantes, de forma a que eles próprios sejam autores do seu dia-a-dia, ou seja, de um espaço que promova o encontro, o bem-estar, a criatividade, a produção artística e a propagação cultural, como complemento do trabalho. Para tal, encontrámos ser necessário fundir estas distintas realidades, trabalho/ lazer, público/ privado, propondo, assim, dois programas, um de carácter público e outro de carácter privado.

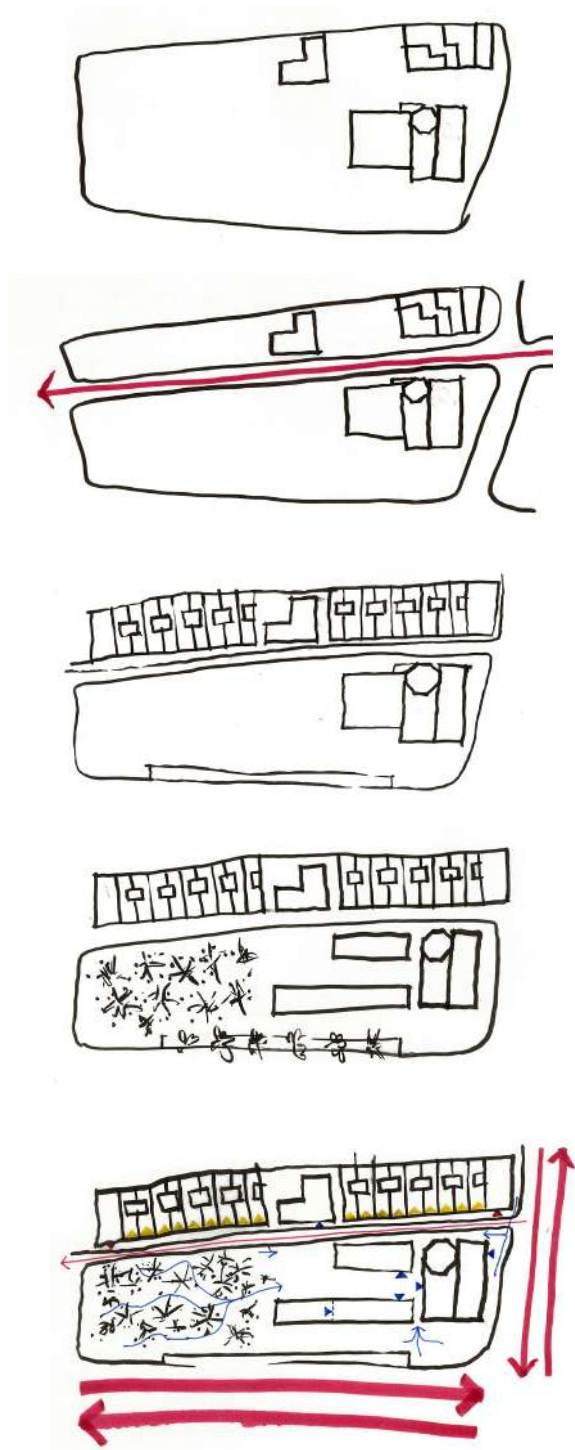
O programa privado deve incluir habitação de diferentes tipologias, de forma a promover uma comunidade interclassista, intercultural e intergeracional; e um parque de estacionamento, ao nível subterrâneo, que dê resposta à necessidade de estacionamento na zona. E o programa público subdivide-se em espaço público, que ocupará a grande maioria da área a intervir e espaço semi-público de uso colectivo, que será colocado nos edifícios pré-existentes e edifícios propostos.

Através de uma investigação de campo, junto dos moradores, das associações (**Filhos da Comunidade, Solidaried’arte, Universidade Sénior**) e companhias (**37.25, 9’Circos, Pontilha**) existentes na freguesia, bem como dos directores de algumas das instituições culturais da ilha, propomos para espaço semi-público colectivo, um Centro Comunitário. Este terá como objectivo fomentar o contacto entre a população e artistas, entre o popular e o erudito, o saber artesanal e o tecnológico, oferecendo estúdios de ensaio para as artes performativas, assim como oficinas equipadas para o desenvolvimento de projectos independentes e, de alguma forma, honrando a memória da vivência da Calheta, enquanto porto de pescas e polo industrial. Assim sendo, dividimos o seu programa em quatro áreas distintas.

No edifício da Fundição propomos um programa mais livre associado principalmente ao ócio, mas também a actividades expositivas, dos trabalhos desenvolvidos nos restantes espaços do centro. No volume mais alto com fachada para a Rua Engº José

176 SOUSA MARTINS, Rui, “Fundição da Calheta. Ponta Delgada, São Miguel – Açores. Urgência de Classificação Patrimonial”, Associação para a Defesa e Investigação do Património, Ponta Delgada: 2011.

177 É importante reconhecer as pré-existências industriais da Fundição da Calheta e Fábrica da Chicória como património material, de forma a evitar quaisquer intenções de demolição e promovendo a sua reabilitação e preservação como memória da indústria micalense.



108 Esquema da estratégia urbana proposta.

Cordeiro, onde se encontra a entrada principal do complexo, propomos, no rés-do-chão, um espaço de estar polivalente, equipado com mesas e cadeirões, permitindo diferentes usos, sala de leitura, sala de estudo, sala de trabalho, e que também possa assumir um carácter de sala de exposições ou conferências informais. No primeiro piso, os serviços administrativos e instalações sanitárias. E na cobertura, um terraço, de uso polivalente. No espaço da grande chaminé octogonal, propõe-se um espaço expositivo em memória do Porto da Calheta e da indústria Micaelense, podendo também servir para a apresentação de eventos de artes performativas. Finalmente no espaço adjacente à chaminé, propomos uma cantina comunitária, com refeições ao almoço e distribuição gratuita de comida ao jantar. E no edifício da Fábrica da Chicória, espaços ateliers, para residências artísticas.

Nos edifícios novos em relação directa com o jardim, propomos um espaço para a experimentação e produção artística e criativa, de carácter informal e descomprometido. No rés-do-chão, salas polivalentes para estúdios de ensaio ou pequenas apresentações, equipados com rede técnica para luzes e cenários, bem como sistema de som e piso flexível; e oficinas de trabalhos manuais, equipadas com bancadas de trabalho, arrumos e a maquinaria necessária a actividades de carpintaria, serralharia, marcenaria, joalheria, olaria, tapeçaria, métodos de impressão manual, entre outros. No, piso subterrâneo, encontram-se estúdios de ensaio para música e estúdios de revelação de fotografia, assim como as instalações sanitárias e áreas técnicas.

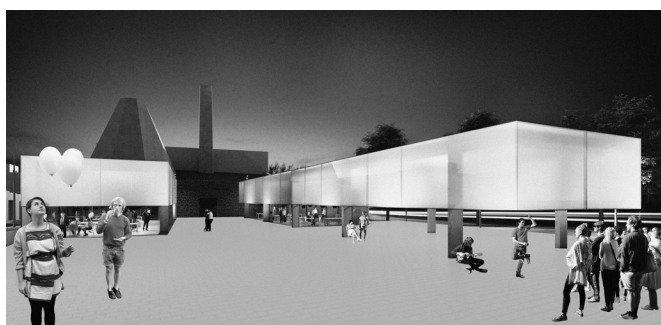
Para o espaço público propomos um jardim que, localizado numa área de grande densidade, compensaria a falta de áreas verdes para os habitantes da Calheta, Bairro das Laranjeiras e Avenida D. João III. Será um espaço aberto, de utilização livre, mas também de apoio às actividades desenvolvidas no Centro Comunitário.

Quanto à estratégia urbana, o principal objectivo é a integração do lote na estrutura da cidade. Esta passa, para além de uma dinamização programática, em que funções privadas ou semi-públicas contagiam a funcionalidade do espaço público; pela redefinição dos acessos ao terreno, tornando-o mais permeável, mas de forma controlada, definindo distintos momentos de entrada e de saída, assim como de estar, tendo em conta os fluxos e direcções já estabelecidos na cidade. Desenha-se, assim, uma nova Rua, na continuação da 2a Travessa da Calheta, tal como a Rua do Laureano ou a Rua do Moinho, mantendo o sistema de lote estreito e comprido da estrutura urbana de Ponta Delgada.

No lote criado a nascente, propomos o programa habitacional. O loteamento é feito de forma semelhante à das Travessas da Calheta, Rua do Laureano e Rua das Laranjeiras, assim como a volumetria e desenho dos vãos das fachadas. É criada uma nova frente urbana para a Avenida, rematando as traseiras das casas da Rua do Laureano, e cozendo as casas de pescadores da Rua Eng.º José Cordeiro com a habitação em altura da Avenida D. João III, propondo um volume mais alto que faz a transição entre as duas escalas. Na esquina do lote, propõe-se um edifício com um programa distinto de habitação, mantendo a lógica dos programas da Rua Eng.º José Cordeiro, que integram comércio e serviços.

No lote a poente, mais pequeno e centrado em relação aos edifícios envolventes, propomos o programa público e colectivo. No lugar dos pavilhões hoje existentes, im-

O LUGAR DA CALHETA E A PROPOSTA PARA A FUNDIÇÃO



109 Colagens ilustrativas da vivência pretendida nos espaços da proposta

plantamos os dois volumes novos do Centro Comunitário, dispostos de forma a acentuar a direcção longitudinal característica dos lotes de Ponta Delgada, criando uma frente que ajuda a definir a nova rua por nós proposta, assim como a frente para a Avenida D. João III. Entre eles é criada uma rua “interna”, pública, mas mais resguardada, oferecendo uma extensão do espaço interior dos studios, das oficinas e da cantina, com a intenção de incentivar à permanência. Os limites dos volumes procuram criar relações com as pré-existências, não de uma forma explícita através do contacto directo, mas de relações visuais e de tensão espacial, afunilando os espaços de passagem. A relação com a topografia do terreno tenta ser o mais pacífica possível, tirando partido do declive natural, enriquecendo a relação entre estes: a própria pendente do terreno cria um auditório natural que “entra” no edifício, fortalecendo a continuidade entre os dois, uma vez que os limites onde acaba um e começa o outro são diluídos.

Quanto a uma estratégia política, pretendíamos que uma entidade pública, o Governo ou a Câmara Municipal, adquira o lote integralmente ao proprietário. O espaço público do jardim e o parque de estacionamento e a habitação seriam geridos pela entidade pública, e a gestão do Centro Comunitário e das Residências Artísticas¹⁷⁸ seria cedida a uma Associação sem fins lucrativos, cujos objectivos fossem de encontro aos que vimos propondo ao longo deste trabalho, de forma a que o centro ganhasse um carácter independente, informal e menos institucional.

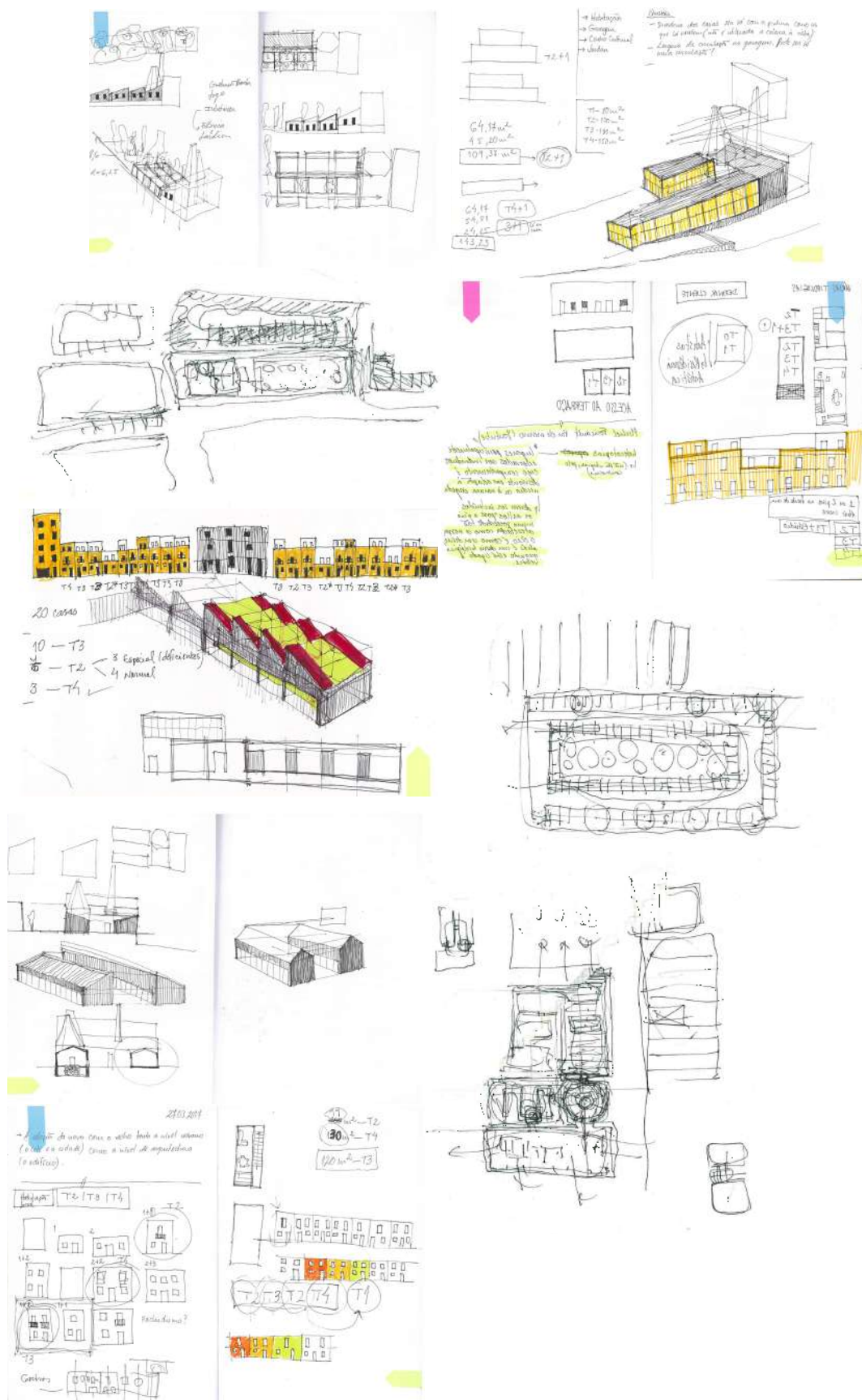
Com este sistema seria sempre necessário o compromisso entre a entidade pública e a Associação sem fins lucrativos. Ademais, a parceria entre o Centro Comunitário e outras instituições culturais da ilha, como o Museu Carlos Machado e o Centro de Artes - Arquipélago, ou com iniciativas artísticas independentes, como os novos festivais: Walk&Talk, Tremor e Paralelo, seria fundamental uma vez que o centro funcionaria apenas como incubadora. Além destas parcerias, seria essencial, também, uma aproximação e integração dos costumes e tradições locais e regionais, como as festas do Espírito Santo, as festas do Senhor Santo Cristo e as Festas de S. Pedro, tornando-se pertinente uma parceria com a Junta de Freguesia. A Fundação da Calheta, seria o ponto de charneira entre associações e artistas locais e a entidade pública financiadora e a outras instituições da cultura regionais e nacionais.

Contudo, somos conscientes de que uma solução deste género tem algo de utópico, tendo em conta o panorama económico regional. Assim sendo, a viabilização do projecto teria que passar por um amplo acordo entre a Câmara de Ponta Delgada e o proprietário actual, a empresa de construção civil “Marques”. Este último beneficiaria de toda a área destinada a habitação e parque de estacionamento, e a Câmara Municipal ficaria com as pré-existências industriais, a Fundação da Calheta e a Fábrica da Chicória e todo o restante espaço adjacente, dedicado a jardim e via de circulação, ficando encarregue do seu arranjo urbano, manutenção e dinamização. O acordo de aquisição do terreno teria que beneficiar o proprietário com contrapartidas a acordar, possivelmente

178

O acesso de artistas às Residências deveria ser promovido de forma a estar associado às actividades desenvolvidas no Centro Comunitário, que por sua vez deveriam ser atentas às necessidades e vontades da população. O acesso a artistas regionais deveria ser preferencial, sendo que no caso de a maioria ser regional ser destinada uma das residências para artistas não regionais.

O LUGAR DA CALHETA E A PROPOSTA PARA A FUNDIÇÃO



110 Desenhos de diferentes fases do processo.

extras à utilização da área dedicada a habitação e parque de estacionamento, devido às limitações impostas na área habitacional, de forma a concretizar as intenções do projecto. Porém, as mais valias para a Câmara Municipal são evidentes. Com a implementação deste projecto, cumpriria os seus designios de promover actividades culturais e potenciar a integração social, agindo localmente e através da participação dos moradores. Para além disso valorizaria uma área degradada da cidade, através da preservação do património industrial e criação de espaços verdes, numa zona de forte densidade habitacional.

No projecto de arquitectura, houve o cuidado de dar continuidade às características formais e tipológicas da envolvente e ao mesmo tempo introduzir elementos novos que as valorizassem, tentando não corromper a essência do lugar.

Na Habitação aprendemos com o lote tipo da Calheta, descrito no capítulo “Continuidade”. É um lote estreito e comprido, perpendicular à rua, com uma fachada porta-janela, ou janela-porta-janela. A organização interior tem o quarto na fachada e cozinha nas traseiras associada ao pátio, onde se localizava a casa de banho. Na Casa típica dos pescadores, o primeiro andar seria uma “falsa”, que serviria de quarto e sem presença na fachada, contudo com o tempo, foram acrescentando mais um piso para quartos, com duas janelas ou uma janela de sacada, a eixo.

No edifício da Fábrica da Chicória, recuperar-se-ia a alvenaria de basalto das fachadas e abrir-se-iam vãos para as traseiras, gerando um ambiente de pátio.

O edifício da Fundição, seria alvo de um reforço estrutural, através da cobertura e dos novos pisos, que segundo a descrição de Rui Sousa Martins¹⁷⁹, vão de encontro aos pisos que existiriam originalmente; e introduzir-se-iam acessos verticais aos pisos novos. As restantes intervenções seriam maioritariamente a nível de acabamentos. O chão em pedra de basalto e as paredes e tectos rebocados e pintados a branco. Os novos caixilhos seriam de madeira, pintados com uma cor a definir, que se aplicaria também nas escadas e no volume do elevador.

Quanto aos volumes novos propostos há a intenção de uma livre circulação entre a cidade, o jardim e o centro, e uma informalidade entre os espaços e as suas funções. Por esta razão propõem-se zonas exteriores cobertas que fazem a transição entre o interior e o exterior, entre o público e o privado e que podem assumir diferentes programas como feiras e mercados espontâneos, zonas de estar, de reunião e de convívio, ou de demonstrações, concertos e performances. Esta organicidade é contrabalançada por uma estrutura regular ritmada, que ajuda a uma sensação de unidade, apesar da diversidade de usos.

Escolhemos um material translucido para potenciar a relação entre o centro comunitário e a cidade pretendida, de forma a que o exterior esteja presente no interior, e que tudo o que se passa no interior, seja perceptível do exterior, sem ser de forma explícita, criando alguma dinâmica na fachada, entre o vidro, totalmente transparente e a fibra de vidro, que deixa apenas transparecer figuras e cores. Para além de que à noite poderá funcionar como iluminação pública. Ao construir com panos de vidro foi

179 SOUSA MARTINS, Rui, “Fundição da Calheta. Ponta Delgada, São Miguel – Açores. Urgência de Classificação Patrimonial”, Associação para a Defesa e Investigação do Património, Ponta Delgada: 2011.

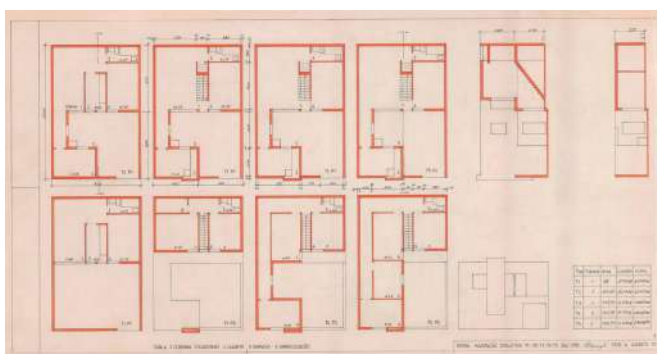
O LUGAR DA CALHETA E A PROPOSTA PARA A FUNDIÇÃO



111 Teatro Polivalente, Lacaton & Vassal



112 - Art Museum Bregenz, Peter Zumthor



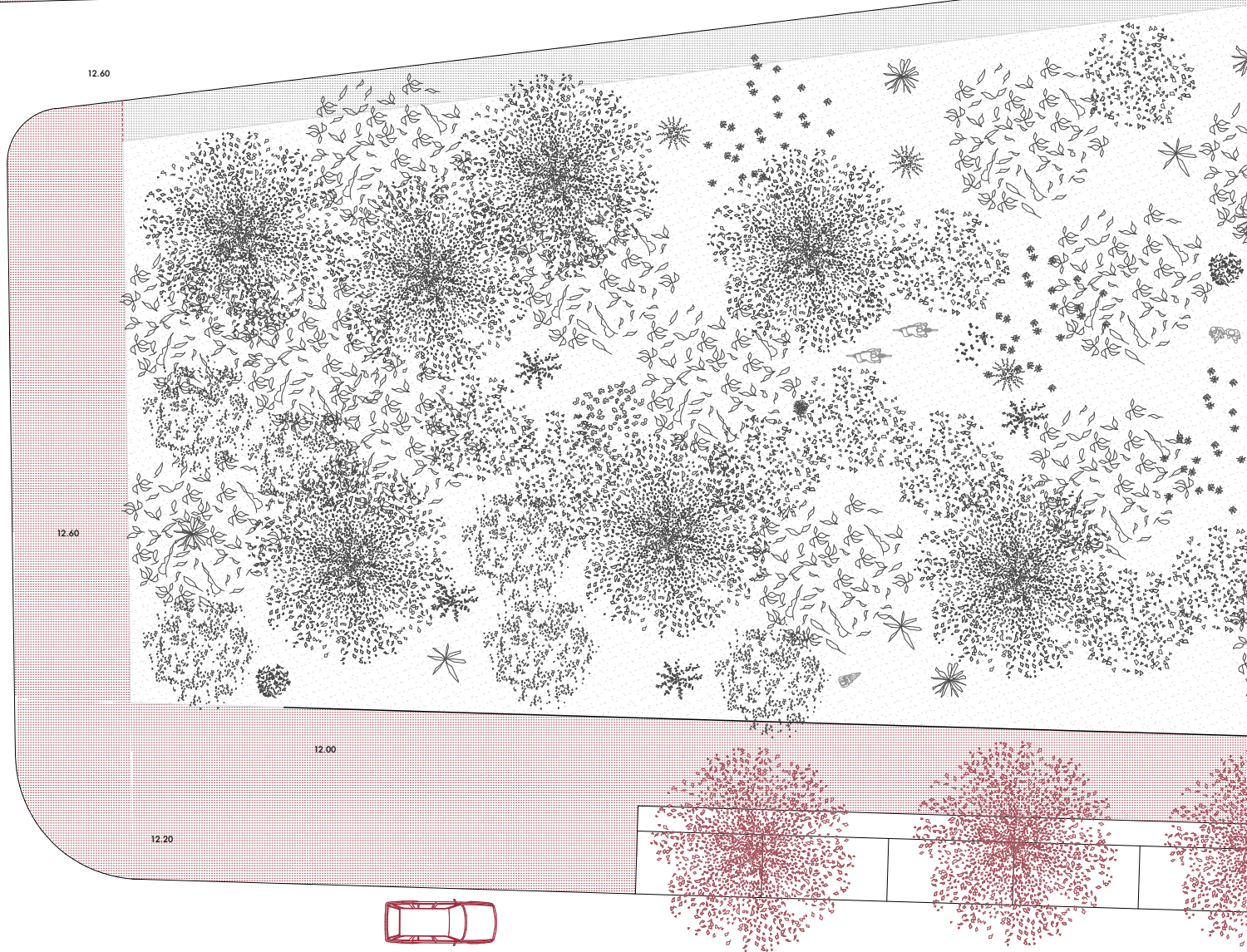
113 Bairro da Malagueira, Álvaro Siza

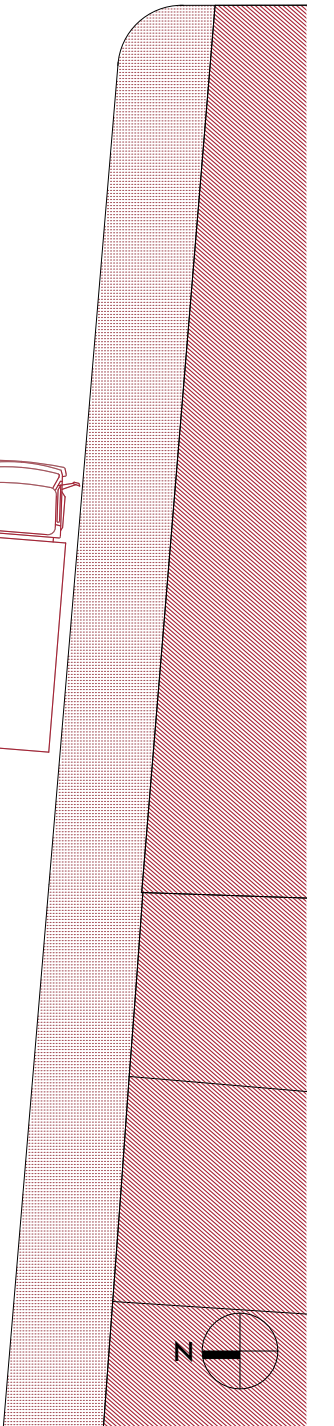
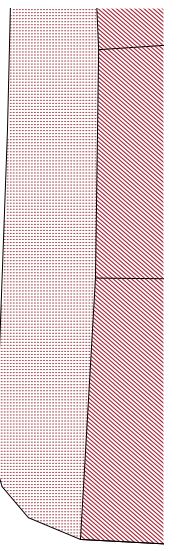
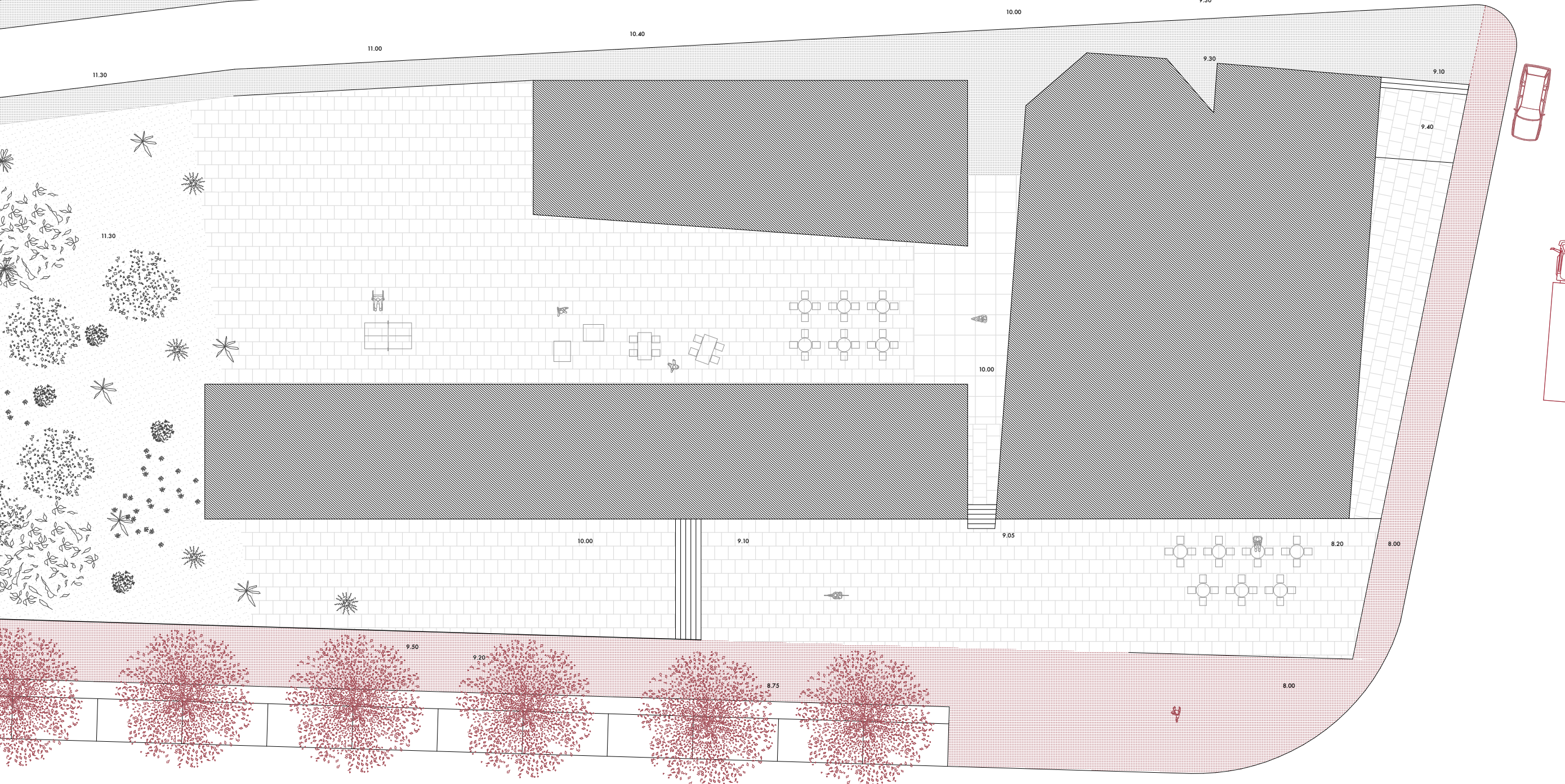
111 - 113 Referências de projecto

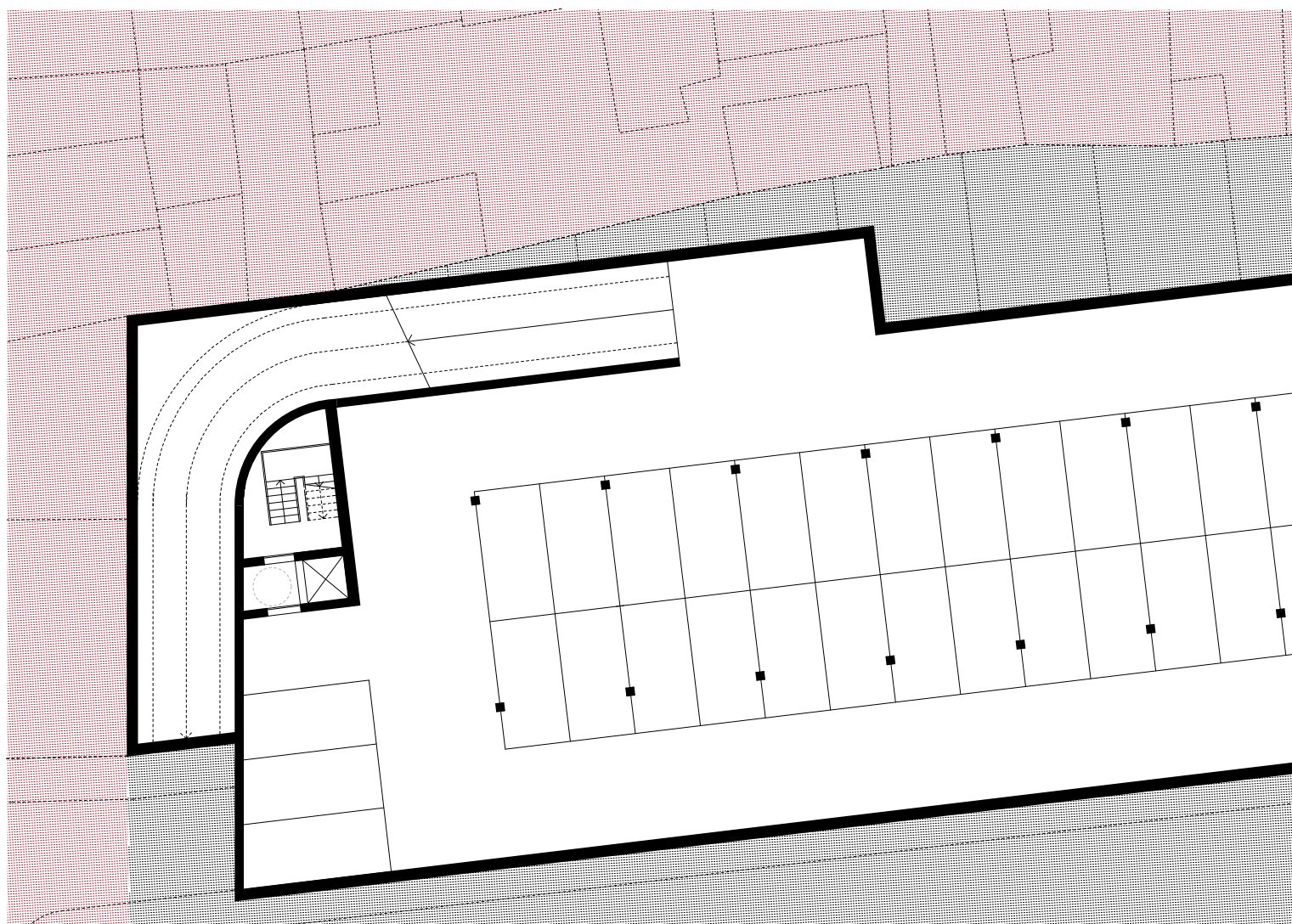
necessária a solução da dupla fachada, por questões térmicas e acústicas. Contudo esta solução construtiva acaba por, não só responder a questões técnicas, como oferecer um espaço de transição entre o interior e o exterior.

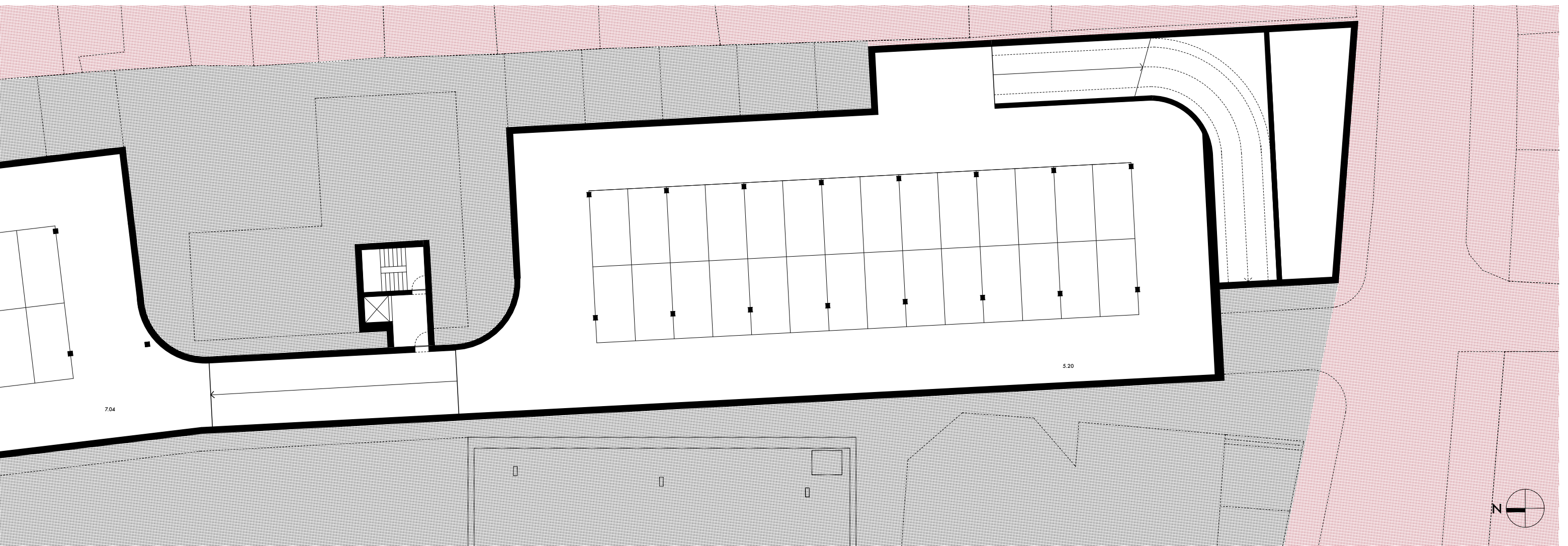
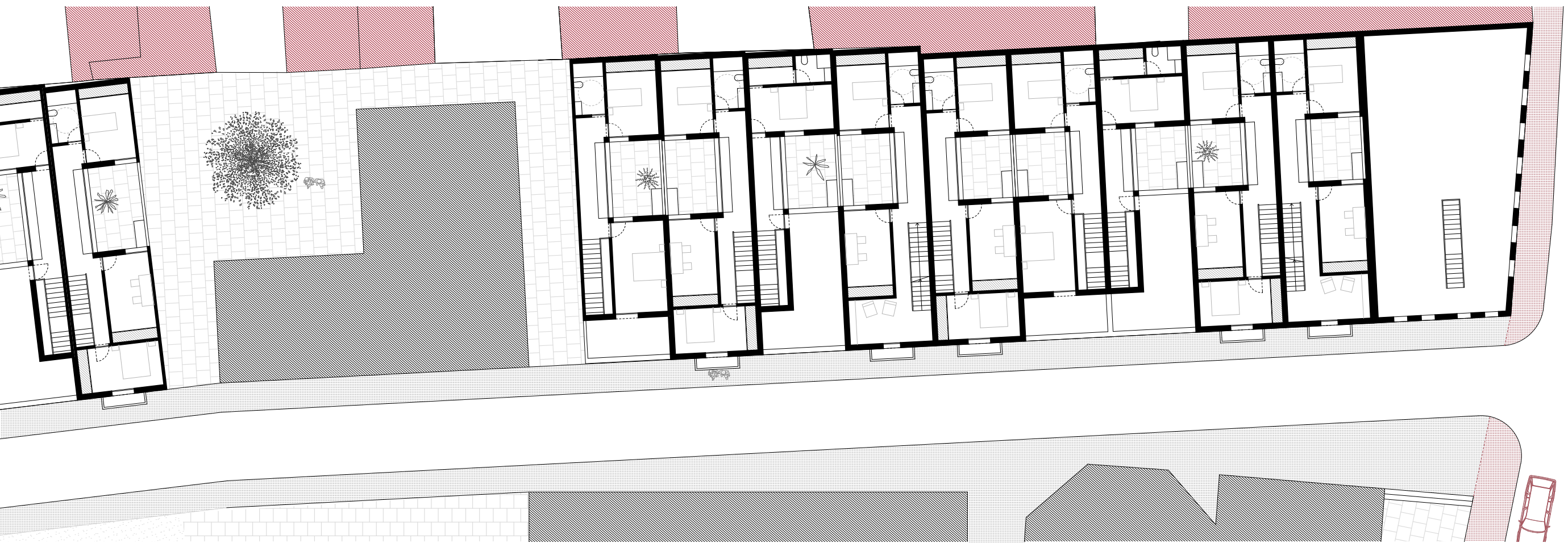
Finalmente para o jardim, propõe-se uma disposição da vegetação orgânica, de forma a que esta tenha alguma informalidade no seu crescimento, garantido, ao mesmo tempo, área de sombra e área de relva equipadas com mobiliário urbano que permita diferentes utilizações.

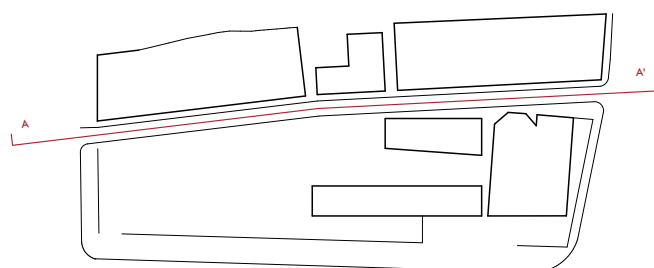
Estas estratégias são apenas linhas orientadoras, para o que seria um projecto urbano a desenvolver posteriormente em detalhe. O trabalho que aqui apresentamos não pretende ser um projecto concluído, mas sim uma “utopia do presente”, um ponto de partida para pensar os espaços públicos de Ponta Delgada e a vivência da Calheta.



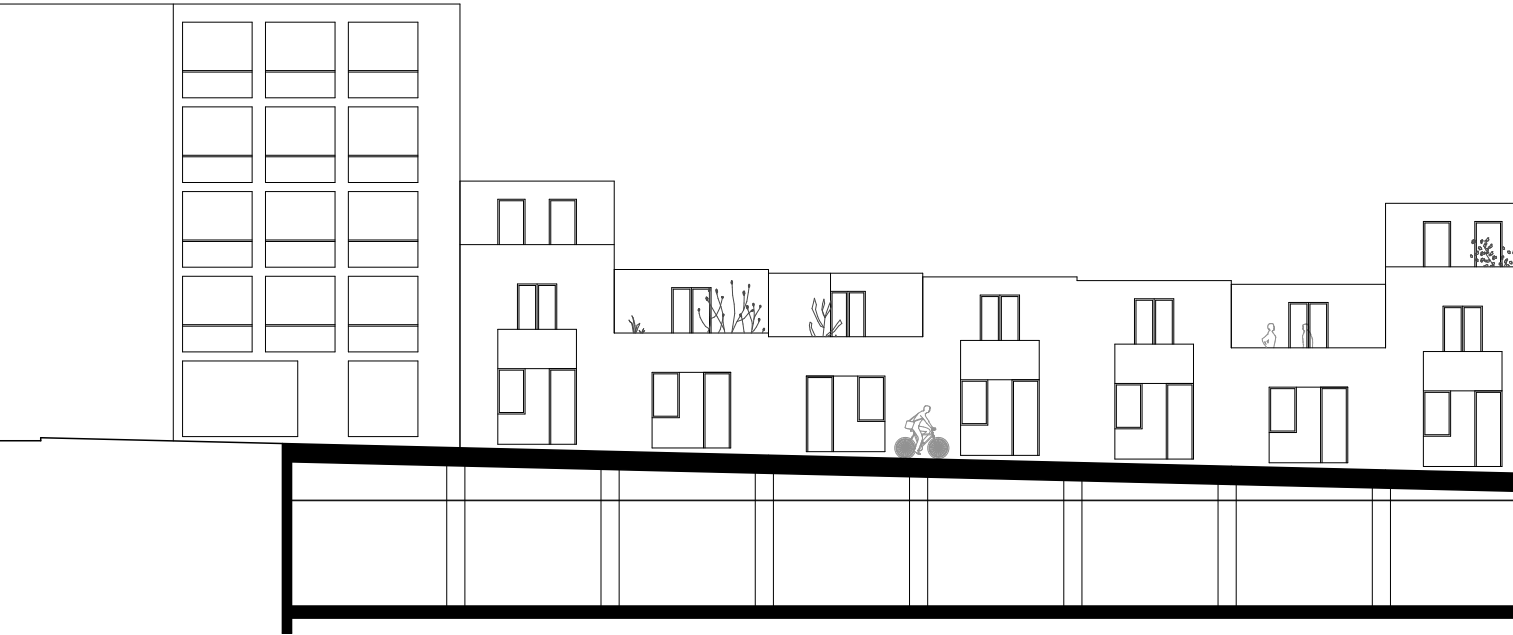


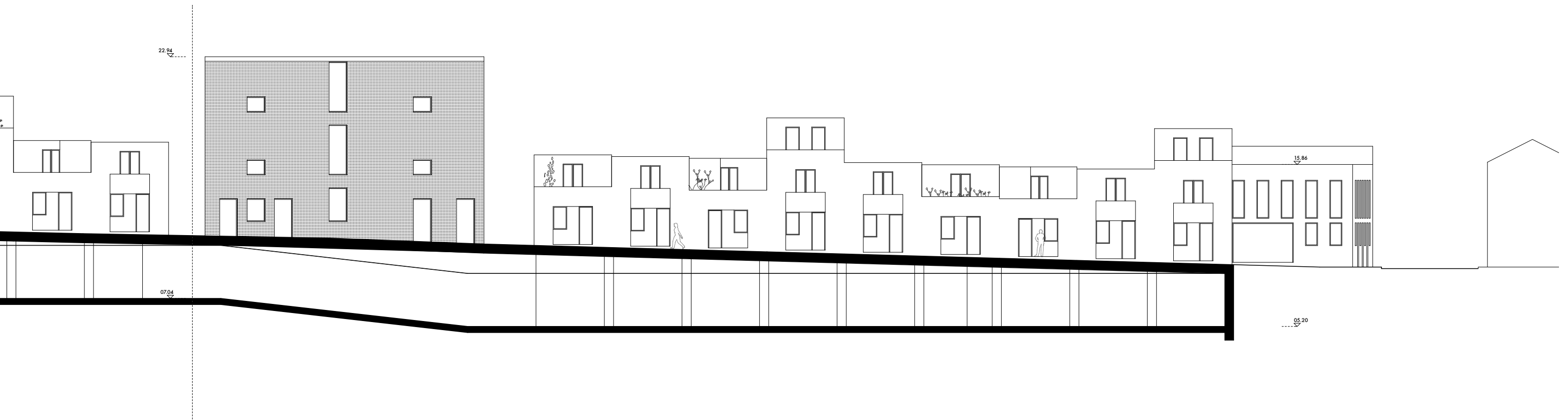






CORTE - ALÇADO AA' 1/250





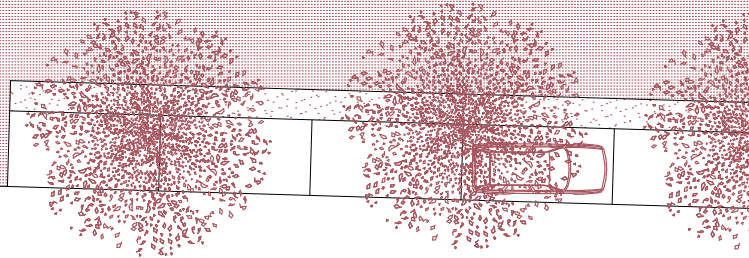
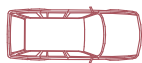


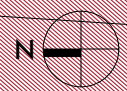
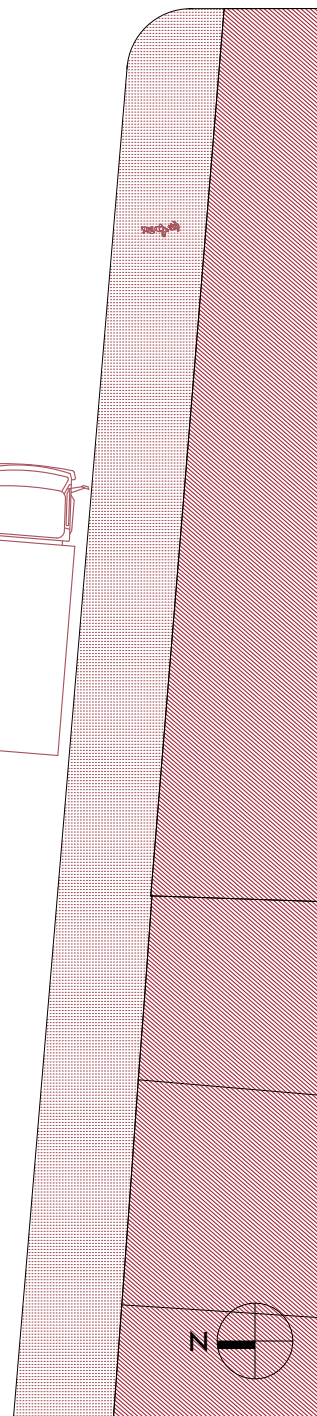
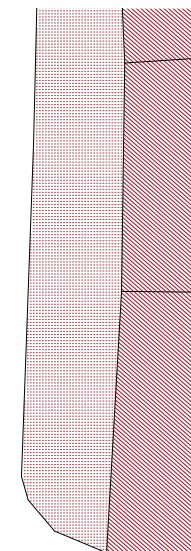
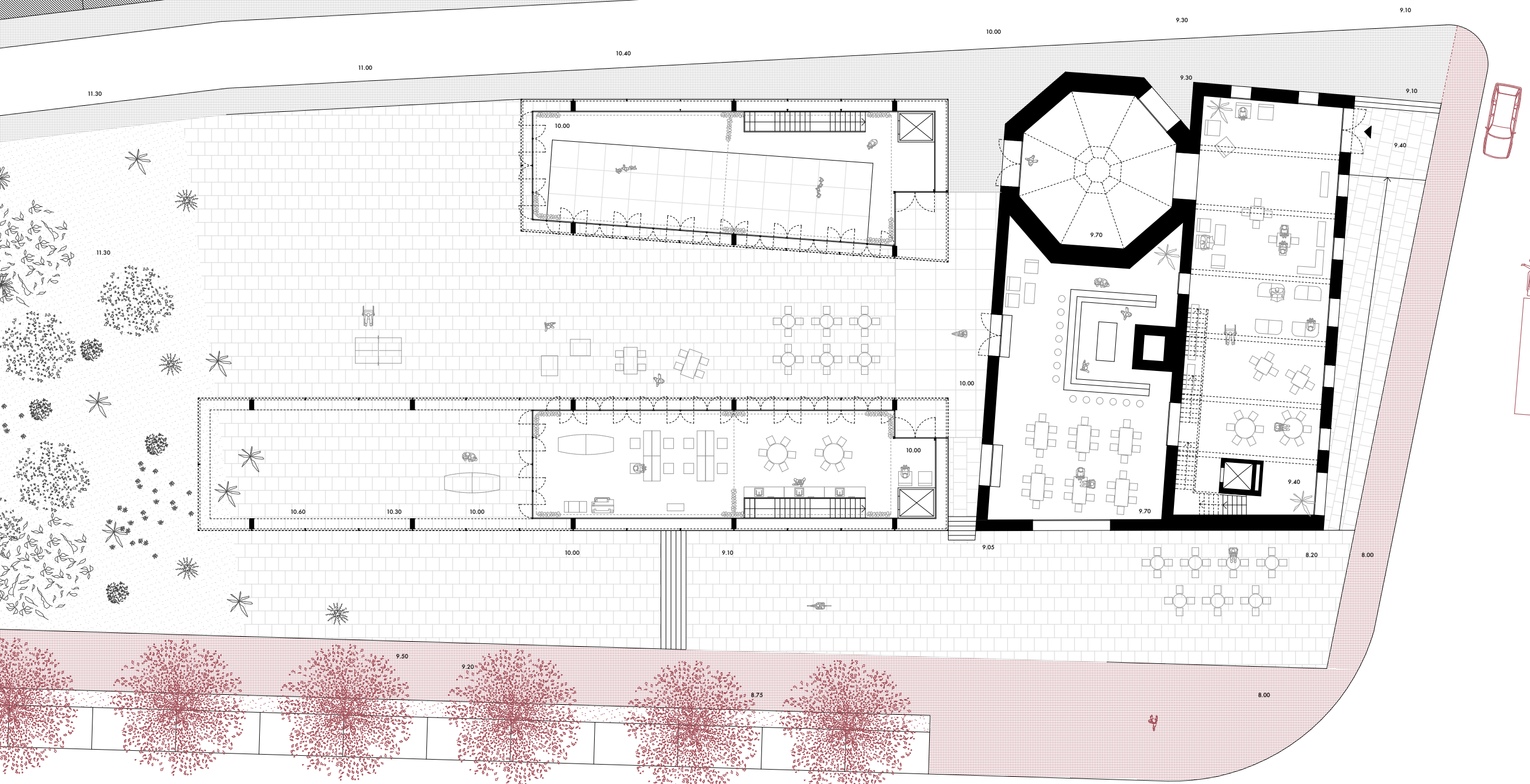
12.60

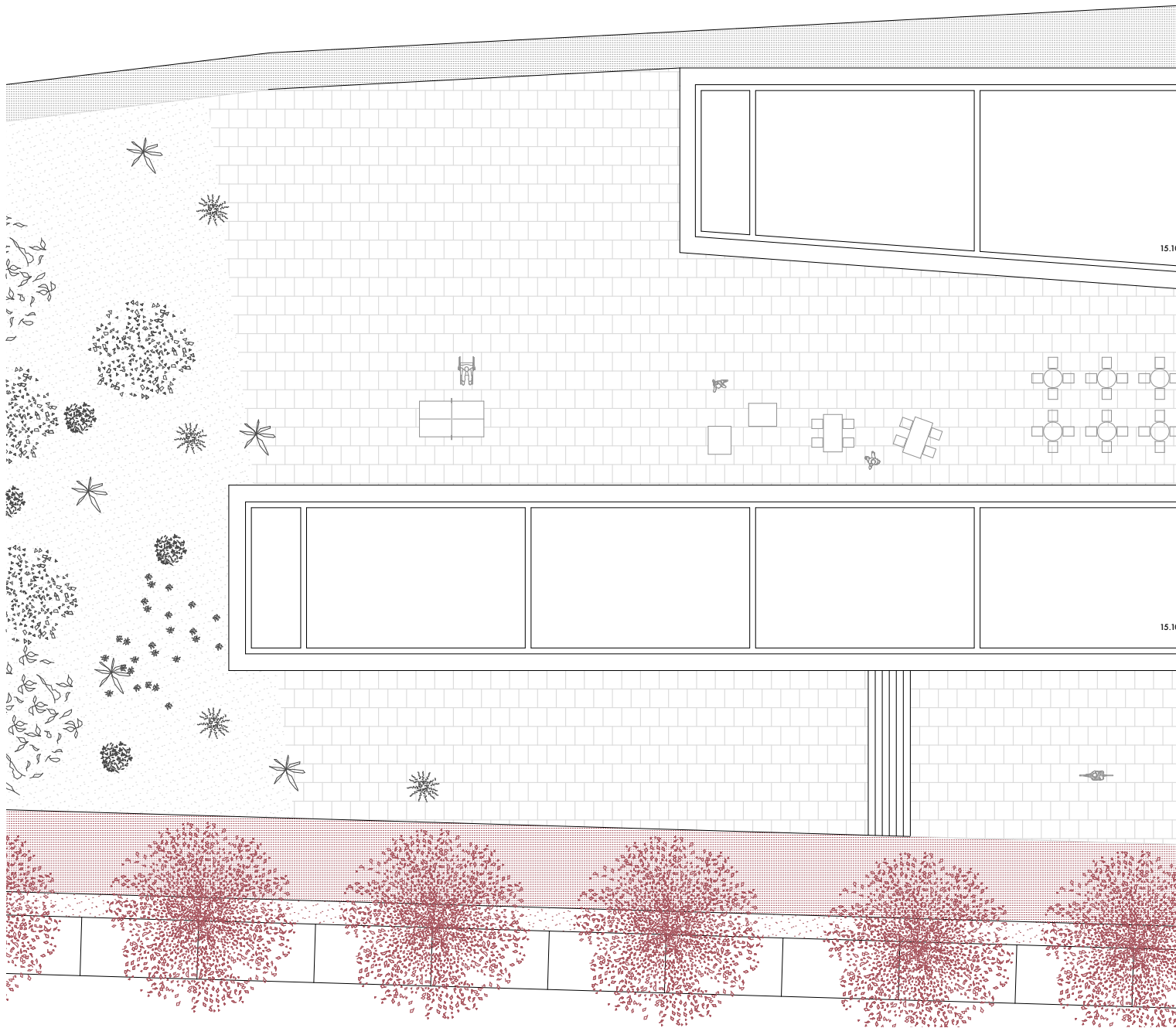
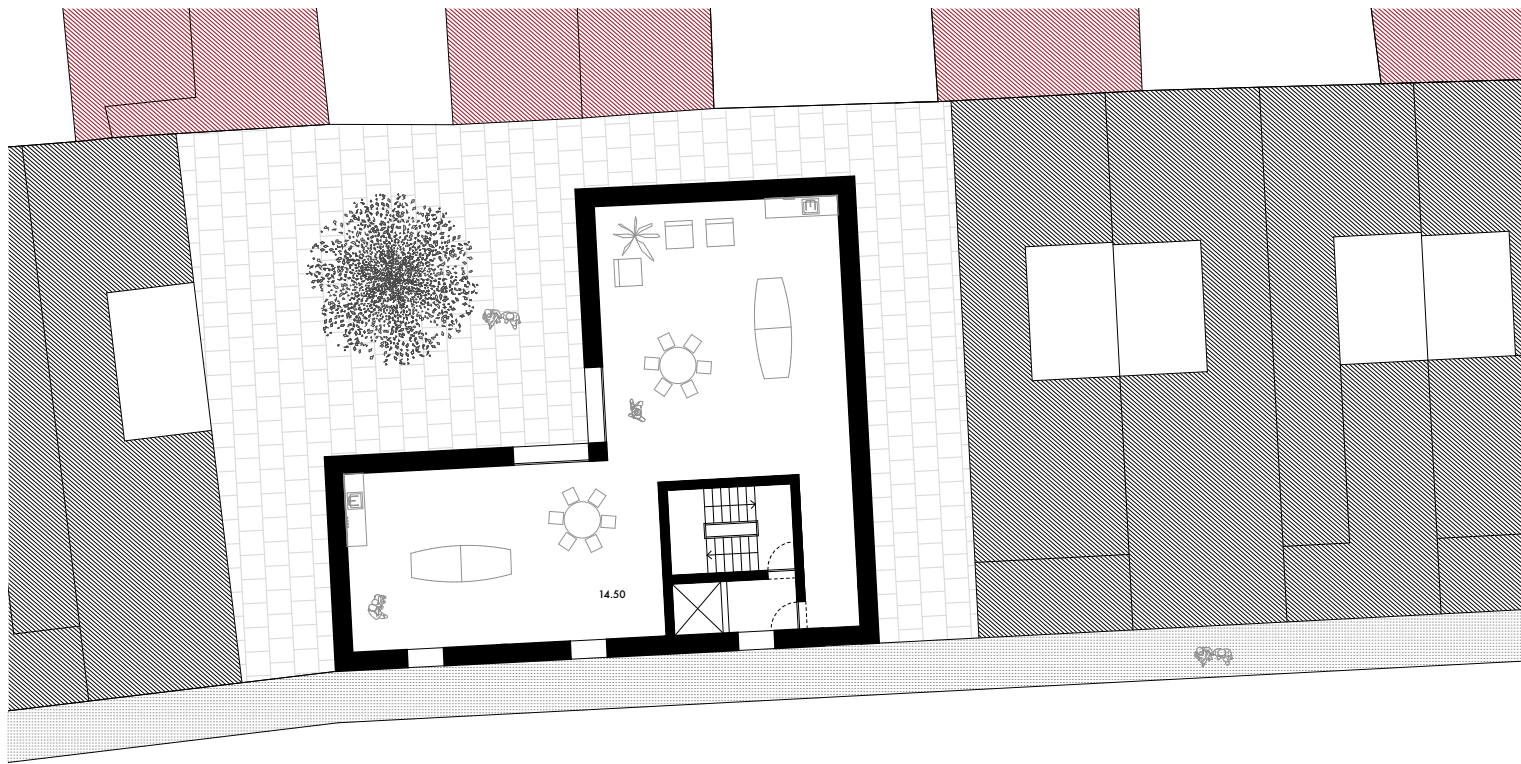
12.60

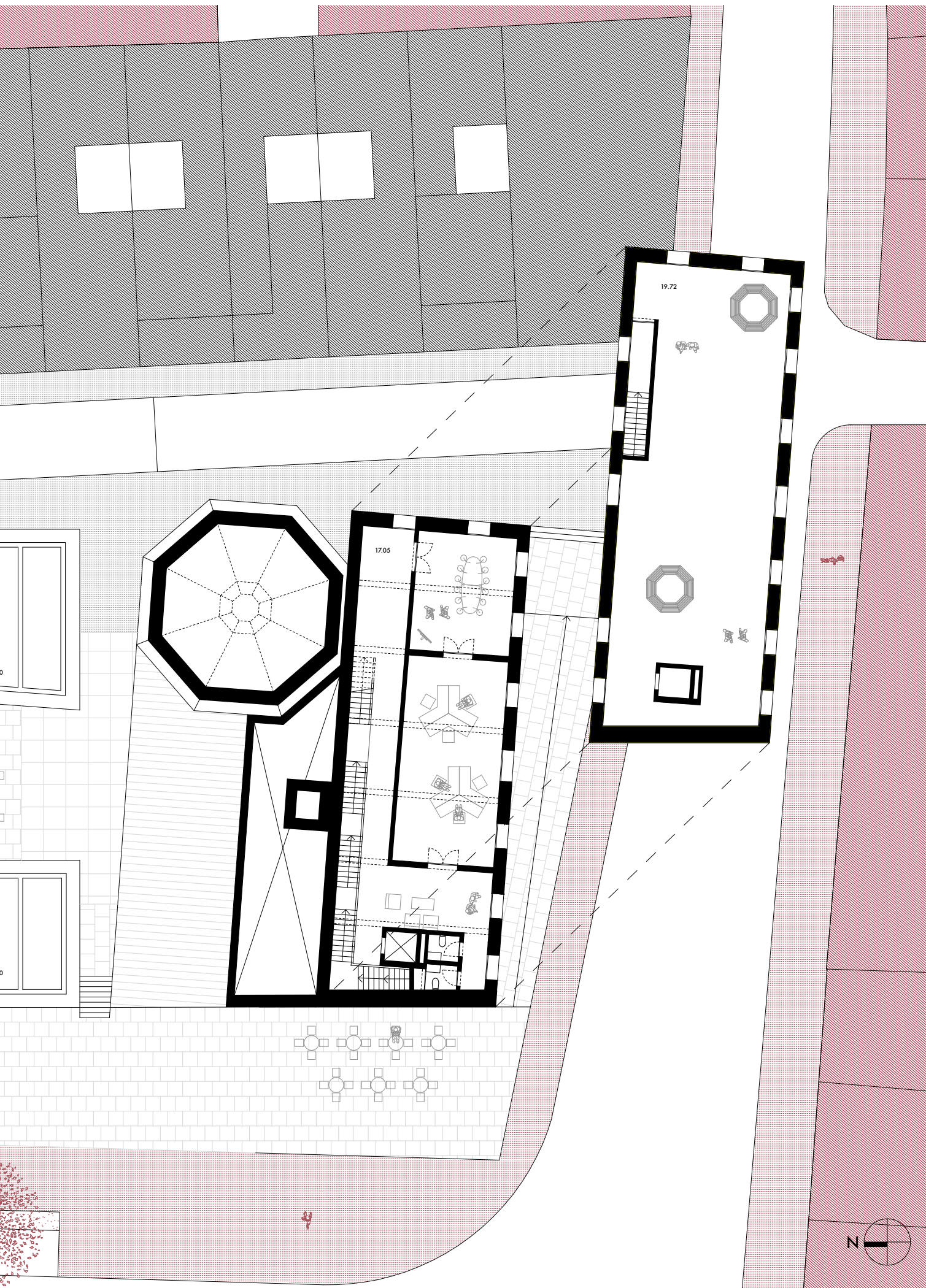
12.00

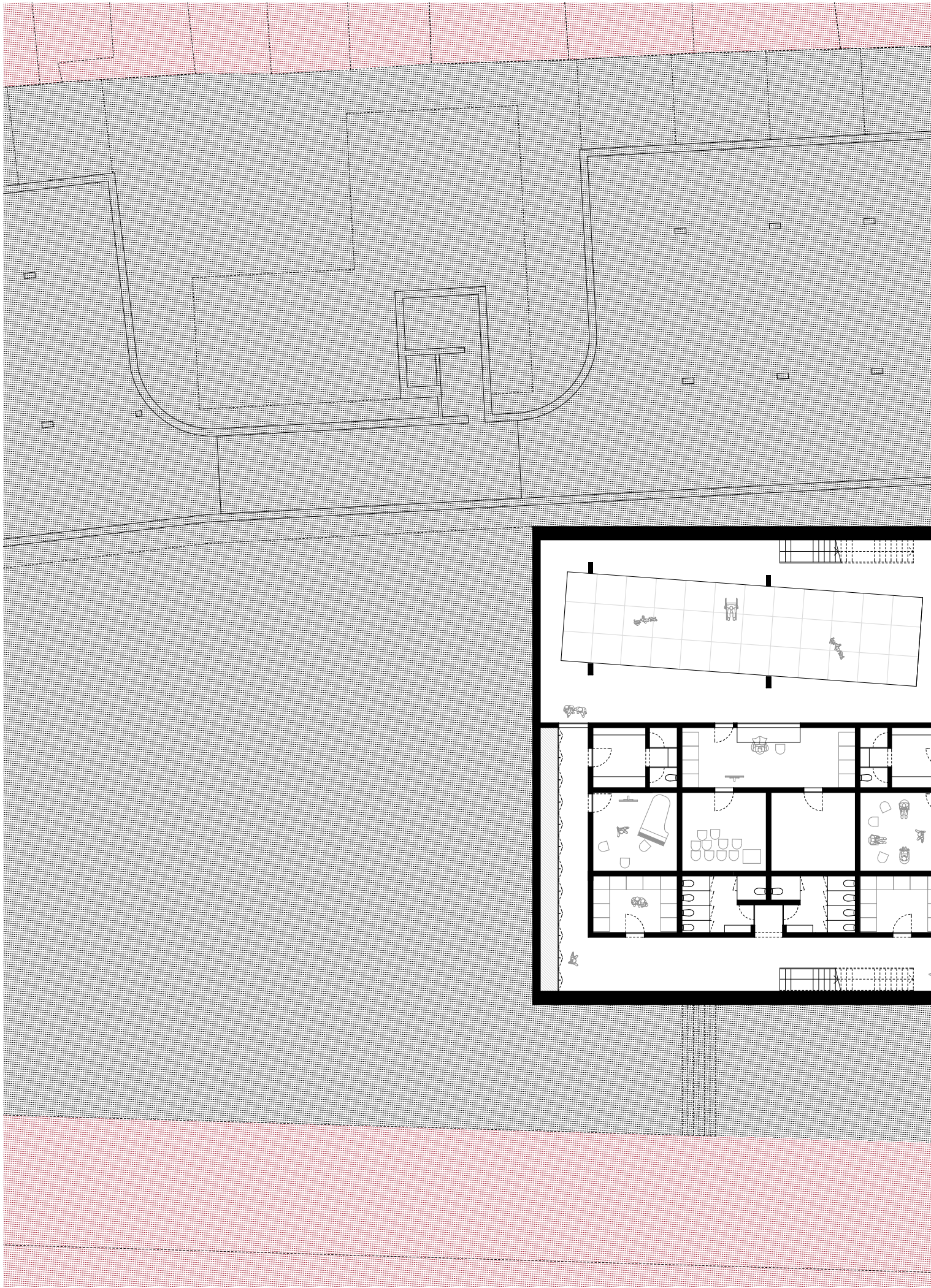
12.20

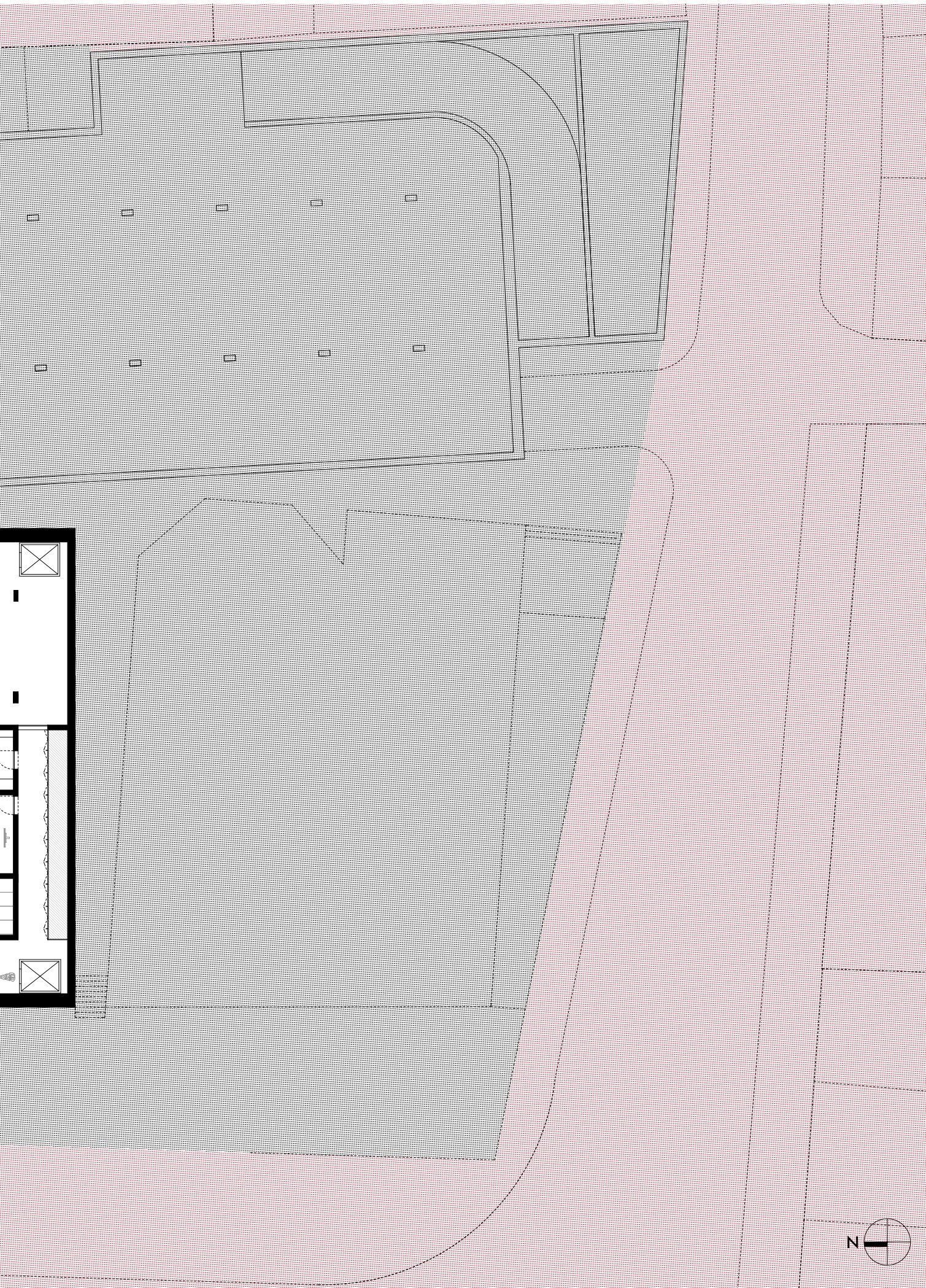


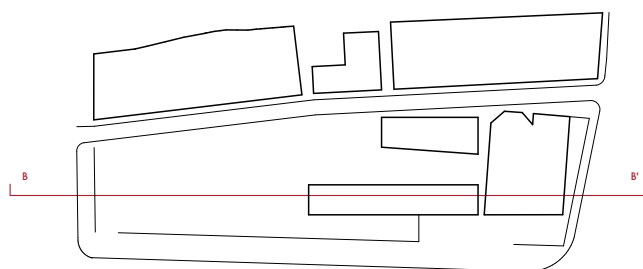






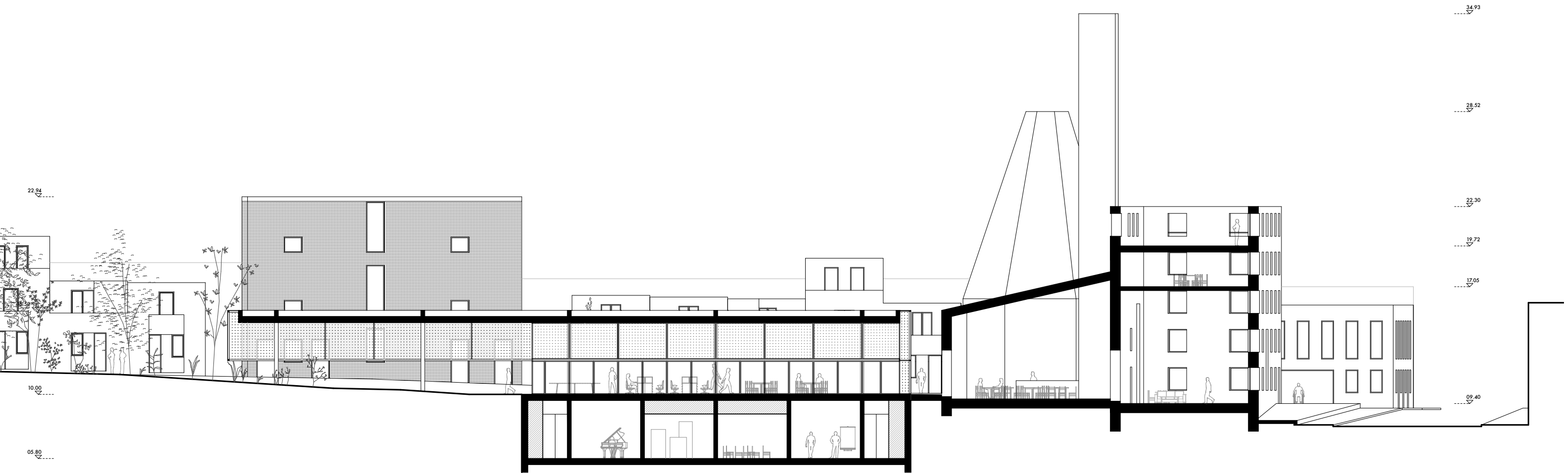


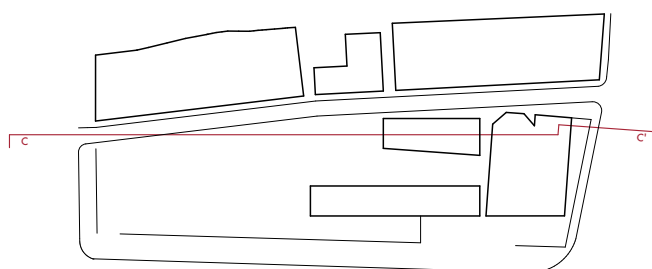




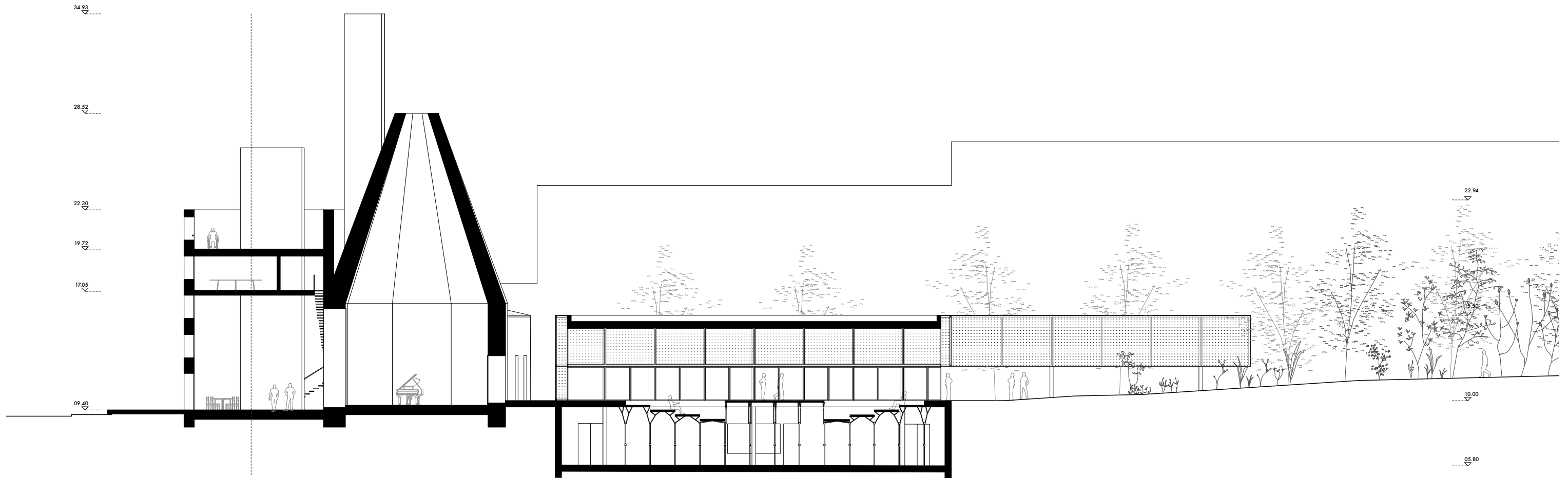
CORTE BB' 1/250

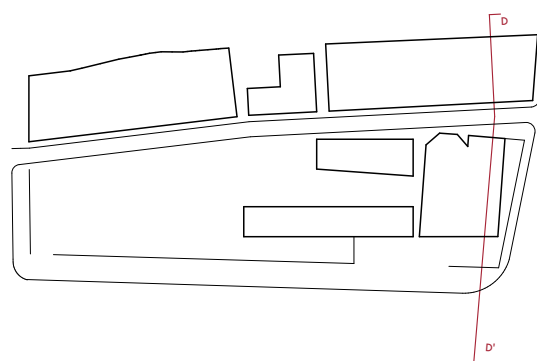




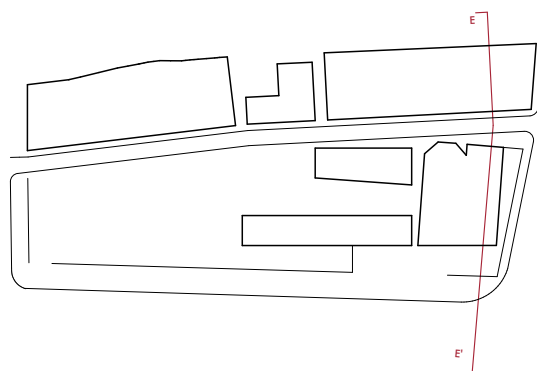


CORTE CC' 1/250

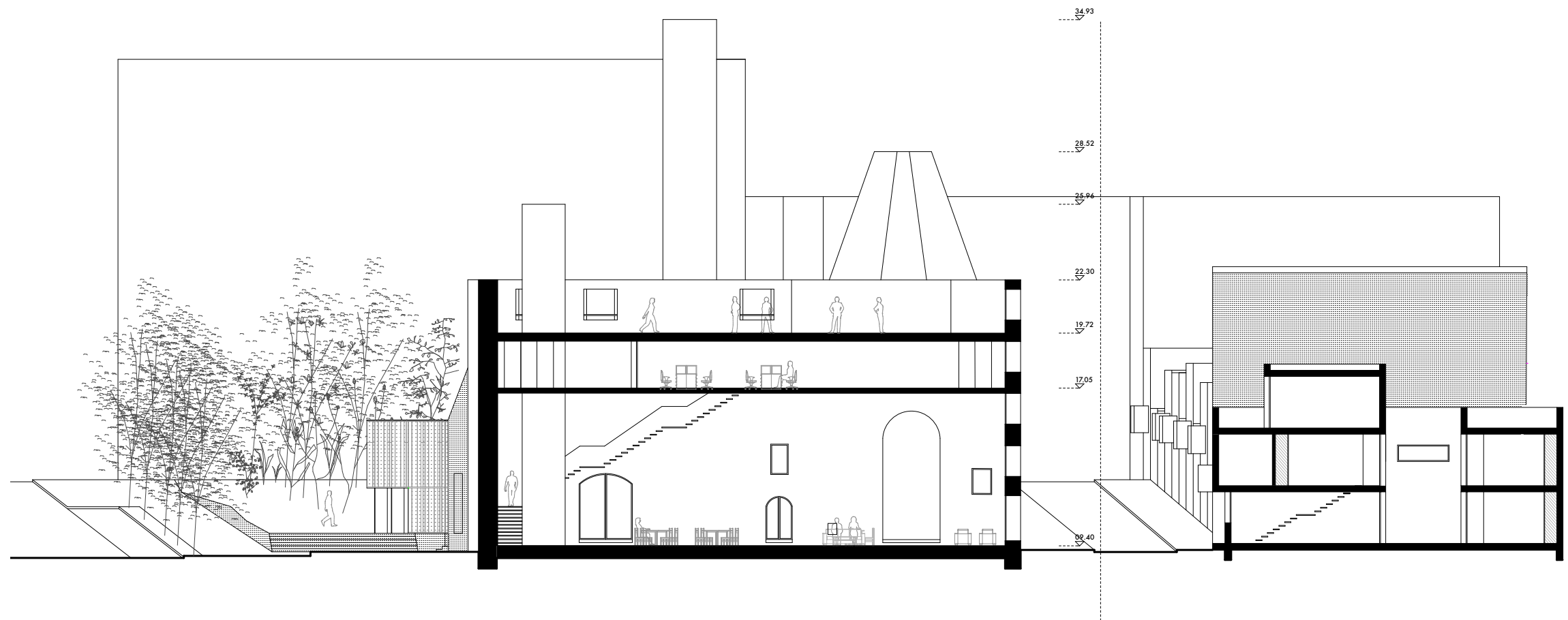
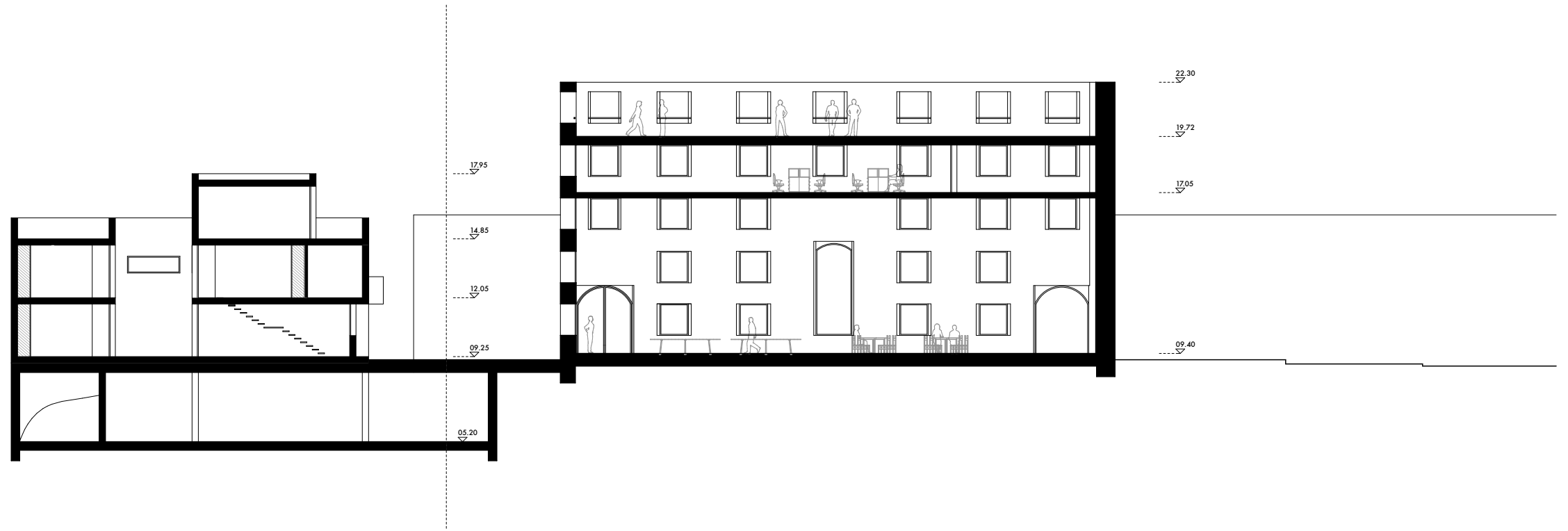


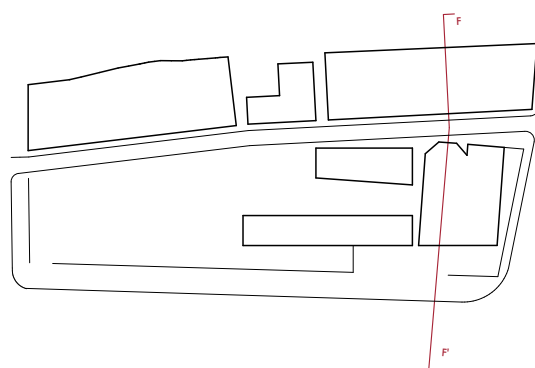


CORTE DD' 1/250

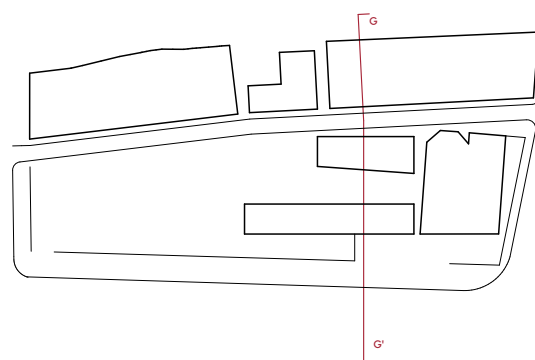


CORTE EE' 1/250

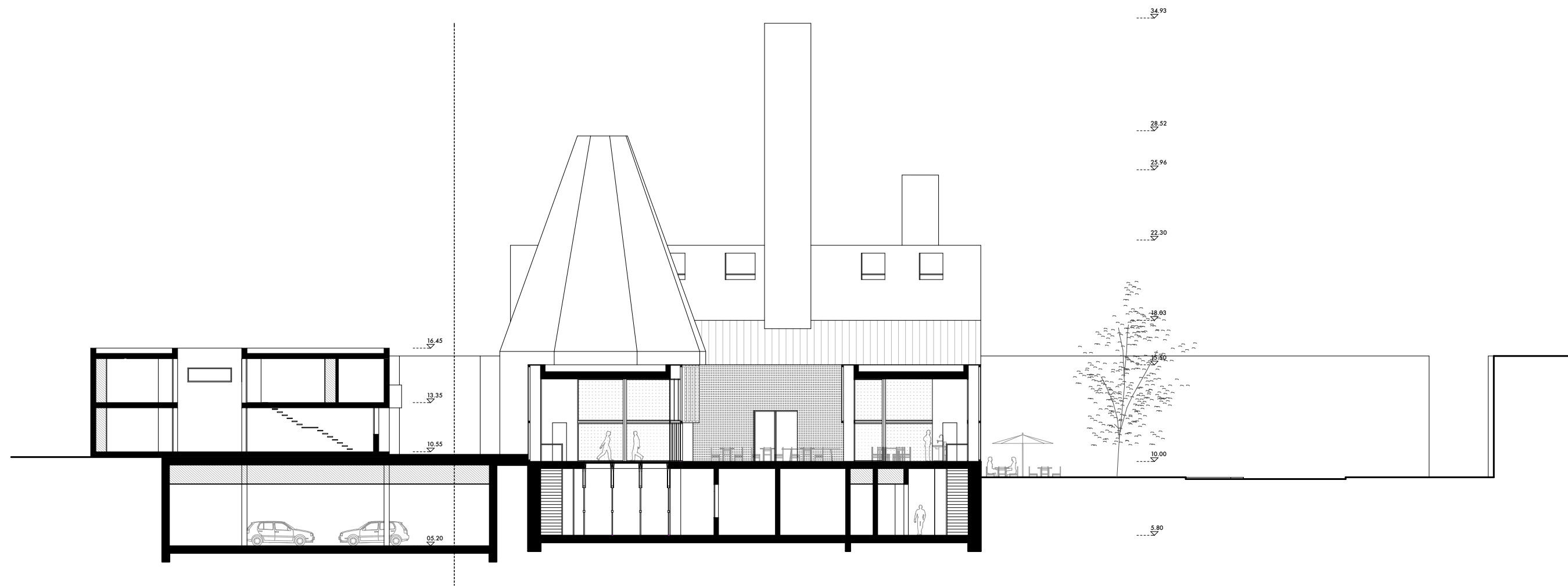
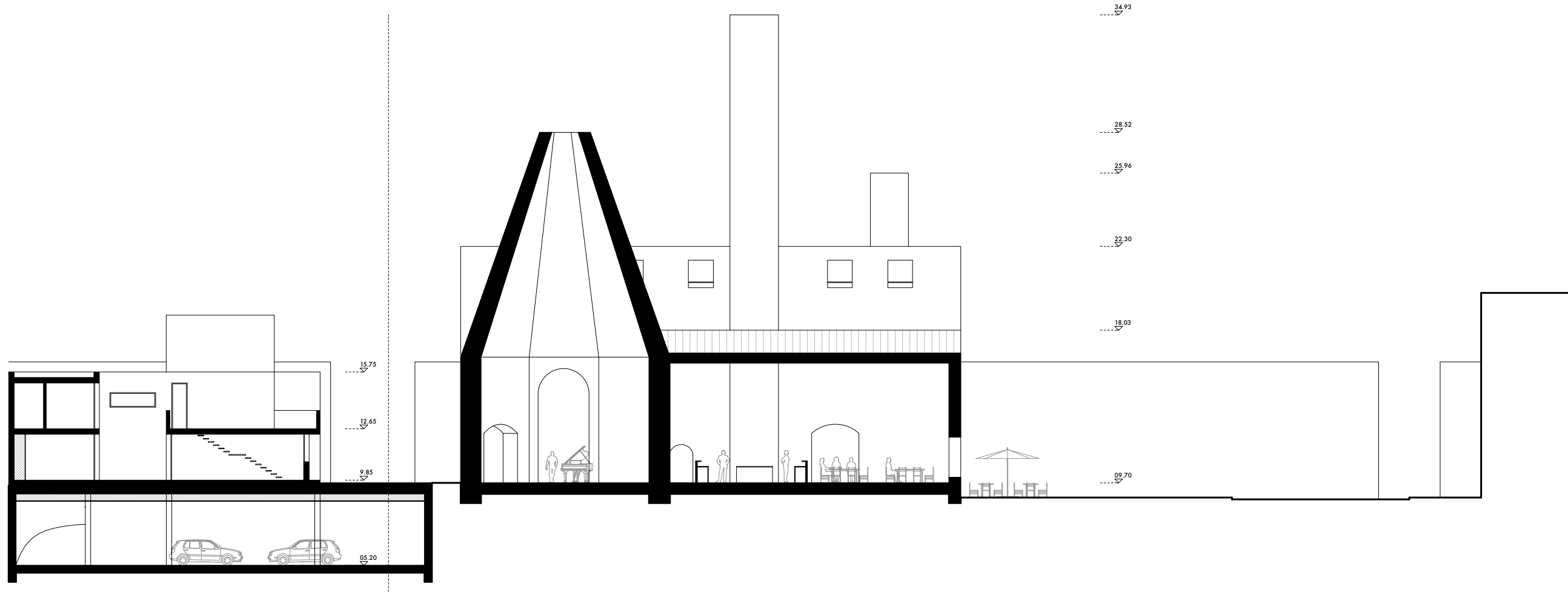




CORTE FF' 1/250

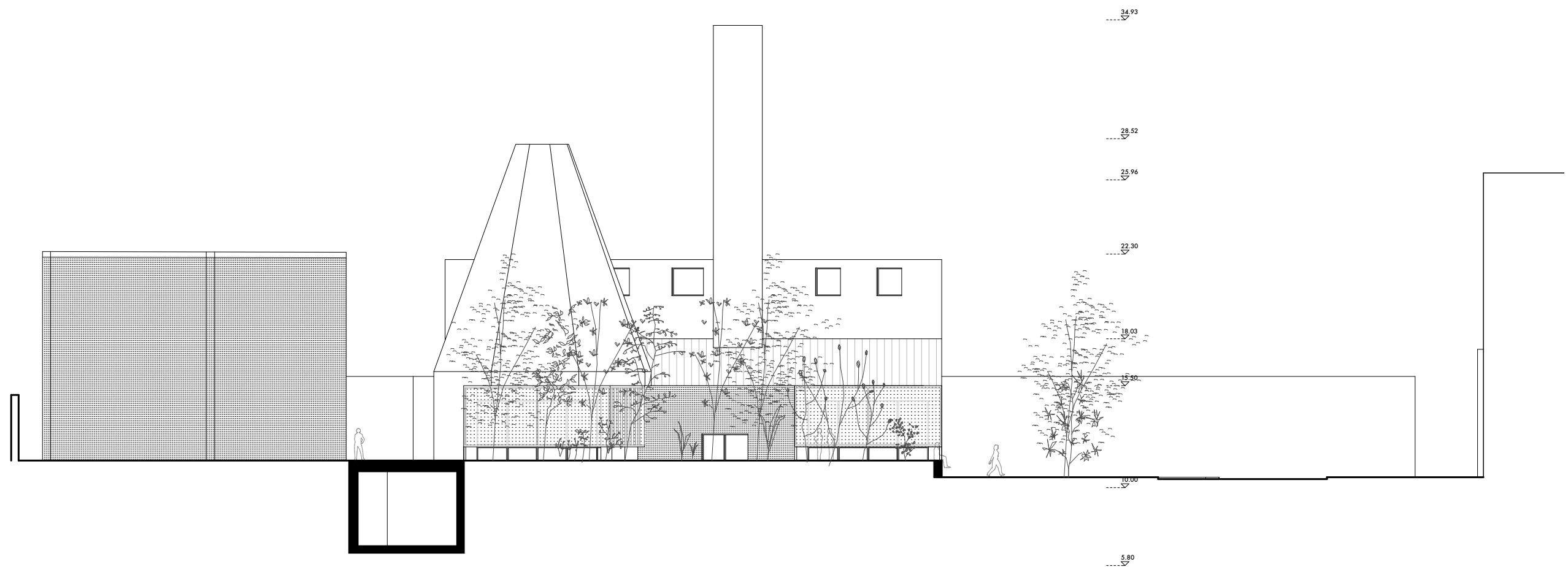
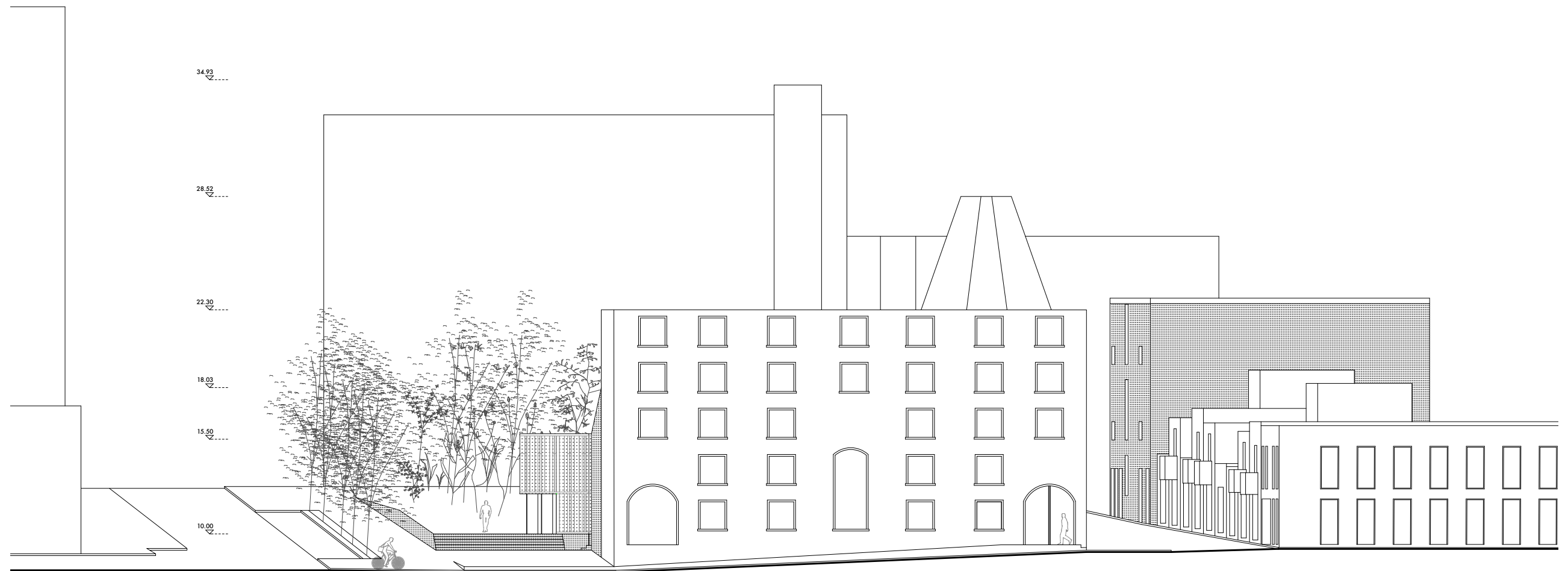


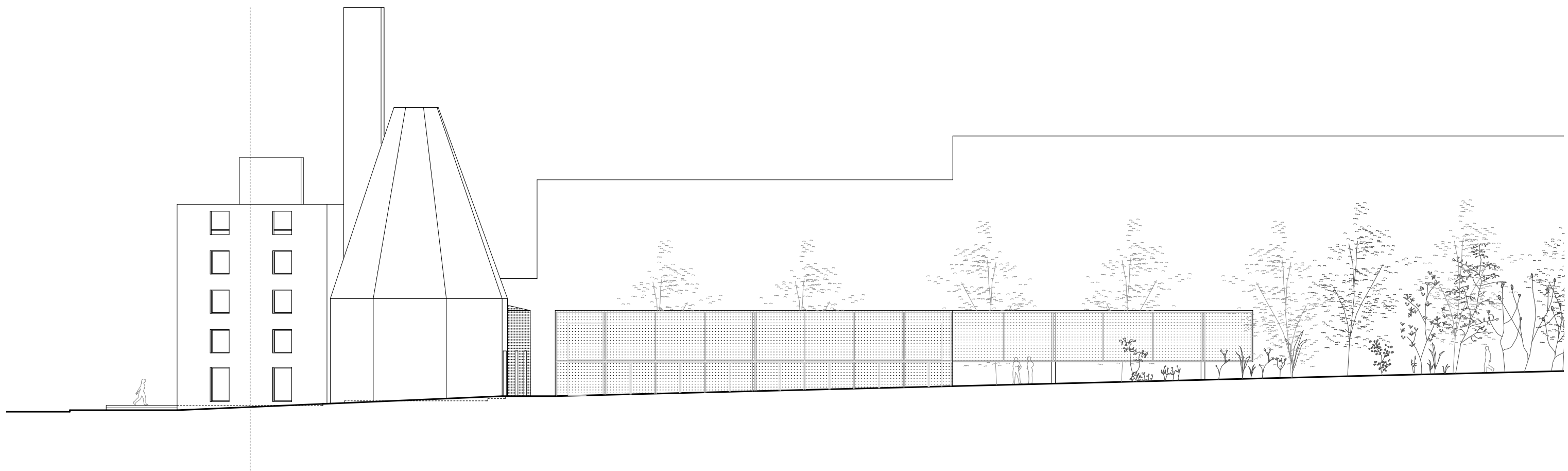
CORTE GG' 1/250



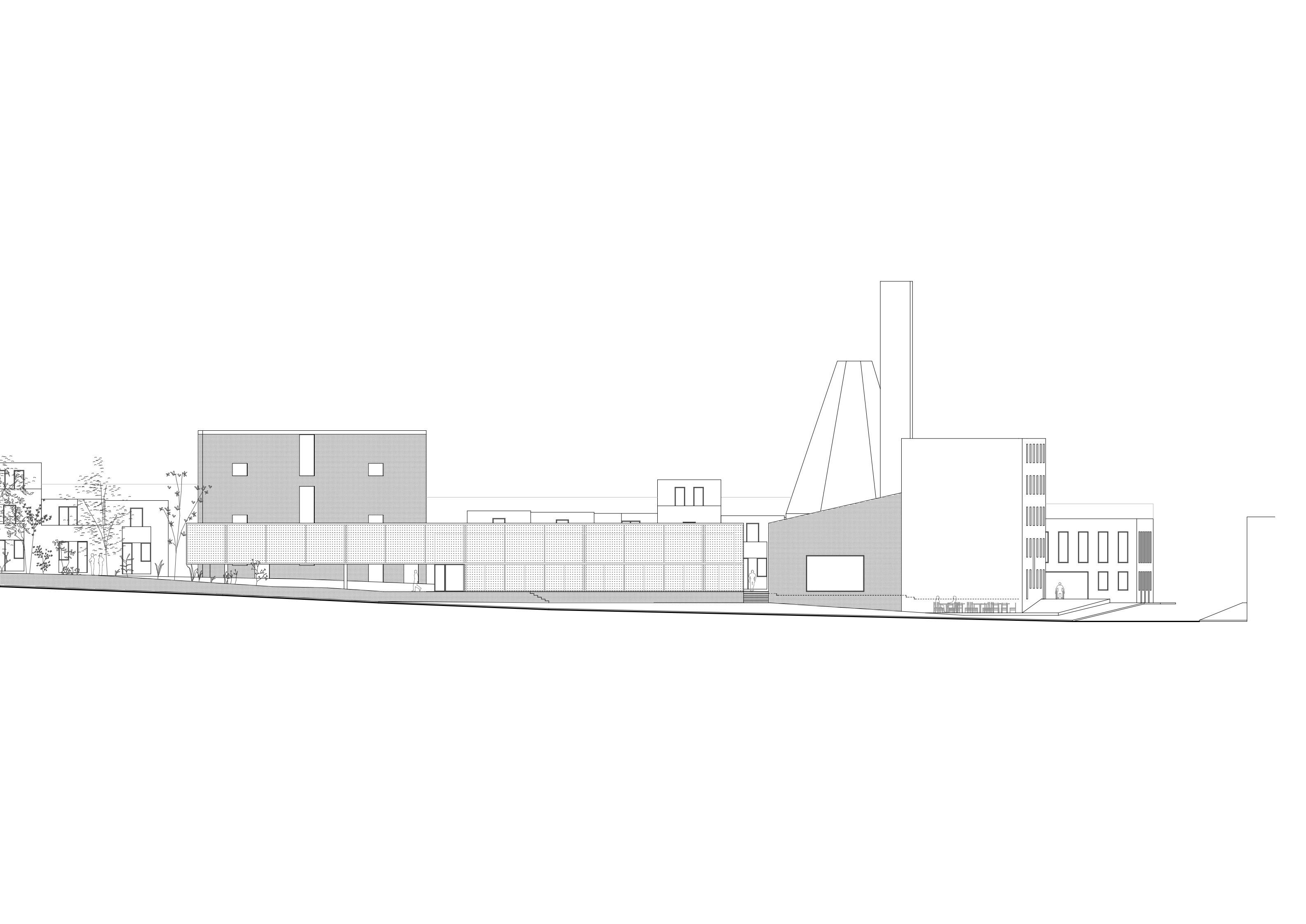
ALÇADO SUL 1/250

ALÇADO NORTE 1/250









CONSIDERAÇÕES FINAIS

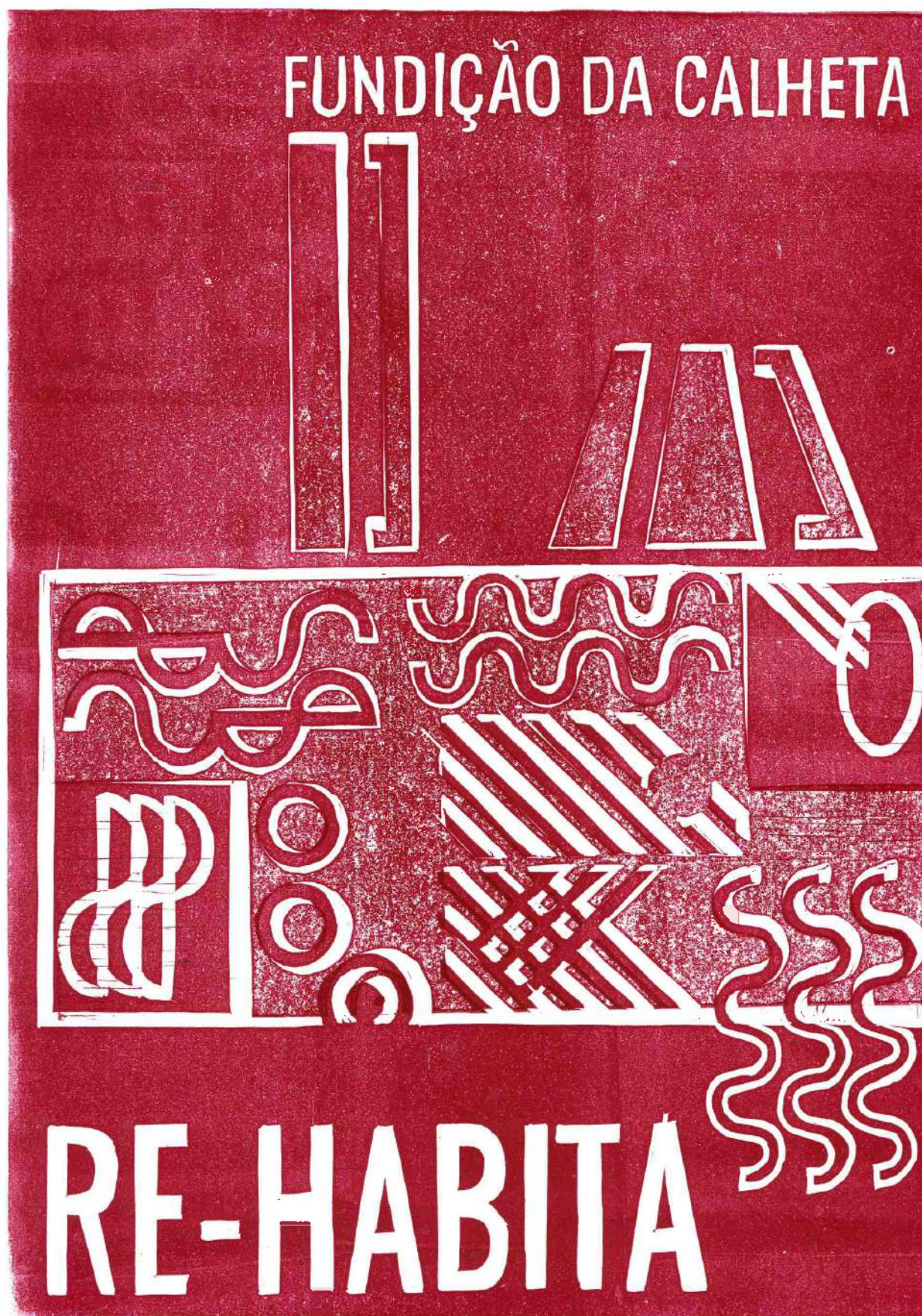
Este foi o desenvolvimento de um exercício, entre o projecto de arquitectura e o projecto urbano, na procura de identificar e perceber como se promovem os espaços lúdicos na cidade.

No jogo, a sensação de autonomia e de liberdade adquirida, está no fundo relacionada com a instituição de limites que definem uma estrutura, através da qual nos conseguimos identificar e relacionar com o meio envolvente, estabelecendo-se uma harmonia, uma ordem. O mesmo se passa no espaço. Foi essa relação do homem com o território de São Miguel, ou seja a definição de limites e a elaboração de uma estrutura ao longo do tempo, que permite identificar hoje um modo de ser micalense, inerente à comunidade da Calheta.

É na duração desta estrutura no tempo, no encontro entre o novo e o antigo, o local e o estrangeiro, o formal e o informal, e na constante renovação dos seus limites, que encontrámos o sentido de lúdico, ou seja de participação colectiva na construção de uma comunidade e do seu espaço. É na continuidade que se torna possível gerar um sentimento de pertença. A Calheta tornou-se exemplo de como a pouca sensibilidade à harmonia existente, pode corromper a relação dos habitantes à sua terra, deixando de haver uma participação no quotidiano, tornando a zona abandonada e trazendo vários problemas urbanos.

Reconhecemos assim que a participação colectiva no território, e o acto recreativo no quotidiano, são essenciais para se proporcionar qualidade de vida aos habitantes da cidade. Com esta afirmação não pretendemos assumir uma posição hedonista, em que o quotidiano do Homem deve ser movido pelo desejo. A noção de que o trabalho é importante, e concebe uma dicotomia com o lazer, está presente. Não é possível ter um sem o outro, eles influenciam-se mutuamente. Apenas pretendemos um maior equilíbrio entre os dois, uma vez que actualmente o primeiro se sobrepõe ao segundo, grande parte das vezes. Procurámos que a proposta tivesse um carácter realista, sem perder a noção da utopia transformadora.

A proposta para a Fundação da Calheta, é a expectativa de que esta se tornaria num espaço público na cidade de Ponta Delgada. Um espaço ordenado, que procura integrar-se na estrutura da cidade, dando-lhe continuidade, não só morfológicamente, como na vivência do quotidiano. Um lugar para o encontro na Calheta, tornando-a, novamente, central na vida de Ponta Delgada.



XX Ilustração de Sofia Albuquerque Sousa, moradora da Calheta.

BILIOGRAFIA

AAVV, *Arquitectura Popular dos Açores*. Lisboa: Ordem dos Arquitectos, 2000.

ALBERGARIA, Isabel Soares de, *"Arquitectura Regional". Debates e Propostas em Torno da Casa Açoriana na I República*. Ponta Delgada: Universidade dos Açores,

ALBERGARIA, Isabel Soares de. *Na Forja da "Arquitectura Regional". Entre o determinismo geográfico e as desinências nacionalistas: o caso açoriano*. Ponta Delgada: Universidade dos Açores.

ASCHER, François. *Novos princípios do urbanismo seguido de novos compromissos urbanos: um léxico*. Lisboa: Livros Horizonte, 2010.

ATHAIDE, Luís Bernardo Leite d', *Etnografia, Arte e Vida Antiga dos Açores*, Coimbra: Biblioteca Geral da Universidade de Coimbra, 1973.

COSTA, Carreiro da, *Etnologia dos Açores*, Lagoa, Câmara Municipal da Lagoa, 1991.

ELDEN, Stuart, *Understanding Henri Lefebvre*, Nova Iorque, Continuum, 2004

EYCK, Aldo Van, *The Child, The City And The Artist – An essay on architecture*. Sun, s.l., 1962.

FERNANDEZ, Antonio Toca (coord.), *Barragán : obra completa*. Lisboa: Dianlivro, 2003

FERRAZ, Marcelo Carvalho, *Arquitetura conversível*. Rio de Janeiro : Beco do Azougue, 2011.

FERRAZ, Marcelo (coord.), *Lina Bo Bardi*. São Paulo: Instituto Lina Bo e P. M. Bardi, 2008

GRANDE, Nuno (ed.), *O ser urbano : nos caminhos de Nuno Portas = The urban being : on the trails of Nuno Portas*. Guimarães: Imprensa Nacional-Casa da Moeda, 2012.

GRINOVER, Marina, RUBINO, Silvano, (Org.), *Lina por Escrito: Textos escolhidos de Lina Bo Bardi*. São Paulo: Cosac & Naify, 2009.

HERTZBERGER, Herman, *Articulations*. München: Prestel, 2002.

HUIZINGA, Johan, *Homo ludens: a study of the play-element in culture*, Londres: Paladin, 1971.

KOL DE CARVALHO, Jorge, *Cinquenta e tal arquitecturas pelo correio*. Ponta Delgada: Nova Gráfica, Lda, 2017.

LAMAS, José, *A Praça em Portugal – Açores. Inventário de Espaço Público*. Lisboa: Secretaria Regional do Ambiente e do Mar. Direcção Regional do Ordenamento do Território e dos Recursos Hídricos, 2005.

LAMAS, José, *Morfologia urbana e desenho da cidade*. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, 1993.

- LEFAIVRE, Liane (coord.), *Aldo van Eyck. The playgrounds and the city*. Amsterdam: Stedelijk Museum, 2002.
- LEITE, Elvira, *A dimensão lúdica na aprendizagem*, in GINOULHIAC, Marco (coord.), *Ludic Architecture*. Porto:FAUP, 2017.
- LEITE DE VASCONCELOS, J., *Mês de Sonho*. Ponta Delgada: Instituto Cultural de Ponta Delgada, 1992.
- LEFEBVRE, Henri, *Le droit à la ville*. Paris: Édition Anthropos, 1973.
- LEFEBVRE, Henri, FRIAS, Rubens (trad.), *O direito à cidade*. São Paulo: Centauro Editora, 2008.
- LIGTELIJN, Vincent; STRAUVEN, Francis. *Aldo Van Eyck : writings, the child, the city and the artist, an essay on architecture, the in-between realm*. Amsterdam: Sun Publishers, 2008.
- LIGTELIJN, Vincent; STRAUVEN, Francis, *Aldo Van Eyck: Writings [Vol. I - Collected Articles and Other Writings 1947-1998]*. Amsterdam: Sun, 2008.
- MONTANER, Josep Maria, *Arquitectura y crítica*. Barcelona: GG, 2007
- MUNARI, Bruno, *Fantasia*. Lisboa: Edições 79 ,Lda, 2015.
- NEMÉSIO, Vitorino, *Corsário das Ilhas*. INCM – Imprensa Nacional Casa da Moeda, 2005.
- NORBERG-SCHULZ, Christian, Angel Sánchez Gijón (trad.), *Louis I. Khan : idea e imagen*. Madrid: Xarait Ed., 1990.
- NORBERG-SCHULZ, Christian, *Genius Loci : towards a phenomenology of architecture*. New York, Rizzoli, 1980.
- OLIVEIRA, Olívia de, Lina Bo Bardi – *Sutis substâncias de arquitectura*. São Paulo: Gustavo Gili, 2006.
- PALLASMAA, Juhani, *Habitar*. Barcelona: GG, 2017.
- PAVÃO, José Almeida, *Aspectos Populares Micaelenses*. Angra do Heroísmo: Secretaria Regional da Educação e Cultura, 1919.
- RODRIGUES, José Miguel Neto Viana Brás *O mundo ordenado e acessível das formas da arquitectura*. Porto: FAUP, 2006.
- RODRIGUES DOS SANTOS, Cecília (coord.). *Centro de lazer=leisure center : SESC-fábrica de Pompeia=SESC-Pompeia factory*. Lisboa : Blau, 1996.
- SANTIAGO, Miguel, *Pancho Guedes. Metamorfoses Espaciais*. Casal de Cambra: Caleidoscópio, 2007.
- SILVANO, Filomena, *Antropologia do espaço*. Oeiras: Celta Editora, 2001.

SIZA VIEIRA, Álvaro, *Imaginar a evidência*. Lisboa: Edições 70, 2000.

SOLÀ-MORALES, Ignasi de, *Diferencias : topografía de la arquitectura contemporánea*. Barcelona, Gustavo Gili, 2003

STRAUVEN, Francis, *Aldo van Eyck: the shape of relativity*. Amsterdam: Architectura & Natura, 1998.

TAVARES, Gonçalo M., *Atlas do Corpo e da Imaginação*, Alfragide: Editorial Caminho, 2013.

TÁVORA, Fernando, *Da organização do espaço*. Porto: Faup Publicações, 1996.

VALE, Paulo Pires do, *Conversas. Ana Hatherley e o Barroco*. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, 2017.

VALDERRAMA APARICIO, Luz, *La Construcción de la Mirada: Tres Distancias*. Sevilla: Universidad de Sevilla/Secretariado de Publicaciones, 2004.

VENTURI, Robert. *Complexity and contradiction in architecture*. New York: Museum of Modern Art, 2014.

DICIONÁRIOS

AUROUX, Sylvain, WEIL, Yvonne, *Dicionário de Filosofia. Temas e Autores.* / Trad. Miguel Serras Pereira. Porto: Edições ASA, 1997

Dicionário latim-português/ português-latim. Porto: Porto Editora, 2010

Dicionário da Língua Portuguesa 2011. Porto: Porto Editora, 2010.

DISSERTAÇÕES

CABRAL, João, *Análise Urbana da Cidade de Ponta Delgada. O Papel dos Planos de Urbanização no Crescimento da Cidade*, Dissertação de Mestrado em Arquitectura, Orientação do Professor Doutor Manuel Fernandes de Sá, Faculdade de Arquitectura, Universidade do Porto.

CAMPONEZ, Sara, *CASA | D I S P O S I T I V O M A L É V O L O | M O V I M E N T O*, Dissertação de Mestrado em Arquitectura, Professor Orientador : Professor Doutor Manuel Augusto Soares Mendes, Faculdade de Arquitectura, Universidade do Porto, 2016

GRANDE, Nuno, *ARQUITECTURAS DA CULTURA: POLÍTICA, DEBATE, ESPAÇO*. Gênese dos Grandes Equipamentos Culturais da Contemporaneidade Portuguesa, Dissertação de Doutoramento em Arquitectura, Orientação do Professor Doutor Mário Júlio Teixeira Krüger, Departamento de Arquitectura, Faculdade de Ciências e Tecnologia, Universidade de Coimbra, 2009

RODRIGUES, Maia Inês, *RABO DE PEIXE SOCIEDADE E FORMA URBANA*, Dissertação de Mestrado em Arquitectura, Orientação do Professor Doutor Álvaro

Domingues, Faculdade de Arquitectura da Universidade do Porto, 2012

SAMPAIO, Rita, A TIPOLOGIA DA BRETANHA NA TRADIÇÃO DE CASA POPULAR MI-CAELENSE. A importância do lugar na construção da identidade, Dissertação de Mestrado em Arquitectura, Orientação do Professor Doutor José Manuel Soares, Faculdade de Arquitectura, Universidade do Porto, 2016

TRABALHOS ACADÉMICOS

AGUIAR, Alexandra, BORGES, Francisco, CANSADO, Diogo, LOPES, Gonçalo, NINA, Rui, SIMÃO, Dinis, Memória descritiva de trabalho de grupo para o Workshop: Vazio da Fundação da Calheta. Ponta Delgada: FAUAc, 2016.

ALVES, Margarida, BOTELHO, Sandra, PIMENTAL, Ludovina, "Varandas e Varandins de Ferro Fundido na cidade de Ponta Delgada", Docente orientador: Isabel Albergaria, Licenciatura de Património Cultural, Departamento de História, Filosofia e Ciências Sociais, Universidade dos Açores, Ponta Delgada: 2013

SOUSA MARTINS, Rui, "Fundição da Calheta. Ponta Delgada, São Miguel – Açores. Urgência de Classificação Patrimonial", Associação para a Defesa e Investigação do Património, Ponta Delgada, 2011.

PERIÓDICOS

2G – Lacaton & Vassal, No 21. Espanha: Editora Gustavo Gili, 2002.

Associação para a defesa e investigação do património cultural e natural de S. Miguel, "Calheta Pêro de Teve, Ponta Delgada". Ponta Delgada, 1983

NEMÉSIO, Vitorino, *Açorianidade em Insula* n7/8, 1932.

VÍDEOS

<https://www.youtube.com/watch?v=z4klH4Hz3yg&index=6&list=PLtlj37ah92GOSLtxRPG-ga6Nwmww8h-n0h&t=0s>

<https://www.youtube.com/watch?v=qhBZXClE8Z8&index=7&list=PLtlj37ah92GOSLtxRPG-ga6Nwmww8h-n0h>

<https://www.youtube.com/watch?v=81J6zTe17Ws&list=PLtlj37ah92GOSLtxRPG-ga6Nwmww8h-n0h&index=8>

<https://www.youtube.com/watch?v=RbAyXb48Fug&t=232s>

WEBSITES

https://www.revistapunkto.com/2014/01/o-espaco-publico-como-representacao_9694.html

https://www.revistapunkto.com/2014/11/realizar-poesia-guy-debord-e-revolucao_30.html

https://www.revistapunkto.com/2015/04/ordem-dos-objectos-e-pratica-da_28.html

<https://www.revistapunkto.com/2018/05/para-uma-teoria-do-projecto-inutil-joao.html>

https://www.revistapunkto.com/2018/04/a-deriva-na-internacional-letrista-para_6.html

<http://gamestudies.org/0601/articles/rodrigues>

ÍNDICE DE IMAGENS

- 01 Fotografia de Elvira Leite dos seus alunos, no Largo da Pena Ventosa, Porto, 1977.
<http://www.porto.pt/press-release/a-fotografia-produzida-no-bairro-da-se> (consultado a 25.09.2018)
- 02 Fundação da Calheta, 2018.
Arquivo Pessoal.
- 03 Farándula: Cerimónia de recepção aos caloiros da escuela de arquitectura y diseño da PUCV, nas ruas de Valparaíso, 2018.
<https://www.facebook.com/photo.php?fbid=10215168668266713&set=a.10215063517958021&type=3&theater> (consultado a 25.09.2018)
- 04 Farándula: Cerimónia de recepção aos caloiros da escuela de arquitectura y diseño da PUCV, nas ruas de Valparaíso, 2018.
<https://www.facebook.com/photo.php?fbid=10215168668266713&set=a.10215063517958021&type=3&theater> (consultado a 25.09.2018)
- 05 Filhas de pescadores, fotografia de Sérgio Larrain, Horcones, 1957.
<http://monsieurcocosse.blogspot.com/2014/09/the-world-turned-upside-down.html>
- 06 Procissão tradicional das Festas de Rabo de Peixe, São Miguel, Açores, 2018.
Arquivo Pessoal.
- 07 Procissão tradicional das Festas de Rabo de Peixe, São Miguel, Açores, 2018.
Arquivo Pessoal.
- 08 Dança com castanholas tradicional nas Festas de Rabo de Peixe, São Miguel, Açores, 2018.
Arquivo Pessoal.
- 09 Fotografia de Elvira Leite dos seus alunos, bairro da Sé, Porto, 1967.
LOURENÇO MARQUES, Susana (ed.), *Quem te ensinou? - ninguém. Elvira Leite*. Pierrot le fou, 2016
- 10 Fotografia de Elvira Leite dos seus alunos, bairro da Sé, Porto, 1967.
LOURENÇO MARQUES, Susana (ed.), *Quem te ensinou? - ninguém. Elvira Leite*. Pierrot le fou, 2016
- 11 Edifício Otto Barbosa de Amâncio Pancho Guedes, 1953, Maputo
<https://www.publico.pt/2015/11/07/culturaipsilon/noticia/morreu-pancho-guedes-arquitecto-moderno-excentrico-anar>
ca-e-livre-1713680#&gid=1&pid=9 (consultado a 25.09.2018)

- 12 Fábrica de pão Saipal de Amâncio Pancho Guedes, 1954, Maputo
<https://www.publico.pt/2015/11/07/culturaipsilon/noticia/morreu-pancho-guedes-arquitecto-moderno-excentrico-anarca-e-livre-1713680#&gid=1&pid=9> (consultado a 25.09.2018)
- 13 Escultura de Eduardo Chillida, no jardim da sua casa-estúdio, San Sebastián.
Arquivo Pessoal.
- 14 Escultura de Eduardo Chillida, no jardim da sua casa-estúdio, San Sebastián.
Arquivo Pessoal.
- 15 Praça São Marcos, Veneza.
<https://www.askideas.com/15-amazing-aerial-view-images-of-piazza-san-marco-venice/> (consultado a 26.09.2018)
- 16 Casa dos 24 de Fernando Távora e Sé do Porto.
<https://www.flickr.com/photos/frbernardo/4703871505> (consultado a 26.09.2018)
- 17 Recreio de Aldo van Eyck: reabilitação de um lote destruído pela guerra em Amsterdão.
<https://undiaunaarquitectura.wordpress.com/2015/04/20/jakoba-mulder-1900-1988/mulder06/> (consultado a 26.09.2018)
- 18 Recreio de Aldo van Eyck: reabilitação de um lote destruído pela guerra em Amsterdão.
<https://undiaunaarquitectura.wordpress.com/2015/04/20/jakoba-mulder-1900-1988/mulder06/> (consultado a 26.09.2018)
- 19 Universidade de Nanterre, arredores de Paris, anos 1960.
https://www.liberation.fr/france/2018/03/23/nanterre-l-universite-des-exiles_1638487 (consultado a 27.09.2018)
- 20 Nanterre, arredores de Paris, anos 1950.
<https://www.lelivrescolaire.fr/#!/manuel/1189304/histoire-geographie-3e-2016/chapitre/1189559/femmes-et-hommes-dans-la-societe-des-annees-1950-aux-annees-1980/page/1189565/les-immigres-dans-les-annees-1950-1980/lecon> (consultado a 27.09.2018)
- 21 Deriva por Valparaíso.
Arquivo Pessoal.
- 22 Diagrama Círculos Otterlo de Aldo van Eyck, 1959.
EYCK, Aldo Van, *The Child, The City And The Artist – An essay on architecture*. Sun, s.l., 1962.
- 23 Parque Komogawa, Quioto.
Arquivo pessoal.
- 24 Bairro Polaco, Brooklyn
Arquivo pessoal.

- 25 SESC Pompeia, São Paulo, Brasil.
Arquivo pessoal.
- 26 Plaza del Descanso, Valparaíso
Arquivo pessoal.
- 27 Oxaca, México
Arquivo pessoal.
- 28 Washington Square Park, Nova Iorque
Arquivo pessoal.
- 29 Jardim das Virtudes, Porto
Arquivo pessoal.
- 30 - 32 Fábrica de tambores dos irmãos Moser.
Lina Bo Bardi 100. Brazil's Alternative Path to Modernism. Berlim:
Hatje Cantz, 2015.
- 33 Planta e alçados do SESC Pompeia.
<https://www.archdaily.com.br/br/01-153205/classicos-da-arquitetura-sesc-pompeia-slash-lina-bo-bardi/5626eb86e58ecee6f00001d5-classicos-da-arquitetura-sesc-pompeia-slash-lina-bo-bardi-imagem>
- 34 Cantina do SESC Pompeia.
Lina Bo Bardi 100. Brazil's Alternative Path to Modernism. Berlim:
Hatje Cantz, 2015.
- 35 Cozinha do SESC Pompeia.
Lina Bo Bardi 100. Brazil's Alternative Path to Modernism. Berlim:
Hatje Cantz, 2015.
- 36 Zona Polivalente do SESC Pompeia.
Lina Bo Bardi 100. Brazil's Alternative Path to Modernism. Berlim:
Hatje Cantz, 2015.
- 37 Zonas de trabalho e de leitura do SESC Pompeia.
Lina Bo Bardi 100. Brazil's Alternative Path to Modernism. Berlim:
Hatje Cantz, 2015.
- 38 Solário - "rua da praia" - SESC Pompeia
Lina Bo Bardi 100. Brazil's Alternative Path to Modernism. Berlim:
Hatje Cantz, 2015.
- 39 Vista aérea do complexo SESC Pompeia.
Lina Bo Bardi 100. Brazil's Alternative Path to Modernism. Berlim:
Hatje Cantz, 2015.
- 40 Ilustração de Lina Bo Bardi para o SESC Pompeia.
Lina Bo Bardi 100. Brazil's Alternative Path to Modernism. Berlim:
Hatje Cantz, 2015.

- 41 Ilustração do Arquipélago dos Açores.
LEITE DE VASCONCELOS, J., *Mês de Sonho*. Ponta Delgada: Instituto Cultural de Ponta Delgada, 1992.
- 42 Ilustração da ilha de São Miguel.
Tipografia Micaelense
- 43 Baía da Calheta, início do séc. XX.
<https://www.facebook.com/pdlantigamente/photos/a.968565976524471/968565986524470/?type=3&theater>
(consultado a 27.09.2018)
- 44 Neblina na paisagem micaelense, 2015.
Arquivo pessoal.
- 45 Carro das Festas do Espírito Santo, Rabo de Peixe, São Miguel, Açores, 2018.
Arquivo pessoal.
- 46 Mulheres de Capote, traje tradicional açoriano, no adro da Igreja Matriz, Ponta Delgada, 1935
<https://www.facebook.com/pdlantigamente/photos/a.1025858997461835/1006090312772037/?type=3&theater>
(consultado a 27.09.2018)
- 47 OS Emigrantes, Domingos Rebelo, 1926.
<http://aervilhacorderosa.com/?s=taleigo&submit=Search>
(consultado a 27.09.2018)
- 48 Água Retorta, zona oriental.
AAVV, *Arquitectura Popular dos Açores*. Lisboa: Ordem dos Arquitectos, 2000.
- 49 Costa sul da ilha de São Miguel, Ponta Delgada e arredores, início do séc. XX.
AAVV, *Arquitectura Popular dos Açores*. Lisboa: Ordem dos Arquitectos, 2000.
- 50 Roupa das lavadeiras a secar, Calheta Pêro de Teive, Domingos Rebelo, 1938.
ALMEIDA, Leonor Pereira (coord.), *Domingos Rebelo. Porventura um pouco sonhador*, Ponta Delgada: Museu Carlos Machado, 2016
- 51 Pescador da Calheta.
Fotografia cedida por Diomar Almeida, morador da Calheta.
- 52 Fundação da Calheta, anos 1920.
https://www.facebook.com/pg/pdlantigamente/photos/?ref=page_internal
(consultado a 27.09.2018)
- 53 Vista aérea de Ponta Delgada, data desconhecida.
AAVV, *Arquitectura Popular dos Açores*. Lisboa: Ordem dos Arquitectos, 2000.
- 54 Planta de Michelotti, 1814.

- AAVV, *Arquitectura Popular dos Açores*. Lisboa: Ordem dos Arquitectos, 2000.
- 55 Ante-Plano Geral de Urbanização, de João de Aguiar, 1945.
CABRAL, João, *Análise Urbana da Cidade de Ponta Delgada. O Papel dos Planos de Urbanização no Crescimento da Cidade*, Dissertação de Mestrado em Arquitectura, Orientação do Professor Doutor Manuel Fernandes de Sá, Faculdade de Arquitectura, Universidade do Porto.
 - 56 Fotografia aérea de Ponta Delgada, anos 1970.
https://www.facebook.com/pg/pdlantigamente/photos/?ref=page_internal (consultado a 27.09.2018)
 - 57 Fotografia aérea de Ponta Delgada , início do séc. XX.
https://www.facebook.com/pg/pdlantigamente/photos/?ref=page_internal (consultado a 27.09.2018)
 - 58 Antigo Cais e Alfândega de Ponta Delgada, início do séc. XX
https://www.facebook.com/pg/pdlantigamente/photos/?ref=page_internal (consultado a 27.09.2018)
 - 59 Sobreposição da linha de costa original com o plano de João de Aguiar.
https://www.facebook.com/pg/pdlantigamente/photos/?ref=page_internal (consultado a 27.09.2018)
 - 60 Avenida D. João III, 2018.
Arquivo pessoal.
 - 61 Avenida D. João III e Fundação da Calheta, 2018.
Arquivo pessoal.
 - 62 1ª Travessa da Calheta, 2018.
Arquivo pessoal.
 - 63 Planta e corte de casa térrea tradicional do centro da ilha de São Miguel.
AAVV, *Arquitectura Popular dos Açores*. Lisboa: Ordem dos Arquitectos, 2000.
 - 64 - 73 Interior da casa de Dona Anabela, moradora na 2ª travessa da Calheta, 2018.
Arquivo pessoal.
 - 74 Crianças à porta de casa, Ribeira Seca.
AAVV, *Arquitectura Popular dos Açores*. Lisboa: Ordem dos Arquitectos, 2000.
 - 75 Dona Anabela na cancela de sua casa, Calheta.
Arquivo pessoal.
 - 76 - 80 Fábrica da Chicório no lote da Fundação da Calheta e traseiras das casas da rua Moinho de Vento, 2018.
Arquivo pessoal.

- 81 Projecto de prolongamento da Avenida Marginal em ponte, no Açoriano Oriental, 25 de Março 1982
Arquivo da Biblioteca Municipal de Ponta Delgada
- 82 Projecto de prolongamento da Avenida Marginal, aterrando o porto da Calheta 30 de Julho de 1980
Arquivo da Biblioteca Municipal de Ponta Delgada
- 83 Durante o aterro do porto da Calheta.
[https://www.facebook.com/pg/pdlantigamente/photos/?ref=page_inter](https://www.facebook.com/pg/pdlantigamente/photos/?ref=page_internal)
nal (consultado a 27.09.2018)
- 84 Vista da rua Eng. José Cordeiro após o aterro.
https://www.facebook.com/pg/pdlantigamente/photos/?ref=page_inter
nal (consultado a 27.09.2018)
- 85 Vista do casino e do centro comercial na Calheta.
https://www.facebook.com/pg/pdlantigamente/photos/?ref=page_inter
nal (consultado a 27.09.2018)
- 86 Capa da página de facebook do movimento "Queremos a Calheta de volta", 2016.
<https://www.facebook.com/queremosacalhetadevolta/>
- 87 Projecto de António Pardal para edifícios de habitação plurifamiliar no lote da Dundição da Calheta, encomendado pelo anterior proprietário a empresa MCosta, 1997
- 88 O investimento do Fundo Discovery na Calheta de Pêro de Teive de 13 milhões de euros (10 milhões de euros para a construção de uma unidade hoteleira e três milhões de euros para a demolição das galerias e construção de um espaço público de 3.300 m2.)
<http://www.iloveazores.net/2018/06/requalificacao-da-calheta-pe-ro-de-teive.html> (consultado a 27.09.2018)
- 89 - 94 A vivência do porto da Calheta, como espaço de trabalho e de lazer.
[https://www.facebook.com/pg/pdlantigamente/photos/?tab=album&al](https://www.facebook.com/pg/pdlantigamente/photos/?tab=album&album_id=968565976524471)
bum_id=968565976524471 (consultado a 27.09.2018)
- 95 - 96 A vivência do porto da Calheta, como espaço de trabalho e de lazer.
[https://www.facebook.com/profile.php?id=519264994&sk=photos&collec](https://www.facebook.com/profile.php?id=519264994&sk=photos&collection_token=519264994%3A2305272732%3A69&set=a.10150780028939995&type=3)
tion_token=519264994%3A2305272732%3A69&set
=a.10150780028939995&type=3 (consultado a 27.09.2018)
- 97 A vivência do porto da Calheta, como espaço de trabalho e de lazer.
[https://www.facebook.com/pg/pdlantigamente/photos/?tab=album&al](https://www.facebook.com/pg/pdlantigamente/photos/?tab=album&album_id=968565976524471)
bum_id=968565976524471 (consultado a 27.09.2018)
- 98 A vivência do porto da Calheta, como espaço de trabalho e de lazer.
[https://www.facebook.com/profile.php?id=519264994&sk=photos&collec](https://www.facebook.com/profile.php?id=519264994&sk=photos&collection_token=519264994%3A2305272732%3A69&set=a.10150780028939995&type=3)
tion_token=519264994%3A2305272732%3A69&set
=a.10150780028939995&type=3 (consultado a 27.09.2018)

- 99 Montagem de vista aérea do lote da Fundação da Calheta.
Arquivo pessoal.
- 100 - 101 Fábrica da Chicória, início dos anos 2000
Arquivo da empresa Marques.
- 102 - 103 Fundação da Calheta, início dos anos 2000.
Arquivo da empresa Marques.
- 104 Levantamento do edifício da Fundação da Calheta, 2017.
Arquivo pessoal.
- 105 Estado actual da Fundação da Calheta.
Arquivo pessoal.
- 106 Estado actual da Fundação - interior.
Arquivo pessoal.
- 107 Esquema do programa proposto.
Arquivo pessoal.
- 108 Esquema da estratégia urbana proposta.
Arquivo pessoal.
- 109 Colagens ilustrativas da vivência pretendida nos espaços da proposta.
Arquivo pessoal.
- 110 Desenhos das diferentes fases do processo.
Arquivo pessoal.
- 111 Teatro Polivalente, Lacaton & Vassal, Lille, França.
<https://www.archdaily.com.br/br/601252/teatro-polivalente-slash-lacaton-and-vassal/52fcbf00e8e44e158900009b-polyvalent-theater-lacaton-and-vassal-photo> (consultado a 27.09.2018)
- 112 Art Museum Bregenz, Peter Zumthor, Austria.
<https://en.wikiarquitectura.com/building/kunsthaus-bregenz/>
(consultado a 27.09.2018)
- 113 Bairro da Malagueira, Álvaro Siza Vieira, Évora, Portugal.
<https://www.area-arch.it/en/malagueira-district-complex/>
(consultado a 27.09.2018)

Nota à edição:
A presente publicação foi redigida segundo o acordo ortográfico anterior ao actualmente vigente.

